



UNICAMP

DANUSA LOPES BERTAGNOLI

**ESTUDO ENUNCIATIVO SOBRE O FUNCIONAMENTO DE
“SUPER” COMO FORMA LIVRE E SUA RELAÇÃO COM O
DIZER FEMININO**

CAMPINAS

2014



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

DANUSA LOPES BERTAGNOLI

**ESTUDO ENUNCIATIVO SOBRE O FUNCIONAMENTO DE
“SUPER” COMO FORMA LIVRE E SUA RELAÇÃO COM O DIZER
FEMININO**

**Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto
de Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do título de
Mestra em Linguística.**

Orientadora: Profa. Dra. Mónica Graciela Zoppi Fontana

**CAMPINAS,
2014**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

B461e Bertagnoli, Danusa Lopes, 1984-
Estudo enunciativo sobre o funcionamento de "super" como forma livre e sua relação com o dizer feminino / Danusa Lopes Bertagnoli. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Mónica Graciela Zoppi Fontana.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Semântica. 2. Enunciação (Linguística). 3. Modalidade (Linguística). 4. Mulheres - Linguagem. I. Zoppi-Fontana, Mónica, 1961-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Enunciative study on the operation of "super" as free form and its relation to the feminine enunciative mode

Palavras-chave em inglês:

Semantics

Enunciation (Linguistics)

Modality (Linguistics)

Women - Language

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestra em Linguística

Banca examinadora:

Mónica Graciela Zoppi Fontana [Orientador]

Sheila Elias de Oliveira

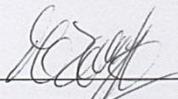
Luiz Francisco Dias

Data de defesa: 03-07-2014

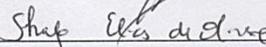
Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

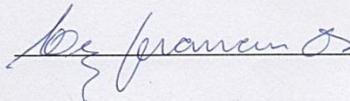
Mónica Graciela Zoppi Fontana



Sheila Elias de Oliveira



Luiz Francisco Dias



Carolina de Paula Machado



Eduardo Roberto Junqueira Guimarães



IEL/UNICAMP
2014

RESUMO

Neste trabalho, procuramos descrever o funcionamento de *super* como forma livre, especialmente na sua relação com o verbo como, por exemplo, em *super quero*, *super recomendo*, *super vou comprar*, etc. Nestes casos, observamos a incidência de *super* sobre o verbo sem que ele esteja preso à base verbal, mostrando assim um funcionamento diferente do prefixo *super-* como, por exemplo, em *superproteger* e *superestimar*. Para compreendermos este funcionamento analisamos, em um primeiro momento, os aspectos morfossintáticos que caracterizam esta forma, pensando, por um lado, a sua relação com *super-* (prefixo) e, por outro lado, a sua relação com os verbos sobre os quais incide. Em um segundo momento, procuramos compreender o funcionamento semântico-enunciativo de *super*, considerando o conceito de *Modificador Sobrerrealizante (MS)*, proposto por García Negroni (1995, 1999), assim como os conceitos de *modalização* e *performatividade*. Através deles, pudemos compreender o funcionamento de *super* como forma livre na enunciação, caracterizando-a como uma marca através da qual o locutor se representa no enunciado, ou ainda como um modo de dizer a partir do qual é possível observar a relação do sujeito com a língua. Por fim, devido à natureza do nosso corpus, que se constitui majoritariamente de enunciados retirados de blogs com temas genericamente caracterizados como femininos, nos propusemos a analisar o espaço de enunciação no qual estes enunciados ocorrem (a blogosfera), bem como as determinações das relações de gênero que observamos neste espaço, a fim de mostrarmos como *super* pode, entre outras marcas linguísticas, caracterizar um modo de dizer feminino.

Palavras-chave: Semântica; Enunciação; Modalização; Intensificação; Dizer Feminino

ABSTRACT

In this work we seek to describe the operation of *super* as free form, especially in its relation to the verb, for example, *super quiero* (*I super want*), *super recomendo* (*I super recommend*), *super vou comprar* (*I'm super going to buy*), etc. In these cases, we observed the effect of *super* on the verb without it being attached to the verbal base, thus showing a different operation from that of the prefix *super-* as, for example, *superproteger* (*overprotect*) and *superestimar* (*overrate*). In order to understand this operation, at first we analyzed the morphosyntactic aspects that characterize this form, on the one hand thinking its relation to *super-* (prefix) and, moreover, its relation to the verbs it affects. In a second stage, we sought to understand the semantic-enunciative operation of *super*, considering the concept of a modifier called “surrealisant” (overrealizing) by García Negroni (1995, 1999) as well as the concepts of *modality* and *performativity*. Through them, we can understand the operation of *super* as a free form in the enunciation, characterizing it as a mark by which the speaker represents themselves in the utterance, or as an enunciative mode in which it is possible to observe the relation between the subject and the language. Finally, due to the nature of our corpus, which consists mainly of utterances taken from blogs with themes generally characterized as feminine, we purposed to analyze the space of enunciation in which these utterances occur (the blogosphere), as well as the determinations of gender relations observed in this space in order to show how *super* can, among other language marks, characterize a feminine enunciative mode.

Keywords: Semantics; Enunciation; Modalization; Intensification; Feminine Enunciative Mode

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. Constituição do corpus e método de trabalho	5
CAPÍTULO 1 - O PREFIXO <i>SUPER</i>- E SEU PROCESSO DE DESTACAMENTO DA BASE LEXICAL.....	11
1. Caracterização do prefixo e de seu funcionamento	11
2. <i>Super</i> - e sua relação com o verbo	18
3. Caracterização do funcionamento de <i>super</i> como forma livre em relação a <i>super</i> -prefixo	25
CAPÍTULO 2 - A ARTICULAÇÃO ENTRE <i>SUPER</i> (FORMA LIVRE) E O VERBO	33
1. Aspecto e Acionalidade: duas categorias distintas?.....	34
1.1.A acionalidade do verbo: quadro das classes acionais do português brasileiro	40
2. <i>Super</i> e a acionalidade do verbo	46
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DE <i>SUPER</i>.....	81
1. O Modificador Sobrerrealizante (MS) e a Teoria dos Modificadores	81
2. Modalidade e os modos de dizer.....	91
3. Análise do funcionamento semântico-enunciativo de <i>super</i>	97
CAPÍTULO 4 - O FUNCIONAMENTO DE <i>SUPER</i> E SUA RELAÇÃO COM UM MODO DE DIZER FEMININO	123
1. A blogosfera como um espaço de enunciação	124
1.1.A divisão da blogosfera determinada pelas relações de gênero	131
2. Análise: a blogosfera e o universo feminino	139
CONCLUSÃO.....	153
REFERÊNCIAS	159
APÊNDICE - TESTES PARA CLASSIFICAÇÃO ACIONAL DOS PREDICADOS ANALISADOS NO CAPÍTULO 2 EM RELAÇÃO À DURAÇÃO	163

ANEXOS	167
---------------------	------------

AGRADECIMENTOS

O mestrado foi para mim um momento de muitos encontros: com a palavra, com colegas dedicados à pesquisa, com professores exemplares... E eu tenho muito a agradecer por estes encontros, pois eles me permitiram desenvolver esta pesquisa e ampliar minha formação.

Gostaria de agradecer inicialmente à professora Mônica Zoppi, pois através de suas aulas, sempre enriquecedoras, pude conhecer os caminhos dos estudos semânticos pelos quais decidi posteriormente me aventurar. Mas, principalmente, gostaria de agradecê-la por sua orientação nestes três anos de trabalho, da iniciação científica ao mestrado.

Agradeço também à professora Sheila Elias de Oliveira com quem pude manter um diálogo constante nestes três anos, contribuindo muito para o desenvolvimento desta pesquisa. Ao professor Luiz Francisco Dias pelos seus estudos inspiradores sobre a língua e pela leitura atenta e competente que fez de meu trabalho.

Agradeço às amigas sempre presentes Bia, Adriana, Flávia Rodrigues, Melissa Matsunaga, Mari Santos, Mari Marques e Karina; aos amigos que encontrei ao longo do mestrado Vinícius, Flávia Orci, Janaína, Rogério e, especialmente, ao Marcel e à Cris que se dispuseram a rever junto comigo alguns pontos do trabalho naquele momento em que estamos tão envolvidos com o texto que fica difícil perceber seus problemas. Agradeço também à Michele, ao Adriano, ao Phellipe, ao Guilherme, à Aline, à Eliane, ao Antônio e à Luciana, amigos que encontrei no período de intercâmbio na França e que foram fundamentais neste momento, seja com sua companhia sempre divertida, seja me ajudando com as questões que enfrentamos quando estamos em um país estranho ao nosso. Agradeço especialmente à Fernanda D'Olivo por, juntamente com a Michele, ter me acolhido em sua casa no momento da minha chegada e também por estar me ajudando tanto nestes últimos meses.

Agradeço também ao Programa de Bolsas Santander que possibilitou meus estudos por um semestre no programa de mestrado da Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3 e à professora Georgeta Cislaru pela ótima recepção e acompanhamento do meu trabalho durante a minha estadia nesta universidade.

Aos funcionários do IEL, especialmente ao Claudio, à Francis e à Sueli que sempre me ajudaram com as questões práticas do mestrado e da Fapesp. Agradeço também aos colegas com quem tive a oportunidade de trabalhar na organização do XVIII SETA, com os quais pude aprender muito.

Aos meus familiares pelos princípios e valores que sempre me ensinaram, seja com conselhos, seja através de seus exemplos. Agradeço especialmente à minha mãe Maria por me apoiar sempre e à tia Rose pelo suporte que me deu para que eu pudesse realizar a viagem de intercâmbio.

Agradeço também à Fapesp pelo financiamento desta pesquisa desde o seu início.

A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida.

Vinícius de Moraes

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivos descrever a realização de *super* como uma forma livre e compreender o seu funcionamento na enunciação. Nosso interesse em estudar essa forma surgiu da observação de certos enunciados nos quais *super* ocorre destacado de uma base, mostrando assim um funcionamento diferente de *super-* prefixo que, enquanto tal, aparece sempre ligado a uma base, como nas palavras *supermercado* e *super-homem*, por exemplo. Esse modo de ocorrência como uma forma livre parece ser bastante produtivo e ocorre já há algum tempo no português, especialmente quando *super* se articula a adjetivos e advérbios, como em *super legal* e *super bem*.

Porém, temos observado recentemente que ele tem ocorrido em sua forma livre também articulado a verbos, como, por exemplo, em “super quero”, “super acho”, “acertou super”, etc.; mostrando assim uma diferença em relação às ocorrências de *super-* prefixo como em *superestimar*, *supervalorizar*, *superproteger*, etc. Dizemos que esta ocorrência de *super* destacado da base verbal parece ser um fenômeno recente, pois, se retomarmos alguns trabalhos acerca da ligação do prefixo [super- + verbo], tais como os trabalhos de Cavalcanti (1980), Sandmann (1989) e Alves (1990), perceberemos que não há menção deste funcionamento que aqui queremos descrever, indicando que, possivelmente ele ainda não aparecia (ao menos em número significativo) nos dados pesquisados por estes autores.

Ainda que a questão da dependência em relação a uma base seja uma questão relevante e nos chame atenção para este funcionamento, podemos perceber a diferença entre as duas formas principalmente pelo sentido que elas expressam. O prefixo *super-*, segundo algumas gramáticas e certos dicionários, expressa um sentido de excesso ou abundância, como é possível perceber nos verbos *superestimar* e *superproteger* que significam estimar e proteger em excesso. No entanto, não parece ser este o sentido que encontramos, de modo geral, na ocorrência de *super* como forma livre, pois se assim o fosse, teríamos “super acho = acho em excesso/em abundância” ou ainda “acertou super = acertou em excesso/em abundância”. Porém, não parecem ser esses os sentidos expressos por *super* nessas ocorrências, o que nos leva a considerá-lo como uma forma diferente de *super-* prefixo.

Outro ponto a partir do qual podemos observar a diferença de funcionamento entre as duas formas diz respeito aos contextos sintáticos em que elas ocorrem. Enquanto uma forma presa, *super-* prefixo precisa estar ligado a uma base para formar uma nova palavra e, neste sentido, podemos pensar que entre o prefixo e a base não poderia intervir nenhum outro elemento linguístico. No entanto, observamos que não há essa restrição para o funcionamento de *super* (forma livre), visto que em nosso corpus encontramos *super* ocorrendo nos seguintes contextos: após o verbo (contrariando assim a posição de precedência típica do prefixo), com expressões fixas, antes de verbos pronominais ou reflexivos (*super me candidato* ao invés de *me supercandidato*) e antes de perífrases verbais (*super vou comprar* ao invés de *vou supercomprar*).

Estas observações iniciais sobre o funcionamento de *super* como forma livre e de *super-* prefixo, considerando tanto o seu aspecto morfossintático, quanto o seu aspecto semântico, nos mostram que estamos diante de funcionamentos linguísticos diferentes. Neste sentido, interessa-nos investigar este novo funcionamento de *super* que parece ser recente e que o distingue do funcionamento de *super-* prefixo, sendo este já bastante cristalizado na língua.

Outra questão que nos chama atenção é que enquanto *super-* prefixo tem um uso bastante disseminado na língua, podendo ocorrer tanto em contextos formais, quanto em contextos informais, seja na fala ou na escrita, a forma livre *super* parece ocorrer majoritariamente em situações informais ou familiares, sejam elas orais ou escritas. Considerando esta questão, selecionamos como corpus enunciados retirados de blogs, pelo fato destes se constituírem como um espaço híbrido, no qual observamos a utilização da escrita com o cruzamento de vários elementos próprios da oralidade, além de serem, de modo geral, espaços em que circula uma linguagem informal. A busca dos nossos dados nestes blogs fez surgir uma outra questão a ser discutida neste trabalho, pois grande parte destes dados foram encontrados em blogs com temas denominados genericamente como tipicamente femininos. Neste sentido, colocou-se como uma questão a ser observada se a ocorrência de *super* como forma livre seria determinada por relações de gênero.

Dessa forma, nosso trabalho procura descrever tanto o funcionamento morfossintático de *super*, mostrando a sua diferença em relação ao prefixo, quanto o seu

funcionamento semântico-enunciativo, mostrando a polissemia que constitui essa forma. Essa divisão é aqui estabelecida apenas com o caráter de simplificar os procedimentos de análise, uma vez que entendemos que estes dois aspectos não se separam na enunciação. Além disso, é justamente a polissemia de *super* (forma livre) que irá determinar a sua mobilidade sintática, permitindo que ele ocorra em contextos sintáticos distintos de *super*-prefixo.

Assim, dividimos nosso trabalho em quatro capítulos. No primeiro capítulo fazemos uma discussão em torno das questões que caracterizam a unidade prefixal, a partir de alguns estudos da Lexicologia, e também uma apresentação de como o prefixo *super*- tem sido abordado nestes estudos. Neste capítulo iniciamos também a discussão sobre a relação do prefixo *super*- com o verbo, procurando mostrar como alguns estudos têm descrito e acompanhado o processo de destacamento de *super*- da base verbal. Por fim, através da análise de alguns enunciados, procuramos mostrar em que medida *super* como forma livre mostra-se como uma unidade lexical distinta de *super*-prefixo.

No capítulo 2 aprofundamos a discussão em torno da relação entre *super* e o verbo, abordando especificamente a relação entre aspecto e acionalidade, pois, uma questão inicial que se colocou a este trabalho foi se *super* poderia ocorrer com qualquer tipo de verbo ou se algumas das propriedades do verbo poderiam restringir a incidência de *super* sobre ele. A partir da abordagem destes conceitos, analisamos um conjunto de 30 enunciados retirados de blogs, observando a relação de *super* com os verbos sobre os quais incide, no que diz respeito ao seu funcionamento e à sua frequência de ocorrência.

No capítulo 3 passamos a abordar o funcionamento semântico-enunciativo de *super*, a partir de três conceitos fundamentais: o conceito de *Modificador Sobrerrealizante (MS)* proposto por García Negroni (1995, 1999) no âmbito da Teoria da Argumentação na Língua trabalhada por Ducrot e Anscombre, e os conceitos de *modalização* (tratada sob uma abordagem enunciativa) e de *performatividade* como trabalhada por Austin (1990).

Por fim, no capítulo 4, considerando a questão apontada acima sobre a natureza de nosso corpus, apresentamos uma análise sobre a blogosfera, caracterizando-a como um espaço enunciativo determinado pela divisão política da língua, a partir de alguns conceitos trabalhados por Guimarães (2005) na Semântica do Acontecimento. Procuramos mostrar

que uma das divisões que caracteriza o espaço da blogosfera está justamente determinada por uma relação de gênero, sendo o direito de dizer sobre certos temas distribuídos desigualmente entre os falantes que circulam neste espaço. Essa análise nos permitirá mostrar que podemos considerar a forma *super* como um modo de dizer feminino, através do qual o locutor se representa na enunciação.

Dessa forma, pretendemos mostrar que, mais do que questões morfosintáticas sobre o que caracterizaria *super* como forma livre e como ele se diferencia do prefixo, o funcionamento desta forma na enunciação nos permite observar a relação do sujeito com a língua, na medida em que se constitui como uma marca do locutor no enunciado. Neste sentido, ainda que mobilizemos neste trabalho perspectivas teóricas diferentes a fim de explicar determinados aspectos do funcionamento de *super* como forma livre, tratamos este funcionamento como sendo determinado pelas relações enunciativas que se dão no acontecimento da enunciação, seguindo o que afirma Guimarães (2009):

Assim, falar do sentido de uma expressão em um enunciado exige que se considere em que texto está essa unidade. São as relações de linguagem que constituem sentido. E, mais especificamente, são as relações enunciativas do acontecimento que constituem sentido. O sentido não se reduz a uma mera relação interna em uma estrutura entre os elementos da estrutura, independentemente de qualquer exterioridade. (GUIMARÃES, 2009, p. 50)

Dessa forma, localizamos este estudo sobre o funcionamento de *super* como forma livre em uma abordagem que trata o sentido como determinado pelo acontecimento da enunciação e não como uma relação de contiguidade linguística determinada simplesmente pelo arranjo sintático. Nesta perspectiva a língua é tratada como um conjunto de regularidades construídas pelo funcionamento enunciativo, determinadas assim historicamente, e não como um sistema de regras ou como uma estrutura abstrata. Assim, compreendemos o funcionamento de *super* como forma livre como o resultado de uma história de enunciações envolvendo o seu prefixo correspondente, que permitiu que essa forma derivasse em outra (a forma livre *super*), revelando assim novos funcionamentos e efeitos dessas formas na enunciação.

1. Constituição do corpus e método de trabalho

O corpus deste estudo constitui-se de enunciados retirados de postagens e comentários presentes em blogs da internet, a partir de entradas de buscas com a estrutura [eu/ele + super + verbo]. Nossa escolha por trabalharmos com blogs baseia-se no fato de que o funcionamento de *super* que procuramos descrever parece ocorrer principalmente na linguagem informal, seja na fala ou em certos espaços de escrita da internet. Considerando esta questão, trabalhamos inicialmente com um corpus constituído por dados de fala, o corpus do Museu da Pessoa¹, a fim de encontrarmos alguns verbos que podem aparecer mais na linguagem oral. Assim, selecionamos os cinquenta verbos que ocorrem em maior número neste corpus² e os apresentamos abaixo acompanhados de sua frequência:

1. Ser: 12.346	11. Querer: 999	21. Achar: 541	31. Morrer: 368	41. Ganhar: 293
2. Ter: 6.466	12. Ficar: 957	22. Sair: 515	32. Falar: 364	42. Pôr: 294
3. Ir: 3.848	13. Trabalhar: 932	23. Comer: 478	33. Chamar: 362	43. Tirar: 270
4. Estar: 3.204	14. Poder: 876	24. Levar: 474	34. Entrar: 361	44. Contar: 245
5. Fazer: 2.655	15. Ver: 856	25. Viver: 439	35. Nascer: 349	45. Pensar: 239
6. Haver: 1.825	16. Gostar: 773	26. Vender: 437	36. Olhar: 348	46. Acabar: 234
7. Vir: 1.594	17. Passar: 767	27. Casar: 390	37. Deixar: 334	47. Trazer: 217
8. Dizer: 1.590	18. Andar: 766	28. Morar: 378	38. Comprar: 320	48. Acontecer: 213
9. Dar: 1.218	19. Chegar: 712	29. Lembrar: 377	39. Pagar: 304	49. Estudar: 210
10. Saber: 1.022	20. Começar: 603	30. Conhecer: 374	40. Tomar: 300	50. Ajudar: 203

¹ “O Museu da Pessoa é um museu virtual e colaborativo de relatos de vida. Aqui, toda e qualquer pessoa é convidada a contar histórias e a explorar o acervo de mais de 15 mil narrativas em textos, imagens, vídeos e áudios”. (Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net/conheca.php>>. Acesso em: 22 jan. 2013).

² O corpus do Museu da Pessoa é constituído de entrevistas através das quais as pessoas contam experiências de vida. É um corpus com dados do português brasileiro, hospedado no site da Linguateca. “A Linguateca é um centro de recursos distribuído para o processamento da língua portuguesa, www.linguateca.pt, financiado pelo governo português desde Maio de 2000, que foi criado após o projecto preparatório intitulado ‘Processamento computacional do português’ (1998-2000)”. Em seu site, abriga corpora não só do português europeu, como também do português brasileiro e de Moçambique. (Disponível em: <<http://www.linguateca.pt/>>. Acesso em: 22 jan. 2013).

A partir desta lista, fizemos um novo recorte e reduzimos o número de verbos para 24, são eles: *ser, ter, estar, fazer, vir, dizer, dar, saber, querer, ficar, ver, gostar, chegar, começar, achar, sair, comer, viver, casar, lembrar, morrer, falar, nascer e comprar*. Reduzimos a quantidade de verbos para 24 a fim de delimitarmos nosso corpus, uma vez que consideramos como critérios de busca o tempo e a pessoa verbal, configurando assim 6 entradas de busca para cada verbo, totalizando 144 entradas de busca. Por exemplo, tomando o verbo *querer* utilizamos como entrada de busca: *eu super quis, eu super quero, eu super vou querer, ele super quis, ele super quer, ele super vai querer*. Dessa forma, se tomássemos a lista como um todo, teríamos 300 entradas de pesquisa, o que seria bastante extenso para o que este trabalho se propõe a fazer (que é uma análise qualitativa e não quantitativa).

Assim, definimos como critério para a pesquisa a ocorrência de cada verbo na 1ª e na 3ª pessoa do singular, nos três tempos simples do modo indicativo: presente, passado e futuro que substituímos pela perífrase [verbo auxiliar + infinitivo], uma vez que ela é mais frequente no português brasileiro, especialmente na fala e na escrita informal. A partir da definição dos critérios acima, procedemos à pesquisa no site de buscas Google, na sua seção de blogs disponível em: <<http://www.google.com.br/blogsearch?hl=pt-PT>>. Para cada tipo de ocorrência (tempo e pessoa) pesquisamos as cinco primeiras páginas exibidas pelo site, uma vez que se caracterizam por apresentarem os resultados mais relevantes de acordo com a busca.

Dessa forma, nos capítulos 1 e 2 trabalhamos com os enunciados encontrados na busca acima caracterizada, sendo que no capítulo 1 há também alguns enunciados encontrados na fase de preparação do projeto desta pesquisa. No capítulo 3 deixamos de trabalhar com o enunciado e passamos a trabalhar com recortes de escrita, a fim de observarmos o funcionamento enunciativo de *super*, procurando ampliar a discussão acerca de alguns resultados encontrados nas análises dos capítulos 1 e 2. Por fim, no capítulo 4 procuramos fazer uma análise não mais dos enunciados em que esta forma aparece, mas do espaço em que ela circula, ou seja, a blogosfera. Para isso, utilizamos como objeto de análise recortes dos textos que constituem o perfil dos blogueiros e seguidores dos blogs, a

fim de compreendermos como funciona este espaço enunciativo e a ocorrência de *super* como um modo de dizer neste espaço.³

Cabe aqui especificarmos melhor duas questões que envolvem nosso corpus: a unidade de análise e a escolha dos blogs como fonte de busca dos nossos dados. Sobre a unidade de análise, como dissemos acima, tomamos como unidade ora o enunciado, ora recortes de escrita, tal como os define Guimarães (2011). Segundo este autor, o enunciado pode ser definido por sua *autonomia relativa*, pois ao mesmo tempo em que tem uma consistência interna, tem também uma independência relativa em relação a outros enunciados do texto. Neste sentido, utilizando o conceito de integração trabalhado por Benveniste (1966), em que unidades linguísticas menores integram unidades maiores tendo como limite o enunciado, Guimarães vai além deste limite e afirma que o enunciado tem sentido porque integra uma unidade maior - o texto - e tem forma, pois é constituído por sintagmas (GUIMARÃES, 2011, p. 21).

Já em relação ao recorte, Guimarães (2011) opera com a conceituação trazida pela análise do discurso, segundo a qual o recorte é tomado como um “fragmento de situação discursiva” que, reconfigurado de acordo com o domínio dos estudos enunciativos é definido pelo autor como “um fragmento do acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES, 2011, p. 44). É a partir dessas definições que tomamos as noções de enunciado e recorte como unidades de análise neste trabalho.

Com relação à escolha dos blogs como o lugar privilegiado de busca dos nossos dados, podemos justificá-la pelo fato de que nestes espaços (devido ao caráter informal que geralmente têm) podemos observar uma escrita permeada por elementos próprios da fala, o que nos permitiria encontrar mais facilmente ocorrências de *super* como forma livre. Neste sentido, cabe apresentarmos algumas questões em torno da discussão que se faz sobre a relação entre modalidade oral e modalidade escrita, uma vez que ela tem marcado os estudos que se propõem a compreender a linguagem que circula na internet, bem como seu impacto no uso da língua em outros espaços.

³ Em todas as análises, procuramos também fazer uso da paráfrase, a fim de estabelecermos aproximações, bem como marcar relações de contraste, com o objetivo de verificar as regularidades que constituem o funcionamento de *super*.

Em seu artigo “Oralidade e escrita”, Marcuschi (1997) faz uma discussão sobre como as duas modalidades têm sido tratadas, de modo geral, como uma dicotomia, na qual a escrita figuraria como um espaço homogêneo e estável, enquanto a fala seria o espaço próprio da variação. Distanciando-se desta perspectiva, o autor propõe que fala e escrita se relacionam em um *continuum* determinado pelos gêneros textuais nos quais elas se realizam. Para ele, o enquadramento das duas modalidades em um *continuum* faz com que se elimine a dicotomia estrita entre elas, permitindo assim que se diferenciem as duas modalidades de modo escalar ou gradual, como podemos observar no esquema proposto pelo autor:



Figura 1- Distribuição dos gêneros textuais no contínuo
Fonte: Marcuschi, 1997.

Apesar de não aparecer neste quadro alguns gêneros próprios da internet, tais como o e-mail, as postagens nos blogs e as conversas dos chats, podemos pensar que eles poderiam ser facilmente inseridos neste esquema, uma vez que nele há a possibilidade de cruzamento entre as duas modalidades. Além disso, a sua organização a partir dos gêneros

textuais nos permite dizer que há diferentes graus de cruzamento entre as duas modalidades dependendo do gênero em que elas aparecem. Neste sentido, Marcuschi (2001) pensando o hipertexto⁴ como um espaço de escrita próprio da internet, afirma que ele se caracteriza por uma maior interação entre fala e escrita, uma vez que ele se realiza pela escrita, mas incorpora estratégias da fala, tais como a produção de enunciados mais curtos.

Ainda nesta perspectiva, Braga (1999, p. 29) também considera que fala e escrita não devem ser tratadas a partir de uma dicotomia rígida, “uma vez que o hipertexto se constrói de uma forma híbrida, incorporando não só essas modalidades, mas também as outras linguagens que os avanços tecnológicos colocaram à nossa disposição”. Para mostrar esse hibridismo, a autora faz uma análise da linguagem utilizada nas salas de bate-papo da internet e em hipertextos. Através de sua análise, Braga (1999) mostra que ao trazer situações informais para a escrita, como a conversa informal, por exemplo, a internet demanda que esta escrita se especialize, adequando-se assim ao espaço em que ela se realiza. Esta adequação, observa a autora, se dá através da incorporação de elementos da oralidade e da especialização da escrita a partir dos recursos oferecidos pela tecnologia.

Assim, considerando as questões apontadas acima, podemos dizer que os enunciados que tomamos aqui como objeto de análise (retirados de postagens de blogs e seus comentários) podem ser caracterizados a partir deste *continuum*, pois apresentam limites difusos entre a escrita e a fala, ou ainda uma articulação entre as duas modalidades. Neste sentido, estes enunciados se caracterizam como um material de análise relevante para observarmos a ocorrência de *super* como forma livre, uma vez que assim como ele é bastante frequente na fala em situações informais, aparece também com frequência na escrita em espaços informais da internet, tais como os blogs.⁵

⁴ Marcuschi (2001, p. 92-93) define o hipertexto a partir das seguintes características: é um texto não linear, volátil (não tem a mesma estabilidade de livros, por exemplo), é um texto topográfico (não tem limites definidos para se desenvolver), é fragmentário, tem acessibilidade ilimitada, é multisemiótico e, por fim, interativo.

⁵ Entendemos que ao abreviarmos essa discussão, alguns conceitos podem gerar certos questionamentos, tais como o conceito de hipertexto que, devido a sua complexidade, merece ser discutido com mais profundidade. No entanto, não nos alongaremos nesta discussão, uma vez que o foco do nosso trabalho é outro e o objetivo de trazer esta questão limita-se apenas a situar nossa justificativa pela escolha dos blogs como corpus.

CAPÍTULO 1 - O PREFIXO *SUPER*- E SEU PROCESSO DE DESTACAMENTO DA BASE LEXICAL

1. Caracterização do prefixo e de seu funcionamento

Para descrevermos o funcionamento de *super* como forma livre é necessário que antes apresentemos o que caracterizaria o prefixo, para compreendermos em que medida a forma que estamos estudando poderia ser diferente do funcionamento de *super*- prefixo. Para isso, fazemos um percurso entre alguns trabalhos da Lexicologia, a fim de mostrarmos como a unidade prefixal tem sido abordada e, mais especificamente, como o prefixo *super*- tem sido caracterizado. Através deste percurso, pretendemos mostrar que *super* tem seu funcionamento como prefixo na língua, mas que também pode ter um funcionamento diferente, conforme demonstraremos através de alguns enunciados encontrados em nosso corpus.

Inicialmente, devemos apresentar a diferença que se faz nestes trabalhos entre forma livre e forma presa, uma vez que comumente o prefixo é definido como uma forma presa. Para Basílio (2007), a forma livre pode por si só constituir um enunciado, enquanto a forma presa não, já que esta não teria autonomia de uso, não poderia ocorrer isoladamente. Neste sentido, seria possível encontrarmos um enunciado com a forma livre *chuva* (como uma exclamação de felicidade por estar chovendo, por exemplo), enquanto não encontraríamos um enunciado com um sufixo como “-ção”. Segundo a autora, as formas presas seriam os afixos (prefixos e sufixos), enquanto as formas livres seriam as palavras que constituiriam as bases para a formação de novas palavras:

Quase sempre a base de uma forma derivada é uma forma livre – isto é, uma palavra comum ou, mais tecnicamente, uma forma que possa por si só constituir um enunciado, como é o caso de verbos, substantivos, adjetivos e advérbios. (BASILIO, 2007, p. 30)

Nesta definição, aparece outro conceito importante quando discutimos os processos de formação de palavras, o conceito de base e, através dela, podemos depreender que ao

lado das bases livres, há também as bases presas. Assim, observamos que no processo de formação de palavras temos dois elementos que se constituem por serem formas presas: os afixos e as bases presas. Nesse sentido, o que diferenciaria esses dois elementos? Nos trabalhos pesquisados essa discussão não está explicitamente posta, mas através do modo pelo qual os afixos são definidos, bem como a unidade “palavra”, podemos depreender o que separa um afixo de uma base presa.

Em Basílio (2007) a caracterização de afixos e bases se dá através da caracterização dos processos de derivação e composição. Segundo a autora, os afixos são elementos estáveis, com função sintática (sufixos) ou semântica (prefixos) definida e possuem certo grau de generalidade - quanto mais geral a noção semântica expressa pelo prefixo, mais produtivo ele é. Já as bases não têm as características de serem fixas ou com função determinada, além de serem menos produtivas do que os afixos. Neste sentido, a derivação (base + afixo) expressaria noções comuns e gerais, enquanto a composição (base+base) produziria designações particularizantes. Por exemplo, enquanto um prefixo como *in-/im-* expressa a ideia geral de “negação, privação”, podendo formar uma série ilimitada de palavras (*impermeável, incomparável*), a base presa *agri-* está restrita a formar palavras que se relacionem de alguma forma a *campo* (*agricultura, agricultor, agrícola, etc.*).

Sandmann (1992) dá um tratamento similar à questão, pois, para o autor o afixo se caracteriza por expressar uma ideia geral, enquanto a base expressa uma ideia particular, o que por sua vez se justifica, segundo o autor, pelo fato de prefixos e sufixos “constituírem um elenco fixo, não muito numeroso e praticamente fechado de determinado código linguístico” (SANDMANN, 1992, p. 34). Para ele, os afixos ainda se caracterizam por terem produtividade ilimitada, por não ocorrerem livremente no enunciado, por serem mais abstratos e por não fazerem referência ao mundo extralinguístico:

Há, naturalmente, bases que podem ser mais produtivas, por exemplo, o verbo *parar* (*pára-brisa, pára-quedas, etc.*) [...] e outros, mas cuja produção nem de longe se há de comparar com a dos prefixos *re-* e *des-* ou dos sufixos *-ção, -mento* e *-ista* ou *-ismo*, p. ex. Parece-me que os códigos linguísticos preferem justamente unidades como as acima arroladas por não ocorrerem livremente na frase, por serem mais abstratas, isto é, por não se referirem sozinhas ou isoladamente a entidades do nosso universo biofísicopsicossocial. (SANDMANN, 1992, p. 35)

Assim, nestes dois trabalhos percebemos que há uma concordância em se diferenciar um afixo de uma base presa pelo seu sentido: o primeiro tem sentido abstrato e remete a noções semânticas gerais, enquanto a segunda tem caráter referencial, pois representa objetos e estados do mundo, tendo, portanto, uma função denominativa. Sob esta perspectiva, os afixos seriam funcionais (os prefixos acrescentariam noções abstratas gerais à base e os sufixos alterariam a classe gramatical da palavra-base), enquanto as bases presas seriam lexicais, na medida em que fazem referência ao mundo extralinguístico, contribuindo para formar novas denominações através do processo de composição.

Cabe aqui assinalarmos que essa distinção se fundamenta em uma perspectiva que toma o sentido como uma relação direta com a referência. Nesta perspectiva, o léxico significa na medida em que faz referência ao mundo, enquanto a gramática ou os elementos funcionais da língua, por não fazerem essa referência, seriam vazios de sentido. É essa relação que sustenta, por exemplo, o conceito de gramaticalização que abordaremos mais à frente. No entanto, a partir da perspectiva com a qual trabalhamos, acreditamos que tanto o léxico como a gramática significa, ainda que de maneiras diferentes, como é mostrado, por exemplo, por Ducrot em seus vários estudos sobre os operadores argumentativos. Neles, o autor mostra como estas palavras, consideradas geralmente como funcionais, significam ao produzirem uma escalaridade e, conseqüentemente, efeitos na argumentação.

Voltando à distinção apontada acima, nos deteremos um pouco sobre a caracterização do prefixo. Olhando para esta unidade, observamos que ela é definida por Sandmann (1989, 1992) a partir dos seguintes critérios: produtividade, posição, função e dependência em relação à base. O primeiro critério remete à característica já apresentada acima de que os prefixos expressariam ideias gerais que também são expressas por algumas formas livres, tais como preposições, advérbios e adjetivos. Estabelecendo um paralelo com esta última classe, o autor mostra que há adjetivos que expressam ideias gerais como *grande/pequeno*; *micro-/macro-*, enquanto outros expressam ideias particulares como *paroquial*, *natalino*, etc., sendo que justamente aqueles que expressam ideias gerais serão considerados como prefixos (*super-*, *mega-*, *mini-*, *micro-*, etc.). Percebemos assim que a produtividade do prefixo está ligada ao fato dele ser considerado como tendo um valor funcional mais geral na língua, sem fazer referência ao mundo exterior.

Em relação à posição, o autor retoma a distinção corrente de que o prefixo ocorre anteposto à base à qual se liga, enquanto o sufixo ocorre depois dela. No entanto, ele afirma que esta é uma diferença superficial, uma vez que a principal distinção entre os dois afixos diz respeito à sua função. Enquanto o sufixo altera a classe de palavras da base (por exemplo, da combinação do adjetivo *belo* com o sufixo *-eza* temos como resultado o substantivo *beleza*), o prefixo funciona como uma espécie de adjunto, seja adnominal ao ligar-se a um substantivo (*minissaia*), seja adverbial, ao ligar-se a um verbo (*retornar*). A caracterização do prefixo como um adjunto vai de encontro com a questão acima colocada, pois percebemos que a função do prefixo seria a de modificar a base à qual se liga, tal como o faz os adjetivos e advérbios ao se articularem a nomes e verbos.

A caracterização do prefixo como adjunto nos leva ao último critério que elencamos aqui: a relação de dependência entre o prefixo e a base. Segundo Sandmann (1992) dizer que um elemento é livre ou preso para se diferenciar os processos de derivação e composição não têm sido suficientes, uma vez que é possível encontrar prefixos e sufixos ocorrendo destacados da base, como em “Papai só se contentava se fosse érrimo em tudo” ou em “Ela é responsável pelo tratamento pré e pós-operatório” (SANDMANN, 1992, p. 36-37). No entanto, cabe aqui observarmos que estes são usos particulares, pois no primeiro caso, temos a nominalização do sufixo para designar “pessoas que são as melhores no que fazem”, enquanto no segundo, temos um uso específico em que tanto *pré-* como *pós-* estão precedendo a base *operatório*, sendo desnecessário expressá-la nos dois casos apenas para que o prefixo não ocorresse de forma solta.

Mais interessante do que esta observação, é a distinção exposta pelo mesmo autor em outro trabalho (SANDMANN, 1989) entre prefixos que ocorrem sempre presos a uma base e aqueles que podem ocorrer também destacados dela. Ele propõe a existência de uma classe intermediária entre prefixos e sufixos, constituída pelos *afixóides* ou *semiafixos*. Esta classe se define justamente por seu caráter híbrido, já que tal como os afixos promovem a formação de palavras em série, mas, por outro lado, têm um correspondente que ocorre livremente na frase. Assim, Sandmann (1989) classifica os prefixos em dois grupos: aqueles que funcionam de fato como prefixos, como partículas presas ao radical, como *des-*

em *desfazer*, daqueles que podem ter existência livre, os prefixóides, tais como *sem* (*sem-número*, *sem-vergonha*) e *contra* (*contradizer*).

A partir dessa distinção, percebemos que o autor encontra na verdade uma polissemia de alguns elementos linguísticos que podem funcionar ora como prefixos, ora como preposições, adjetivos e advérbios. Nesta direção, *super* parece ter um funcionamento similar ao dos prefixóides (ainda que o autor não o insira nesse grupo), pois aparece em palavras funcionando como prefixo (*supermercado*), mas também pode funcionar como adjetivo, como nos mostra Sandmann (1989, p. 28) através dos exemplos *gasolina super* e *casa super*. Estes exemplos levam o autor a afirmar que *super-* parece estar se desprendendo dos radicais, funcionando como forma livre, seguindo assim um caminho contrário ao dos demais prefixos, que tiveram inicialmente uma existência como “formas livres” para depois se tornarem “formas presas”.⁶ Essa polissemia ou ainda “polifuncionalidade” de *super* pode ser observada através de suas definições nos dicionários, como podemos observar abaixo:

super N (Coloq) 1. Pessoa, indivíduo: A gente chegava prum super qualquer e dizia “boa noite, vamos ficar amigos?”. O super ficava ofendido, saca? (RC). Adv. [intensidade] 2. Muito: Zé Trovão no brete. E ele vai super bem! Maravilhoso (ARA). Interj. 3. Expressa admiração: Que amarração super! Que fissura! (RC). (DICIONÁRIO DE USOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL, 2002, p. 1502).

super- *pref.* culto, da prep.adv.lat. *super* ‘sobre, além de; por cima; demais’; ocorre no vern. com as acp. de: **1)** ‘posição acima de’: *superposição*, *superumeral*; **2)** ‘abundância, excesso’: *superaquecimento*, *superlotar*; ver SOBRE-

súper *interj.* exprime deslumbramento, admiração, ou satisfação, aplauso; maravilha, uau <*acabou contratada? súper!*> ■ ETIM prep.adv.lat. *super* ‘sobre, acima de’ (DICCIONARIO HOUAISS, 2009, p. 1790).

⁶ A independência do prefixo pode manifestar-se ainda de outra forma: ele pode ocorrer de modo isolado no enunciado, através do processo de *nominalização*, sendo que, neste caso, passa a cumprir a função de substantivo. Este é na verdade um processo que permite criar um neologismo segundo Alves (1990). A autora dá o exemplo do uso frequente do prefixo *micro* como palavra isolada para designar *microcomputador*, que passa a funcionar como um substantivo (ALVES, 1990, p. 25-26). Este processo também ocorre com o prefixo *super-*, como podemos observar no verbete a ele destinado no Dicionário de Usos do Português Brasileiro (DUP), em que *super* é classificado como um nome comum que designa *supervisor*.

Guardadas as diferenças metodológicas e teóricas que fundamentam os dois dicionários, podemos perceber que ambos apresentam funcionamentos distintos de *super* encontrados na língua. No *Dicionário Houaiss*, observamos que há dois verbetes para definir *super*, um em que se apresenta sua definição como prefixo e outra em que se apresenta sua definição como interjeição, mostrando assim que, para este dicionário, estes são elementos diferentes, uma vez que o primeiro seria uma forma presa, enquanto o segundo não. Já no *Dicionário de Usos do Português do Brasil* (doravante DUP) observamos que não aparece a definição de *super* como prefixo, sendo esse grafado como uma forma livre e com a apresentação de diferentes acepções e funções para o mesmo elemento. Assim, a partir das duas definições, podemos perceber a polissemia de *super*, uma vez que ele ocorre nestas definições como prefixo, interjeição, nome e advérbio, expressando, portanto, sentidos diferentes. O que nosso trabalho pretende mostrar é que, além desses, encontramos ainda outros funcionamentos possíveis para *super* e que têm se mostrado bastante produtivos na língua.

A discussão que desenvolvemos aqui sobre o que define e caracteriza a unidade prefixal teve o objetivo de levantar alguns critérios para que possamos, a partir da análise dos enunciados que encontramos, refletir se o que temos são funcionamentos distintos para o prefixo *super-* ou se temos duas formas diferentes que se distanciam justamente pelo seu funcionamento: *super-* (prefixo) e *super* (forma livre). Ela nos permite observar também que, nestas abordagens, há uma oposição (ainda que não explícita) entre a palavra e o prefixo que se fundamenta não só na questão estrutural (em relação à independência/dependência da base), mas principalmente no sentido que elas expressam: enquanto a primeira faz referência ao mundo extralinguístico, o segundo não o faz. Isso nos mostra que, nestes estudos, o sentido é tomado como referencial, sustentando assim uma distinção entre aquilo que seria propriamente linguístico/funcional, daquilo que seria lexical, que faz referência ao extralinguístico. Assim, enquanto o léxico seria dotado de sentido, os elementos funcionais ou gramaticais não, o que, como assinalamos anteriormente, não se sustenta na perspectiva a partir da qual procuramos compreender a significação.

O que pretendemos mostrar neste trabalho é que para compreendermos a complexidade do funcionamento de *super* que temos observado é preciso ir além dessa distinção entre palavra lexical e funcional, pois, percebemos em nosso corpus que mesmo nos casos em que *super* parece não funcionar no âmbito da predicação ele significa. Deste modo, nos propomos a estudar esta forma sob uma perspectiva semântica que trate o sentido enunciativamente, pensando sua significação a partir da relação que se estabelece na enunciação entre o sujeito e a língua. Isso nos leva a afirmar desde já que, ao contrário do que alguns trabalhos irão dizer ao tratarem esta forma como um resultado do processo de gramaticalização a partir do qual *super* estaria perdendo sentido, acreditamos que ele está na verdade ganhando novos sentidos e que justamente a sua polissemia permite que ele funcione de modos distintos nos enunciados em que ocorre e em diferentes posições sintáticas (ao contrário do prefixo).

Assim, considerando as questões acima colocadas, procuraremos mostrar alguns funcionamentos de *super* não previstos pela gramática tradicional ou pelas acepções trazidas pelos dicionários, especialmente na sua relação com o sintagma verbal. Sobre esta relação, podemos dizer que ela parece ser recente, uma vez que nos trabalhos que temos pesquisado aparece apenas o funcionamento de *super-* como um prefixo que se liga a um verbo como em *superproteger* e *superestimar*, sendo que não há qualquer menção dos autores a respeito de sua ocorrência como forma livre que modifica o verbo, provavelmente por não aparecer nos corpora utilizados. Esta relação começa a aparecer em trabalhos mais recentes que têm em comum o fato de utilizarem como corpora dados retirados da internet que, como discutimos na introdução, nos permite observar funcionamentos linguísticos antes restritos à linguagem oral e/ou informal. Assim, antes de apresentarmos nossa análise, mostraremos como se dá essa discussão sobre a diferença de funcionamento entre *super-* prefixo e *super* como forma livre na sua relação com o verbo.

2. *Super-* e sua relação com o verbo

O primeiro trabalho que trazemos aqui para discutir a relação entre *super* e o verbo é o trabalho de Cavalcanti (1980), no qual a autora procura descrever alguns prefixos relevantes no português brasileiro, concentrando-se em mostrar como os falantes relacionam estas formas e como as utilizam para formar novas palavras, pensando assim a produtividade destes prefixos na língua. Utilizando uma abordagem gerativa, apresenta seus dados já lexicalizados e outros inventados a um grupo de dez falantes para que analisem a constituição interna das palavras apresentadas e julguem se estas poderiam ser palavras pertencentes ao português brasileiro.

Especificamente em relação ao prefixo *super-* a autora faz sua análise colocando-o em relação com o prefixo *sobre-*, uma vez que estes no latim tinham sentidos semelhantes, contrastando apenas a modalidade em que eram usados: popular e erudita, respectivamente. No entanto, a autora afirma que esta distinção já não existe mais, sendo os dois prefixos contrastados agora pelo seu sentido: *super-* traz sempre a ideia de intensificação (perdendo seu sentido de localizador espacial), enquanto *sobre-* traz a ideia de “acima de”, tanto espacialmente como virtualmente.

Cabe aqui lembrarmos o que diz Duarte (1995) sobre o sentido de *super-* que acabou se consolidando no português. Segundo este autor, *super-* tinha no latim as noções de superposição (*superponere*= “por sobre”), de transposição (*supervadere*= “transpor”) e a de excesso (*supervacuuus*= “muito vazio”), porém, esta última noção parece ter sido a que permaneceu na língua portuguesa, devido às inúmeras formações com *super-* produzidas pela tradição medieval indicando valor intensivo (*supereminente*, *superabundância*). É este o sentido que Cavalcanti (1980) afirma ter encontrado como predominante no português contemporâneo e também o que encontramos nas definições desta unidade como prefixo.

Voltando ao trabalho de Cavalcanti (1980), a autora analisa a ocorrência de *super-* e *sobre-* combinados às bases verbal, substantival e adjetival, porém abordaremos aqui apenas a combinação de *super-* com a base verbal. Sobre esta combinação, Cavalcanti (1980) afirma que o prefixo *super-* ocorre frequentemente com verbos que expressam sentimentos ou processos mentais, tais como as formas lexicalizadas *superproteger*,

superestimar e as inventadas *supersufrer*, *superinteressar*, *superodiar*, etc. Ele pode ocorrer também com verbos de ação que permitam que o processo por eles expresso possa ser intensificado como, por exemplo, as palavras inventadas *supertrabalhar*, *superorganizar*, *superlimpar*, etc.

Entretanto, segundo a autora, o prefixo *super-* não pode se combinar com verbos de movimento que implicam um deslocamento de um ponto A a um ponto B ou com verbos cuja ação se desenvolve num espaço determinado, tais como **superandar*, **supercorrer*, **supernadar*, etc. Ela mostra que os falantes julgaram estes verbos como sem sentido, pelo fato de que a ação em si expressa por eles não pode ser intensificada e sim o resultado da ação, por exemplo, o espaço que se nadou. Casos como **superbeber*, **supercomer*, **supercomprar*, etc. também foram julgados como sem sentido e quando o falante julgava como intensificador sua explicação dizia respeito justamente ao resultado da ação. Em “Paulo supercomeu batatas”, por exemplo, o falante que julgou como intensificador explicou que “Paulo comeu muitas batatas”, mostrando assim que a intensificação, neste caso, recai sobre o resultado da ação e não sobre a ação em si.

A partir destes resultados, Cavalcanti (1980) afirma que o prefixo *super-* é utilizado sempre como intensificador (tendo casos insignificantes na língua de *super-* localizador), sendo produtivo apenas com verbos que expressam sentimentos ou processos mentais e com verbos de ação que admitem intensificação, não sendo produtivos com verbos de movimento ou com verbos cuja ação tem um resultado.

A produtividade de *super-* é abordada recentemente também por Ribeiro (2006) em artigo intitulado “A internet e as novas construções com o prefixo *super-*”, em que o autor mostra um resultado um pouco diferente do trabalho apresentado acima. Ainda que tenha metodologia e corpus bastante distintos, ele mostra a ampliação da produtividade das combinações de *super-* com verbos que, no estudo de Cavalcanti (1980), eram antes restritas. Neste trabalho, o autor procura investigar a expansão da utilização do prefixo *super-* com base verbal que, para ele, foi propiciada pelo advento da internet. Para isso, utiliza como pressupostos teóricos os estudos de Basílio (1989, 2001, 2004) e analisa textos retirados de blogs, uma vez que seu principal interesse é, na verdade, mostrar como a internet influencia na utilização e ampliação do léxico da língua.

Para mostrar essa ampliação da produtividade de *super-*, o autor retoma o trabalho de Cavalcanti (1980) e compara os resultados encontrados por esta autora no que diz respeito à combinação do prefixo [super- + base verbal] com os resultados por ele encontrados. Como mostramos acima, esta autora afirma que o prefixo *super-* não é produtivo com verbos de movimento e com verbos de ação realizada em um determinado espaço. Entretanto, Ribeiro (2006) mostra que encontrou ocorrências de *super-* combinado também com estes verbos que, em princípio não poderiam ser combinados com *super-*, tais como *super indo*, *super fazendo pose*, *super chegando*, *super malhando*, etc.

Para explicar a diferença de resultados, o autor afirma que estes casos são possíveis e têm ocorrido nas interações via internet devido à necessidade dos jovens de intensificarem seus sentimentos e ações, na busca incessante por autoafirmação típica desta faixa etária, sendo esta uma estratégia presente há tempos na fala dos jovens, mas que se intensifica com a internet. De fato, como também encontramos em nossos dados, *super* parece funcionar como uma forma que marca a relação do locutor com o seu enunciado. No entanto, nosso corpus mostra que ainda que a faixa etária possa ser um dos fatores que determina a ocorrência de *super*, ela não é o principal, sendo o gênero um fator que se destaca e que parece ser determinante deste funcionamento, uma vez que encontramos ocorrências desta forma majoritariamente em blogs com temática feminina, o que abordaremos no capítulo 4.

Ainda sobre o estudo de Ribeiro (2006) cabe aqui levantarmos algumas questões que nos chamam atenção neste trabalho. A primeira delas diz respeito aos dados utilizados na comparação feita com o estudo de Cavalcanti (1980), uma vez que nos dados apresentados pelo autor os verbos estão em sua maioria no gerúndio, o que poderia alterar a natureza semântica do verbo, permitindo assim a combinação destes verbos com *super-*. Além disso, o autor apresenta a maioria dos dados destacados dos enunciados em que eles ocorrem, mostrando apenas a articulação de *super* ao verbo, o que também poderia determinar as diferenças por ele encontradas, uma vez que, como mostraremos mais à frente, tanto o contexto linguístico quanto o aspecto verbal podem alterar a natureza semântica do verbo, como afirmam Ilari e Basso (2008).

Outra questão que chama atenção é o fato de que apesar de o autor apresentar apenas ocorrências de *super* destacado da base verbal, assim como exemplos de articulação de *super* ao verbo bastante diferentes entre si, em nenhum momento ele propõe uma reflexão sobre o estatuto de *super* nestes casos, se de fato, mesmo nas construções que ele encontra, *super* continuaria a funcionar como prefixo. Por exemplo, algumas das ocorrências encontradas por Ribeiro (2006) seriam, segundo ele, uma intensificação do resultado expresso pelo verbo, como previsto por Cavalcanti (1980) em seu estudo. No entanto, observando essas ocorrências e considerando o critério de que o prefixo se caracteriza por funcionar como um adjunto da base, parece-nos que elas mostram um funcionamento de *super* que não é mais de prefixo, como em: *super fazendo pose* (?fazendo pose em excesso)⁷, *super achando* (?achando em excesso), *super prefiro* (?prefiro em excesso), etc.⁸ É claro que podemos pensar também em um efeito intensificador do verbo, mas nestes casos parece que *super* está aí mais para marcar de alguma forma o modo como o predicado é enunciado (ênfatizando-o), do que propriamente para intensificar a ação ou seu resultado.

Para encerrarmos este percurso acerca das questões que envolvem a unidade prefixal e mais especificamente o prefixo *super-*, apresentamos um trabalho que se propõe explicar o funcionamento de *super* como forma livre. Em artigo intitulado *Super se gramaticalizando: o movimento de gramaticalização do ‘super’ em blogs de revistas para adolescentes*, Goulart (2011) procura descrever um uso mais produtivo do prefixo *super-* que é diferente das formas já dicionarizadas, encontrado principalmente na fala de adolescentes do sexo feminino. Segundo este autor, este uso seria acompanhado de dois

⁷ Assim como em Guimarães (2001), o sinal “?” é usado neste trabalho para marcar enunciados que parecem ser inaceitáveis à primeira vista ou impossíveis de acontecer no contexto em que o analisamos. O autor ressalta que este símbolo não trata os enunciados como desvios de uma competência, apenas mostra que no contexto analisado determinada sequência linguística não poderia ocorrer, considerando que sempre haverá um contexto em que ela pode ocorrer.

⁸ Nos testes que construímos para identificarmos as diferenças de funcionamento entre *super-* (prefixo) e *super* (forma livre) priorizamos a paráfrase com a expressão “em excesso”, porém, entendemos que seria possível utilizar também o advérbio correspondente “excessivamente” e, neste caso, poderíamos chegar a outros resultados, devido aos diferentes sentidos que as duas formas expressam. No caso do enunciado “super fazendo pose”, por exemplo, o enunciado correspondente “fazendo pose excessivamente” poderia ser aceito, enquanto “fazendo pose em excesso” parece não funcionar. Dessa forma, seria interessante observar em que medida “em excesso” e “excessivamente” se diferenciam, ainda que à primeira vista possam parecer sinônimos.

movimentos: um em que *super-* perde em valor lexical nas acepções de *superioridade*, *excesso* e *abundância* e outro em que se descola da palavra que modificaria, deixando de ser prefixo, o que discutiremos mais à frente.

Através da análise de ocorrências encontradas em dois blogs da revista feminina *Capricho*, voltada para adolescentes, Goulart (2011) procura apresentar um estágio incipiente de gramaticalização do prefixo *super-*, a partir dos estudos de gramaticalização. Retomando estes estudos, o autor nos diz que a mudança de palavra de conteúdo para palavra funcional se dá sempre por um processo semântico e morfossintático chamado por Hooper e Traugott de *cline*, que teria dois pontos fixos: lexical (L) e gramatical (G). Questionando o conceito de unidirecionalidade que norteia este processo, ele afirma que o processo de gramaticalização de *super-* parece ocorrer de modo diferente:

No caso específico do prefixo *super-*, pode-se dizer que o princípio da unidirecionalidade se mantém no campo do *sentido*: ou seja, semanticamente, o corpus indica que se deslexicalize e se gramaticalize. Morfossintaticamente, porém, o que parece haver um movimento contrário à unidirecionalidade formal – *super-* deixa de ser prefixo e passa a ocupar posições menos rígidas. (GOULART, 2011, p. 2510).

Assim, para o autor, *super-*, mesmo tendo como causa principal o seu sentido primitivo de *excesso*, *superioridade* e *abundância*, está em seu novo uso mais deslexicalizado, ainda que continue a remeter-se à noção de maior intensidade. Além disso, afirma que as ocorrências parecem contradizer a tendência da unidirecionalidade formal ([mais livre] → [menos livre]), pois ao mesmo tempo em que se deslexicaliza, *super* parece ganhar mais liberdade de posição em relação ao elemento que modifica. Os exemplos “o casal está super se curtindo” e “parecem estar super se divertindo”, encontrados pelo autor, mostram essa liberdade sintática, uma vez que a prefixação deveria ocorrer da seguinte maneira: “*se supercurtindo*” e “*se superdivertindo*” (GOULART, 2011, p.2512). Há ainda outros dois casos (marginais no corpus analisado pelo autor) que mostram o quanto *super* está desprefixalizado: em um caso ele não precede o que modifica (“rola super né?”) e no outro figura sozinho como equivalente a “sim” (“se ele está solteiro? Super!).

Em nosso corpus, encontramos ocorrências semelhantes a essas apresentadas por Goulart (2011), nas quais *super* aparece em posições menos rígidas e em contextos

sintáticos nos quais não poderia ocorrer um prefixo, o que será mostrado em nossa análise. Contudo, o modo como Goulart (2011) explica essa mudança de funcionamento parece colocar alguns problemas. O primeiro deles é levantado pelo próprio autor quando ele afirma que a gramaticalização de *super* não obedeceria à unidirecionalidade formal própria da gramaticalização, mostrando assim a dificuldade em se analisar o funcionamento de *super* a partir deste conceito.

Alguns trabalhos, observando que há palavras que deixam de ser funcionais ou gramaticais e passam a ter conteúdo lexical propõem a utilização do termo *desgramaticalização*, ao invés de *gramaticalização*, uma vez que na gramaticalização ocorreria o processo inverso: uma palavra deixa de ser lexical para ser gramatical. Encontramos essa discussão sobre a diferenciação entre os dois processos no artigo “Desgramaticalização de –inho” em que o autor defende o uso do termo *desgramaticalização* para explicar que o sufixo *–inho*, ao incorporar o segmento [z] em sua base, deixa de ser uma forma presa para se tornar uma forma livre. Neste caso, ele sofre um processo de nominalização e passa a significar “indivíduo” (LIMA, 2009).

Neste sentido, em uma perspectiva que estuda as mudanças linguísticas a partir destes processos, parece-nos que seria mais adequado explicar a ocorrência de *super* como forma livre como resultado de um processo de desgramaticalização, e não de gramaticalização como faz Goulart (2011), o que evitaria o problema exposto pelo autor sobre a unidirecionalidade. Entendemos que uma das explicações possíveis para que *super* não seja tratado neste trabalho como um elemento desgramaticalizado seja o fato de que esta forma não funciona do mesmo modo que *zinho*, pois, ao contrário deste elemento, *super* não é capaz de fazer referência a um objeto do mundo, não tendo, portanto, um conteúdo lexical, de acordo com esta perspectiva.

Por isso Goulart (2011) irá afirmar que *super*, ao sofrer a gramaticalização, perde sentido (o que contraria a unidirecionalidade do cline), pois não ganha sentido lexical (referencial). Assim, o autor caracteriza a forma *super* como um *expletivo atributivo*⁹, pois,

⁹ O expletivo é definido no Dicionário de Linguística de Dubois (2006) da seguinte forma: “Em gramática tradicional, palavras expletivas são termos vazios de sentido mas que, presentes em determinados enunciados, tornam-se significativos: advérbios de negação, pronomes, preposições, etc. Assim, a negação *não*

para ele, *super* nestes casos “tem como principal característica a carga semântica quase nula (mas forte influência pragmática)”, sendo que sua contribuição para o significado “é apenas a carga emocional ou a expressão de sentimentos quaisquer” (GOULART, 2011, p. 2514). Ou seja, para este autor, *super* seria uma forma vazia de sentido por não ganhar sentido lexical ao deixar de funcionar como prefixo e, diante da dificuldade de enquadrá-lo em alguma das classes de palavras do português, Goulart (2011) classifica *super* como um expletivo.

Isso nos mostra que, para esta perspectiva, aquilo que não é possível enquadrar na língua seria algo secundário, considerado como estando fora, pertencente apenas ao uso. Nossa posição é justamente contrária: aquilo que é tratado como expletivo e visto como marginal ou secundário, em nossa perspectiva é tão fundamental quanto as demais regularidades linguísticas, pois funciona na língua como um dos lugares possíveis para observarmos as novas relações que o sujeito estabelece com ela na enunciação.

Ainda que tratemos a forma *super* sob outra perspectiva, devemos dizer que o trabalho de Goulart (2011) nos interessa na medida em que traz dados importantes que mostram o funcionamento de *super* como forma livre. Além disso, ele nos mostra em que medida este funcionamento diverge daquele de *super-* prefixo, abrindo, assim, caminhos para pensarmos sobre as novas configurações de ocorrência dessa forma. Porém, diferentemente do que faz este autor, procuramos mostrar que *super*, ao contrário de ser uma unidade vazia de sentido, constitui-se como uma forma polissêmica, que funciona de diferentes modos na enunciação, mostrando-nos a relação do locutor com aquilo que enuncia.

Dessa forma, procuramos mostrar através deste percurso que a questão sobre a liberdade sintática de *super* em relação à base é na verdade parte de uma discussão maior envolvendo a classe dos prefixos, sendo uma questão recorrente nos estudos sobre estas formas. Procuramos mostrar também que a relação de *super* (seja como prefixo ou como forma livre) com o verbo é bastante produtiva, ainda que possa haver algumas restrições quanto à sua ocorrência, o que iremos apresentar no capítulo seguinte. Feita esta reflexão

(significativa em *Eu não quero*), não tem valor negativo em *Eu não disse que viria?.*” (DUBOIS, 2006, p. 257).

acerca da unidade prefixal e do prefixo *super-*, especialmente em relação ao verbo, procuramos mostrar a seguir porque estabelecemos uma diferença entre *super* como forma livre e *super-* prefixo.

3. Caracterização do funcionamento de *super* como forma livre em relação a *super-* prefixo

Quando nos propusemos a estudar o funcionamento de *super* como forma livre, duas questões nos chamaram atenção inicialmente: o fato de *super* ocorrer destacado da base verbal e a possibilidade desta forma ocupar diferentes posições em relação ao verbo.¹⁰ Neste sentido, percebemos que os critérios de dependência e posição foram os primeiros a guiar nosso olhar na tentativa de compreender este funcionamento, o que se justifica pelo fato de que esses critérios constituem, geralmente, as definições de prefixo encontradas nas gramáticas e nos trabalhos de lexicologia. No entanto, o fato de alguns autores considerarem estes critérios como superficiais para se caracterizar o prefixo (definindo esta unidade a partir de outras características) nos levou a considerar também outros critérios para compreendermos as diferenças entre o funcionamento de *super* como forma livre, daquele de *super-* prefixo. Procuraremos aqui levantar apenas algumas questões em relação às diferenças que encontramos entre essas duas formas, uma vez que elas serão tratadas com maior detalhamento e reflexão nos capítulos 2 e 3.

Podemos começar a estabelecer as diferenças entre os dois funcionamentos, a partir da observação dos diferentes sentidos que estas formas expressam, comparando alguns enunciados em que *super* ocorre como prefixo com outros em que ele ocorre como forma livre, através dos seguintes exemplos:

- (1) O prefeito foi acusado de fraudar uma licitação e **superfaturar** obras de urbanização da cidade. (DICIONÁRIO DE USOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL, 2002, p. 1504)

¹⁰ Encontramos em nosso corpus as seguintes possibilidades de posição sintática que *super* pode ocupar no enunciado: depois do verbo, antes do verbo modificado por pronome reflexivo, no meio de perífrases verbais e antes/no meio de expressões fixas.

(as obras foram faturadas com um valor excessivo, acima do esperado)

(2) Multidão de adeptos da música trepidante **superlotou** salão principal da Secretaria da Saúde. (DICIONÁRIO DE USOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL, 2002, p. 1503)

(o salão foi cheio com muito mais gente do que o esperado)

(3) Eu **vou super** contigo! (?a pessoa vai em excesso com alguém a algum lugar)

(4) Eu **to super dormindo** bem agora. (?a pessoa dorme bem em excesso)

(5) Eu **super voto** sim [...]. (?=a pessoa vota em excesso, mais vezes do que o esperado)

Os enunciados (1) e (2) são exemplos (retirados do DUP) de ocorrência do prefixo *super-* ligado à base verbal. Através deles podemos perceber que se mantém o significado deste prefixo que imprime à base uma noção de excesso ou abundância, pois em ambos os casos compreendemos que as ações expressas pelo verbo ocorreram de forma excessiva. No entanto, este sentido não se mantém quando olhamos para os enunciados (3), (4) e (5), já que quando tentamos fazer uma paráfrase imprimindo essa noção ao verbo obtemos resultados que parecem ser inaceitáveis, pois quando alguém diz *vou super* não significa “ir em excesso”, assim como *super dormir bem* não é “dormir bem em excesso” e *super votar sim* não é “votar em excesso”.

Entendemos assim que, ainda que percebamos uma função geral de intensificação presente nestes exemplos, ela não se dá da mesma forma nos enunciados em que *super* ocorre como forma presa e naqueles em que ocorre como forma livre. Nestes últimos, *super* parece não estar incidindo exatamente sobre o verbo, mas sobre outros elementos do enunciado, conforme mostraremos mais à frente. Estes exemplos nos mostram também a diferença entre as duas formas no que diz respeito à posição: enquanto *super-* prefixo ocorre sempre antes do verbo, *super* aparece não só antes do verbo, como também depois dele ou ainda no meio de uma perífrase. É possível observar também que o sentido da forma livre é diferente não só em relação ao prefixo, mas também nos diversos enunciados em que ocorre a depender da posição sintática que ocupa, uma vez que pode ter como escopo elementos distintos.

A observação dos enunciados de (3) a (5) nos leva ainda a outro critério proposto por Sandmann (1989) como sendo o critério fundamental para se caracterizar o prefixo e

diferenciá-lo em relação ao sufixo, que diz respeito à função que o prefixo desempenha. Para o autor, o prefixo desempenha sempre uma função de adjunto, seja adnominal ao ligar-se a um nome, seja adverbial ao ligar-se a um verbo, na medida em que acrescenta sentido, modifica a base. No entanto, os exemplos de (3) a (5), bem como os exemplos abaixo mostram que *super* como forma livre não está modificando exatamente o verbo, como podemos ver em:

- (6) **Super nasceu pra câmera.** (*?nasceu pra câmera em excesso/?muito*)
- (7) **Super está na moda** agora mesmo. (*?está na moda em excesso/?muito*)
- (8) eu **vou super usar** nesse inverno! (*?vou usar em excesso/?muito*)
- (9) eu **super me candidato.** (*?vou me candidatar em excesso/?muito*)
- (10) Um marronzinho lindo que **super se adequou** ao meu tom de pele. (*?se adequou em excesso/?muito*)

Nestes enunciados, ao construirmos as paráfrases com o sentido de *super-* prefixo pensando-o como um adjunto adverbial que modificaria o verbo, percebemos que obtemos resultados que poderiam ser considerados inaceitáveis. Nestes casos, *super* parece estar mais relacionado com a enunciação destas ações do que com as ações em si, não funcionando, portanto, como adjunto adverbial. Este é um dos elementos, senão o principal, que nos permite diferenciar *super-* prefixo de *super* forma livre, uma vez que nestes casos ele não funciona como adjunto. Mais do que isso, podemos dizer que a diferença entre as duas formas não se assenta, portanto, apenas nos critérios de posição e dependência, questionados por alguns autores, mas principalmente na função que elas desempenham na enunciação. No entanto, devemos ressaltar que o fato de *super* ocorrer como forma livre não determina que necessariamente ele não irá modificar o verbo, como nos mostram os exemplos abaixo:

- (11) de qualquer jeito *fica* lindo e **combina super** com *ela*.
- (12) E **tem super se esforçado** pra não fazer feio.
- (13) Pra quem nasceu desprovida de cílios como eu, achei que ela **super dá uma levantada** no olhar.

(14) **Uso super** em festas, como formaturas, pois sabendo ter limite dá certo demais!

(15) Eu ADORO esse livro haha **Super morro de rir** só de lembrar das cenas hilárias...

Os enunciados de (11) a (15) nos mostram que quando *super* ocorre como forma livre ele também pode funcionar como adjunto adverbial ou como um modificador do verbo, porém com um sentido diferente daquele de *super-* prefixo. Nestes casos, podemos considerar que *super* ocorre aqui como um equivalente ao modificador *muito*, bastante frequente no português: *combina muito*, *tem se esforçado muito*, *levanta muito o olhar*, *uso muito (muitas vezes)* e *morro de rir muito(?)*. Observamos um funcionamento similar em relação à modificação de adjetivos pela incidência de *super*, como, por exemplo, em *super bonito* e *super legal*, em que esta forma também pode ser substituída por *muito*: *muito bonito* e *muito legal*.

Esta observação nos leva ao seguinte questionamento: se o prefixo funciona da mesma forma que adjetivos e advérbios e se o critério de função é considerado como mais importante e determinante em relação ao critério da dependência da base nos trabalhos de Sandmann (1989, 1992), o que diferenciaria os prefixos dessas duas classes? Ou seja, se o prefixo não é caracterizado necessariamente como uma forma presa, o que o diferenciaria dos adjetivos e advérbios, uma vez que as três formas cumpririam o papel de modificar predicados, funcionando como adjuntos? Voltaremos a esta questão no final da nossa análise.

Outra questão que observamos nestes enunciados é que *super* como forma livre parece ocorrer em contextos não permitidos a prefixos. Por exemplo, se consideramos que uma palavra pode ser o resultado da junção de uma base com um prefixo, poderíamos pensar que não poderia haver intervenção de qualquer elemento que seja no meio da palavra. No caso dos verbos pronominais, por exemplo, se tivéssemos um verbo constituído com o prefixo *super*, não poderia ocorrer um pronome átono no meio deste verbo, entre o prefixo e a base. Assim, para o verbo *superproteger*, poderíamos ter “eles se superprotegem”, mas não “eles super se protegem”, pois neste caso, o sentido seria outro e *super* e *proteger* já não estariam mais formando uma única palavra. Mostramos a seguir

algumas ocorrências que encontramos dessa interferência, como as mostradas em (9), (10) e (12):

(16) Já **super me aventurei** nas mechas coloridas. (*me superaventurei = ?em excesso/intensamente/muitas vezes*)

(17) nem preciso dizer que **super me identifiquei** com ela? (*me superidentifiquei = ?em excesso/intensamente*)

Nestes exemplos, observamos que se *super* ocorresse como prefixo dos verbos *aventurar-se* e *identificar-se*, teríamos o sentido de que as ações de *aventurar-se* e *identificar-se* ocorreram em excesso, de forma abundante, o que não parece ser impossível, mas que soa um pouco estranho. Nestes dois enunciados, percebemos que *super* está funcionando como um adjunto do verbo, podendo ser equivalente a *muito*, modificando-o, mas não forma uma palavra só com estas bases, o que demonstra outra diferença desta forma em relação ao seu prefixo correspondente.

O último critério que gostaríamos de abordar para mostrarmos a diferença entre *super-* (prefixo) e *super* (forma livre) diz respeito à impossibilidade de os prefixos constituírem por si só um enunciado, critério considerado tanto por Basílio (2007), quanto por Sandmann (1992). Não encontramos nenhum caso em nosso corpus em que *super* ocorra sozinho no enunciado, porém há um caso encontrado por Goulart (2011, p. 2509), mencionado anteriormente, em que *super* constitui um enunciado de resposta: “se ele está solteiro? Super!”. Além disso, poderíamos pensar em outros casos similares a estes não só com o prefixo *super*, mas também com outros prefixos, como podemos observar abaixo:

(18) Você acha que estou bonita assim? Super!

(19) Você vota contra ou a favor deste projeto? Contra.

(20) Você quer seu lanche com mostarda? Sem.

Observamos nestes exemplos que a ocorrência de *super*, *contra* e *sem* mostram que, segundo os autores acima citados, estas formas não podem ser consideradas como formas

presas, uma vez que constituem enunciados isolados e, neste sentido, são diferentes de suas formas presas correspondentes, os prefixos *super-*, *contra-* e *sem-*. O fato de estes enunciados constituírem sempre uma resposta a um enunciado anterior não invalida esta diferença, pois observamos que os prefixos que não têm uma forma livre correspondente parecem não ocorrer isoladamente, nem mesmo em contextos de resposta:

(21) Você renovou o contrato? ?Re.

(22) Como você fez com o cheque, você pré-datou ou não? ?Pré.

(23) Ela desfez a sociedade? ?Des.

Dessa forma, observamos que estes prefixos funcionam de modo diferente dos prefixos mencionados anteriormente na medida em que, não tendo uma forma livre correspondente, não podem constituir por si só um enunciado, nem mesmo enunciados-resposta. Acreditamos que esses enunciados mostram que, mais do que uma simples diferença que se estabelece entre os prefixos, as formas *super*, *contra* e *sem* não seriam prefixos, mas formas livres que convivem com seus prefixos correspondentes *super-*, *contra-* e *sem-*, compartilhando noções semânticas similares (intensidade, oposição e privação, respectivamente), mas desempenhando funções distintas no enunciado.

Neste momento, podemos voltar à questão colocada anteriormente sobre o que diferenciaria os prefixos de modificadores (do verbo ou do nome), uma vez que ambos desempenham a função de adjunção. Considerando a explicação de Sandmann (1989) acerca do destacamento de *super* da base lexical, acreditamos que a relação entre prefixos e advérbios/preposições não foi totalmente abandonada no processo de mudança linguística que fez com que das preposições e advérbios latinos surgissem boa parte dos prefixos do português. O que podemos observar é que há uma convivência entre alguns prefixos e preposições/advérbios que lhes deram origem e, nesse sentido, julgamos ser mais adequado tratar essas formas em sua especificidade, ao invés de classificá-las como uma classe intermediária entre os prefixos e formas livres (os prefixóides ou semiprefixos), como faz Sandmann (1989), uma vez que já não funcionam mais como adjuntos (no caso das preposições, por exemplo).

Dessa forma, parece-nos relevante considerarmos os critérios de dependência da base e posição (ainda que não exclusivamente) para diferenciarmos os prefixos de preposições e modificadores (advérbios), mesmo que haja correspondência entre essas formas, bem como o compartilhamento de sentidos gerais entre elas. Contudo, ainda que nossa percepção se baseie na própria explicação dada por Sandmann (1989) e na observação dos dados que encontramos, acreditamos que para confirmar esta suposição seria necessário um estudo mais aprofundado sobre a relação entre preposições, advérbios e seus prefixos correspondentes, analisando um conjunto maior dessas formas.

Ainda assim, acreditamos que especificamente no caso de *super*, que é a forma que estamos estudando, podemos dizer que ele se configura como forma livre, não apenas por ocorrer destacado do verbo, mas principalmente por ter sentidos diferentes do prefixo *super-* e, além disso, por não estar diretamente modificando o verbo em muitos casos, mostrando assim um funcionamento distinto. Nestes casos, observamos que *super* parece estar modificando não mais a predicação, mas a enunciação, caracterizando-se assim como um elemento modalizador, diferenciando-se, portanto, do prefixo. É esta relação que procuraremos explorar no terceiro capítulo.

CAPÍTULO 2 - A ARTICULAÇÃO ENTRE *SUPER* (FORMA LIVRE) E O VERBO

Conforme apresentamos na introdução deste trabalho, procuramos mapear em nossa pesquisa o funcionamento de *super* como forma livre na sua relação com o verbo. Para isso, descrevemos inicialmente o modo pelo qual esta forma se relaciona com o verbo, procurando compreender algumas das características dessa classe, considerando assim para este estudo as seguintes categorias: *pessoa*, *tempo* e *acionalidade*.

Em relação à *pessoa*, interessa-nos perceber se há diferença no modo como *super* se articula ao verbo a partir das diferentes pessoas verbais, por isso, nos propomos a analisar enunciados em que o verbo está conjugado na 1ª e na 3ª pessoa do singular. Essa distinção é importante para a análise enunciativa, uma vez que ela é capaz de nos dizer se *super* funcionaria como uma forma que marca fortemente a posição do locutor no enunciado.

A segunda categoria com a qual trabalharemos será o *tempo*. Na realidade, não nos debruçaremos muito sobre esta categoria, apenas definiremos como um critério de escolha dos enunciados a análise de verbos que estejam nos tempos simples do indicativo - presente, pretérito perfeito e futuro do presente. Além disso, geralmente, quando se trabalha com a categoria temporal do verbo, o interesse está na relação que se dá entre os três momentos que o constituem: momento do evento (ME), o momento da fala (MF) e o momento da referência (MR) (que definiremos na seção seguinte); e não é este o foco do nosso trabalho.

Por fim, a terceira categoria verbal com a qual iremos trabalhar será a *acionalidade*, esta sim com maior detalhamento. Inicialmente, nos perguntamos se haveria algumas características semânticas nos verbos que poderiam restringir a ocorrência de *super* como um modificador intensificador. Por isso julgamos necessário compreender algumas dessas características dos verbos com os quais iremos trabalhar, para verificarmos se essa restrição de fato existe. Para observarmos esta relação, havíamos proposto inicialmente trabalhar com o *aspecto verbal*, mas a partir de nossas leituras sobre o tema, optamos por trabalhar apenas com a *acionalidade*. É esta escolha que justificamos a seguir.

1. Aspecto e Acionalidade: duas categorias distintas?

Os trabalhos acerca da acionalidade e do aspecto verbal se dividem quanto ao modo de se estudar essas duas categorias: alguns autores acreditam que elas não podem ser separadas ao se estudar o verbo, enquanto outros defendem a possibilidade de se estudar as duas categorias separadamente. Vejamos a seguir alguns exemplos do modo como se dá essa diferença e como essas categorias são tratadas na literatura específica.

Em um estudo pioneiro Castilho (1968) se propõe a descrever as principais classes aspectuais que constituem o português a partir de textos de língua escrita, que é dividida pelo autor naquele momento entre *linguagem tensa* (ensaios e romances) e *linguagem distensa* (crônicas jornalísticas, teatro e romance moderno). Mas antes de apresentar sua classificação aspectual do português, o autor aborda a distinção entre o *modo da ação* (acionalidade) e o *aspecto*. Para Castilho (1968) o *aspecto* é o ponto de vista subjetivo do falante sobre determinada ação, reportando-se apenas aos graus de realização da ação e não à natureza que lhe é própria, que seria o *modo da ação*.

Essa diferença está marcada também pelo fato de que o aspecto é expresso gramaticalmente por flexões e perífrases, enquanto o modo da ação é expresso apenas pelo semantema do verbo. Assim, segundo este autor, o primeiro estaria em um nível morfológico, enquanto o segundo estaria em um nível semântico. Porém, mesmo com essa distinção que se faz historicamente, ele opta por tratar as duas categorias como uma única sob o nome de *aspecto*, uma vez que para o falante as duas categorias funcionam conjuntamente. Castilho (1968) chega então a um quadro aspectual do português composto por quatro aspectos principais (sendo que estes podem ainda se subdividir), a partir dos valores de *duração*, *completamento*, *repetição* e *neutralidade*. O autor afirma ainda que no português o aspecto pode ser expresso pelo sentido próprio do verbo, pela flexão temporal, pelos adjuntos adverbiais e pelos tipos oracionais, sendo por isso uma categoria léxico-sintática.

Já Travaglia (1980) apresenta um tratamento bastante peculiar da questão, distinguindo-se dos demais autores ao afirmar que o aspecto é de natureza semântica, ainda que utilize em sua análise elementos da sintaxe, da morfologia e até da fonologia. O

tratamento semântico dado ao aspecto pode ser observado pela definição que faz o autor de *noções semânticas* que podem ser *aspectuais* e *não-aspectuais*. O que as diferencia é a característica de ser uma noção temporal não dêitica capaz de indicar a duração da situação ou de uma de suas fases, que constitui as noções semânticas aspectuais. Estas podem ser de *duração*, *pontualidade* e *fases* (realização, desenvolvimento e completamento). Já as noções semânticas não-aspectuais, que muitas vezes são confundidas com noções aspectuais, são as noções de: *habitualidade*, *incoação*, *progressividade*, *resultatividade*, *cessamento* e *experenciamento*.

Além de estabelecer essa distinção, o autor utiliza ainda o termo **situação** que entendemos como uma *ocorrência*, um termo geral que designa os *processos*, *estados*, *fenômenos*, *eventos*, *fatos*, etc. Essas situações são constituídas por fases que também as definem. O autor apresenta apenas os tipos mais gerais de situações a partir das seguintes oposições: **télicas** (a situação tende a um fim) e **atélicas** (a situação não tende a um fim); **dinâmicas**¹¹ (quando as fases da situação são diferentes, havendo mudança de uma fase para outra) e **estáticas** (quando as fases da situação são idênticas); **situação referencial** (situação que motiva o enunciado) e **situação narrada** (relaciona-se com a situação referencial por ser anterior ou posterior a ela).

Estas situações são sempre apresentadas pelo falante sob diferentes pontos de vista, de acordo com suas fases que podem ser: *o desenvolvimento da situação*, *o completamento da situação* e *a realização da situação*. O aspecto é justamente este modo de apresentar a situação ou a perspectiva pela qual ela é apresentada. Neste sentido, o autor define o aspecto como uma categoria verbal de tempo (ideia geral e abstrata de tempo), mas que ao contrário do tempo verbal (flexão temporal) não é dêitica, pois apresenta a situação em si mesma, a sua duração interna ou grau de desenvolvimento, e não sua relação com a enunciação. É através dele que se marca a duração da situação e/ou de suas fases, sendo que estas podem ser apresentadas sob diferentes pontos de vista, como enumeramos acima (TRAVAGLIA, 1980, p. 31-33). A partir de sua análise, o autor chega a um quadro

¹¹ Entre as situações dinâmicas situam-se os **processos** (duram através do tempo) e **eventos** (pontuais, situações momentâneas não estendidas).

aspectual do português bastante diferente daquele apresentado por Castilho (1968) contendo um número maior de classificações.

Cabe aqui falarmos rapidamente da relação entre tempo e aspecto e de como o tempo é tratado na literatura da área. Podemos fazer isso através do trabalho de Corôa (2005) dedicado exclusivamente ao tempo, em que a autora procura explicar a relação entre o conceito de tempo e sua expressão gramatical nos verbos do português e, para fazê-lo, considera duas noções auxiliares: o *aspecto* e a oposição *descrição estrutural* x *descrição comportamental* (que não abordaremos aqui). Mas antes de apresentá-las, traz uma discussão sobre o conceito de tempo a partir de vários autores, dando destaque à classificação de tempo proposta por Reichenbach (1948) que será retomada posteriormente por diversos autores, inclusive por Ilari e Basso (2008) que fundamentam a nossa análise.

Reichenbach (1948) estabeleceu a formalização de três pontos teóricos no que seria a “linha” do tempo: aquele que indica o **momento da fala (MF)**, o que indica o **momento** em que transcorre o evento, o **momento de evento (ME)** e um terceiro ponto que seria referencial para os dois primeiros, o **momento de referência (MR)**. A partir destes três pontos que irão definir os *tempora* verbais (passado, presente e futuro) é possível observar as relações de anterioridade, simultaneidade e sucessividade através do modo como o verbo apresenta um evento, processo ou ação na sua relação com a enunciação.

A partir destes três pontos propostos por Reichenbach (1948), Corôa (2005) distingue as noções de *tempus* (expressão gramatical) e de **tempo** (conceito abstrato), sendo o *tempus* aquele que gramaticaliza a relação entre o tempo da enunciação e o tempo da situação. Dessa forma, o tempo é simultaneamente propriedade da sentença (é expresso gramaticalmente) e da enunciação (pois se relaciona com o momento da enunciação). O *tempus* é então classificado entre **presente** (ME, MF e MR são simultâneos), **passado** (ME é sempre anterior ao MF) e **futuro** (em que o MF é sempre anterior ao ME).

Corôa (2005) também aborda o aspecto verbal, especialmente na relação que esta categoria tem com o tempo, que é o foco de seu trabalho. Para esta autora, é necessário que não se confunda o *aspecto* com o *modo de ser da ação*. Para ela, o aspecto é sempre marcado morfológicamente, sendo, portanto gramatical, enquanto o modo de ser da ação não tem essa marcação morfológica, sendo de natureza léxico-semântica, ao contrário do

aspecto que tem natureza léxico-sintática. Este *modo de ser da ação* está contido então no radical do verbo e é a composição entre este radical e a flexão (aspecto) que estabelecem, para ela, uma relação com a enunciação.

Por fim, apresentamos aqui o tratamento que dá à questão o trabalho de Ilari e Basso (2008). Segundo os autores, a diferença entre aspecto e acionalidade é muito sutil, uma vez que compartilham de algumas características comuns como, por exemplo, o fato de ambas não serem categorias dêiticas, como é a categoria do tempo. Outra característica comum é o fato de que sempre que se fala em aspecto ou em classe acional, nos referimos de alguma forma à constituição interna do processo, à existência de fases, com a possibilidade de valorizar ou não uma dessas fases (ILARI e BASSO, 2008, p. 284). Devido a essas semelhanças, se tornou comum tratar as duas categorias como partes inseparáveis de um mesmo fenômeno. Porém, os autores contrariam essa tradição, separando as duas categorias e descrevendo-as de modo distinto.

Para entendermos as diferenças que separam a acionalidade do aspecto, os autores afirmam que o aspecto é materializado pela aplicação de recursos gramaticais diferentes capazes de produzir perspectivas diferentes sobre um determinado evento. Neste sentido, a *acionalidade* seria algo da ordem do *semântico* e o *aspecto* da ordem da *gramática*. As opções aspectuais então podem se exprimir pela aplicação a uma mesma palavra de recursos gramaticais específicos (flexões, construções com verbos auxiliares), como se pode ver nos exemplos abaixo:

(6-2) nessa casa minha mãe teve¹² infecção dentária teve reumatismo ficou dois meses paralítica de cama... [DID SP 208]

(6-4) nessa casa minha mãe tinha infecção dentária tinha reumatismo ficava dois meses paralítica de cama... (ILARI e BASSO, 2008, p.285-286)

Ao observarmos os dois exemplos, percebemos que em (6-2)¹³ o uso do perfeito do indicativo indica episódios fechados, tomados em sequência, enquanto o uso do imperfeito

¹² Grifos dos autores.

¹³ Foi mantida a numeração original dos exemplos, para que o leitor possa consultá-los na obra original, caso necessário.

em (6-4) indica que os fatos duram, se repetem e podem se superpor. Assim, a passagem do perfeito para o imperfeito não modifica o sentido dos predicados, mas a perspectiva sob a qual se narra os eventos, a partir de um instrumento gramatical (a escolha do tempo verbal). Dessa forma, podemos compreender porque os autores optam por separar as categorias da acionalidade e do aspecto, uma vez que para eles estabelecem-se aí:

[...] duas linhas de investigação distintas: a primeira aponta para uma grande classificação dos predicados que não envolve diretamente a gramática; a segunda aponta para um estudo gramatical, ou seja, para o estudo de um conjunto limitado de opções de sentidos “abstratos” proporcionados pela gramática da língua. (ILARI e BASSO, 2008, p. 286-287)

Apesar de os autores fazerem a distinção entre essas duas categorias, eles reconhecem que no uso linguístico elas funcionam simultaneamente, sendo possível, por exemplo, que a acionalidade do verbo mude de acordo com o aspecto verbal. Entretanto, mantêm essa distinção e apontam que ela se constitui historicamente, uma vez que a acionalidade já era estudada desde Aristóteles, enquanto o aspecto só começou a ser analisado no século XIX pelos gramáticos que estudavam as línguas eslavas e as línguas clássicas.

Retomando então os trabalhos acima apresentados, podemos observar que Castilho (1968) não estabelece distinção entre a acionalidade e o aspecto, uma vez que se a acionalidade constitui o semantismo do verbo ela já está lá e está totalmente ligada ao aspecto, sendo este sim considerado como uma categoria verbal. Já Travaglia (1980), apesar de não separar exatamente o aspecto e a acionalidade, parece dar um tratamento similar à questão, já que as noções semânticas constituem as situações que por sua vez só podem ser apresentadas sob um ponto de vista, ou seja, através do aspecto verbal, sendo este de natureza semântica (o que difere este autor dos demais que tratam o aspecto como uma categoria gramatical). Por fim, Corôa (2005), apesar de também apontar essa distinção entre acionalidade como de natureza semântica e aspecto como de natureza sintática, não aborda aquela como uma categoria verbal, tratando apenas o aspecto como tal.

Dessa forma, no quadro de estudos aqui apresentado, o único trabalho que além de marcar essa distinção, trata a acionalidade como uma categoria do verbo de modo separado é o trabalho de Ilari e Basso (2008). Para responder as questões iniciais que nos colocamos, que têm interesse semântico, optamos por adotar como perspectiva norteadora o modo como estes autores tratam a acionalidade, pois nosso interesse está em compreender e descrever como a semântica do verbo pode influenciar (permitir ou restringir) a incidência de *super* sobre ele.

Há outros trabalhos como o de Chierchia (2003) em que também se faz a distinção entre aspecto e acionalidade como duas categorias de naturezas distintas (sintática e semântica, respectivamente). Porém, escolhemos o trabalho de Ilari e Basso (2008) como base para nossa descrição por seu maior detalhamento do quadro de classes acionais, diferente da classificação aristotélica adotada por Chierchia (2003). Esta classificação não permite, por exemplo, que se distingam os predicados não-durativos entre pontuais e transformativos, distinção fundamental proposta por Ilari e Basso que permite identificar outra propriedade semântica desses predicados: a de serem télicos ou atélicos.

Outro fator que determinou a nossa escolha diz respeito ao modo como os dois trabalhos constituem e analisam seus dados. O trabalho de Chierchia (2003) se insere na tradição da teoria gerativa, cuja preocupação é descrever a gramática universal dos falantes, utilizando para isso sentenças possíveis, a partir do critério de gramaticalidade/agramaticalidade. Em outra via, Ilari e Basso (2008), fundamentados na teoria funcionalista, têm como preocupação descrever a língua em seu funcionamento, trabalhando assim com dados de língua realizados, selecionados do corpus NURC¹⁴. Feita a distinção entre aspecto e acionalidade e justificada a nossa escolha em tratá-las de modo separado, apresentamos a seguir o modo como a acionalidade do verbo é abordada em Ilari e Basso (2008).

¹⁴ O Projeto de Estudos da Norma Linguística Urbana Culta do Brasil (NURC) é um projeto que vem se desenvolvendo desde 1969 no Brasil e procura documentar e descrever o português culto falado por brasileiros nascidos em Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife.

1.1.A acionalidade do verbo: quadro das classes acionais do português brasileiro

Ilari e Basso (2008) definem a *Aktionsart* (palavra alemã que significa “modo da ação”) ou ainda *acionalidade* como a identificação dos “momentos” qualitativamente diferentes que constituem a estrutura interna de ações ou eventos expressos por ele e procuram fazer uma descrição das principais opções de acionalidade que são relevantes para o português brasileiro, a partir da distinção das *classes acionais*, determinadas através de alguns critérios. Os autores definem essas classes sempre a partir de predicados e não de verbos isolados, sendo estes predicados contextualizados em trechos de conversações do NURC.

Para definir as classes acionais, eles utilizam os seguintes critérios: (1) as restrições que afetam a possibilidade de o verbo coocorrer com determinados adjuntos “de tempo” e com determinados auxiliares; (2) a maneira como a interpretação dos adjuntos muda em função da natureza do verbo; (3) as inferências que a frase autoriza e (4) a consideração da “estrutura de fases” que o verbo atribui ao processo que descreve. A partir desses critérios, os autores descrevem e classificam as principais classes acionais, chegando aos seguintes modos de ação: *duração*, *telicidade* e *estado*. Vejamos a seguir, as oposições possíveis pensando nesses três modos de ação e como elas se caracterizam através dos testes propostos por Ilari e Basso (2008).

a) *Durativos x não-durativos: compatibilidade com adjuntos do tipo “por X tempo”*

Para identificar se um predicado é durativo ou não, os autores utilizam como teste a compatibilidade do verbo com adjuntos que medem duração de tempo, sejam esses adjuntos constituídos de alguma unidade-padrão que especifica a duração (minutos, horas, dias, anos, etc.) ou de termos que fixam seus limites ou os circunscreve (entre hoje e amanhã, das 4 às 6 horas, até o meio-dia, etc.), mostrando que apenas alguns verbos apresentam essa compatibilidade, como podemos observar nos exemplos:

(5-12) Eu gosto de ficar em lugares isolados por algum tempo, mas não por muito tempo.
[D2 RJ 158]

(5-14) ?Eu gosto de tirar uma foto de lugares isolados por algum tempo, mas não por muito tempo. (ILARI e BASSO, 2008, p.268)

A partir dos exemplos acima, os autores demonstram que o fato de (5-14) não ser aceitável mostra que a ação descrita pelo verbo, contrariando a informação trazida pelo adjunto, é concebida como uma ação sem duração interna, ao contrário da ação descrita em (5-12). Neste sentido, o critério da compatibilidade com este tipo de adjunto é capaz de separar os predicados *não-durativos* dos *durativos*. Devemos lembrar que, quando os autores consideram que os adjuntos temporais de duração são incompatíveis com predicados não-durativos, excluem a possibilidade de uma leitura iterativa, visto que nesta pode aparecer um adjunto temporal de duração que irá medir não mais a duração de cada evento, mas do tempo global dos vários eventos que se repetem. Além disso, é justamente essa possibilidade de leitura iterativa que indica o caráter não-durativo do predicado. Podemos ver a diferença entre as duas leituras nos exemplos abaixo:

(5-17) Ele andava metido com esse negócio de cachorro, antigamente. Aliás até agora ele ainda deve gostar. [D2 SSA 95]

(5-18) Eu tomo muito cafezinho durante o dia; eu fumo também né [DID RJ 328] (ILARI e BASSO, 2008, p.269-270)

Em (5-17) podemos observar que “andar metido com esse negócio de cachorro” é uma ação que tem certa duração, sendo que ela continua no tempo, como podemos perceber pela incidência do adjunto de tempo “até agora”, não permitindo assim uma leitura de que se trata de um evento que se repete, mas de um único evento que tem certa duração. Já em (5-18) percebemos que o adjunto “durante o dia” não indica a duração da ação de tomar café, mas que essa ação se repete ao longo do dia, mostrando assim que se trata de um predicado não-durativo, pois quando modificado por este adjunto permite uma leitura iterativa.

b) *Télicos x atélicos: compatibilidade com adjuntos do tipo “em X tempo”*

O teste de compatibilidade anterior é capaz de distinguir duas classes acionais no que diz respeito à duração das ações descritas pelo predicado, porém podemos encontrar ainda uma outra distinção interna aos predicados durativos que resulta em duas classes heterogêneas. Para distinguir essas duas novas classes, pode-se aplicar a **verbos durativos** o critério da compatibilidade com adjuntos do tipo “em X tempo”, como podemos observar a partir dos seguintes exemplos:

(5-20) Em seis anos não dá para aprender medicina para já sair fazendo. [DID SSA 231]

(5-23) *Em seis anos não dá para saber medicina para já sair fazendo. (ILARI e BASSO, 2008, p.270)

Através destes exemplos, os autores mostram que *aprender medicina* implica um processo que tem um início e um fim determinados, enquanto *saber medicina* não prevê nem o início nem o fim do processo e, por isso, é incompatível com o adjunto “em seis anos”. Neste sentido, a aplicação de adjuntos do tipo “em X tempo” separa os predicados que têm um complemento natural (**resultativos**) daqueles para os quais não há complemento natural (**não-resultativos**). Mas, segundo Ilari e Basso (2008), a presença desse tipo de adjunto não afeta apenas os verbos durativos, podendo incidir também sobre os não-durativos, produzindo um efeito distinto, sendo que alguns o recusam (5-26a), enquanto outros o aceitam (5-29):

(5-26) a) *Saltei do bonde em uma hora / b) *Levei uma hora saltando do bonde. (a sentença a) é inaceitável se “uma hora” mede a duração do “salto”, torna-se aceitável se uma hora é o tempo em que o interessado ficou no bonde).

(5-29) Eu vou tomar o trem, vou chegar daí a 7 horas. [D2 SP 255]

(não é a “chegada” que dura “7 horas”; “sete horas” é o tempo necessário para percorrer um dado percurso) (ILARI e BASSO, 2008, p.271-272)

O que explicaria a aceitação do adjunto por alguns verbos não-durativos e não por outros? Segundo os autores, por definição, os processos expressos pelos verbos não-

durativos não têm dimensão interna, assim, os adjuntos “em X tempo” junto a esses predicados não irão medir a duração do processo, mas do tempo entre o fato tomado como referência e a culminação (momentânea) do processo. Assim, alguns verbos não-durativos expressam ações pontuais, em que não é possível medir esse tempo entre o ponto de referência e a culminação. Por outro lado, há outros verbos não-durativos que expressam uma transformação de um estado a outro, permitindo a medição deste tempo. Estabelece-se assim uma distinção entre os verbos *não-durativos pontuais* (que não aceitam adjuntos do tipo “em x tempo”) e os *não-durativos transformativos* (que aceitam este adjunto). Assim, os *não-durativos transformativos* e os *durativos resultativos* (compatíveis com adjuntos do tipo “em x tempo”) constituem a classe dos *predicados télicos* (que têm um fim pré-determinado), enquanto os predicados *pontuais* e *não resultativos* constituem a classe dos *predicados atélicos*.

c) *Estativos x continuativos (não-estativos): compatibilidade com o imperativo*

Continuando o trabalho de definição e determinação das classes acionais, os autores encontram ainda uma terceira oposição que aparece dentro da classe dos predicados *durativos não resultativos* que pode ser definida pelo critério da possibilidade de usar o verbo no imperativo, como podemos observar nos seguintes exemplos:

(5-31) *Tenha dificuldade para pronunciar a palavra “fonoaudiólogo”!

(cf.: “fonoaudiólogos [...] essa palavra eu tenho uma dificuldade louca para falar DID SP 251).

(5-33) Empurre aquele botãozinho!

(cf.: eu conheço dois tipos: o tradicional que a gente tem que empurra aquele botãozinho, ir até em cima e prender no outro e os... os guarda-chuvas automáticos, muito conhecidos pelos camelôs DID SSA 66). (ILARI e BASSO, 2008, p.273)

Os autores mostram através dos exemplos acima que o verbo durativo não-resultativo *empurrar* no predicado “Empurre aquele botãozinho” pode ser usado no imperativo, enquanto o verbo *ter* no predicado “tenha dificuldade” não pode, já que a

sentença (5-31) é inaceitável. Dessa forma, os autores mostram que este teste separa entre os durativos não resultativos, os verbos *estativos* dos *não-estativos*, chamados também de *continuativos*. Os autores lembram que entre os verbos continuativos, muitos ao tomarem um objeto direto singular dão origem a um resultativo, como por exemplo, “cantar uma canção”.

As classes acima apresentadas, como ressaltam os autores, constituem os principais modos de ação do verbo e não uma classificação completa, pois se trata apenas de um “mapa das grandes regiões da acionalidade”. Para eles, além dessas principais classes é possível encontrar uma distinção dentro da classe dos verbos estativos que diz respeito ao seu caráter permanente ou estável (os que são *permanentes* não ficam bem com adjuntos que indicam duração, enquanto os *estativos não-permanentes* são compatíveis com esses adjuntos). Ou ainda um caso especial entre os verbos télicos chamados pelos autores de *incrementais*, verbos que permitem duas interpretações distintas - uma que indica “um passo a mais” dado em direção à conclusão do evento ou à sua meta e outra que indica o grau máximo ou ideal em que poderia se atingir esta meta.

A partir da definição e classificação feita acima através de critérios de compatibilidade com certos adjuntos de tempo, bem como pela possibilidade de se usar o verbo no imperativo, os autores chegam a um quadro mínimo de classificação no qual aparecem as principais classes acionais do verbo, que reproduzimos abaixo:

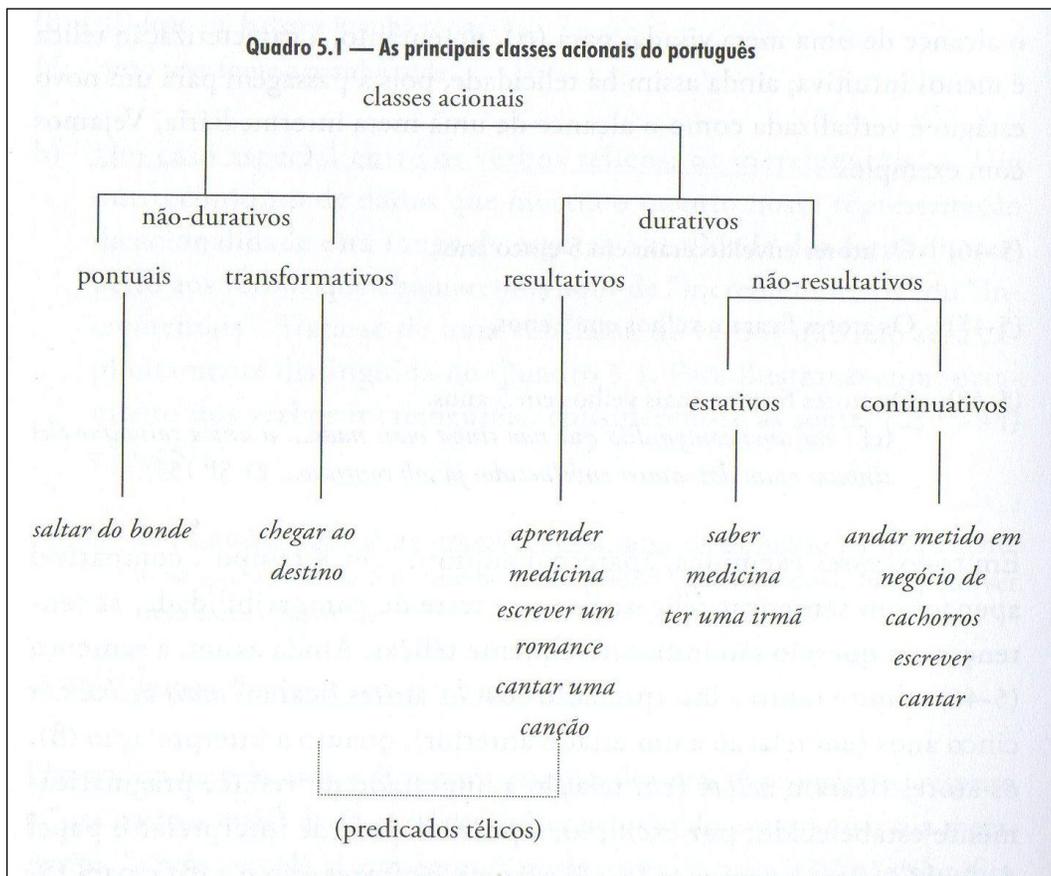


Figura 2 - Quadro de classes acionais do português brasileiro
 Fonte: ILARI e BASSO, 2008.

Os autores fazem a ressalva de que este quadro é bastante geral e, por isso, incompleto, além de não estar isento de problemas, tais como o fato de que essas classes se modificam no uso linguístico ao interagirem com outras categorias, principalmente com o tempo e o aspecto. Ainda assim, para eles, o quadro pode ser tomado como referência por: (1) especificar em cada nível características que são mantidas pelos níveis inferiores; (2) dar conta do caráter híbrido dos verbos télicos; (3) ser fundamentado em um conjunto de critérios que têm uma face distribucional e uma face nocional.

Falando ainda sobre o quadro, para os autores, o maior problema que ele apresenta é o fato de não ser capaz de representar uma característica fundamental das classes acionais que é a sua enorme sensibilidade ao contexto linguístico próximo. Isso quer dizer que o enquadramento de um predicado verbal em outra classe acional pode ser influenciado por fatores não diretamente ligados ao verbo. Por exemplo, no enunciado “João correu” o

verbo *correr* é considerado como não resultativo e atélico (continuativo), mas quando este verbo é complementado por “até a farmácia”, ele passa a ser resultativo e télico, pois a complementação do verbo aciona a propriedade da telicidade (ILARI e BASSO, 2008, p. 279).

A conceituação da acionalidade, o quadro de classes acionais apresentado por Ilari e Basso (2008) e os testes por eles utilizados para chegarem a este quadro constituem as ferramentas necessárias para mapearmos e compreendermos a relação que se estabelece entre *super* e o predicado verbal, uma vez que nos permitem determinar a natureza semântica do verbo. É por este motivo que optamos por trabalhar com esta abordagem em nosso trabalho, pois ela nos permite descrever de maneira clara e simples o fenômeno que estamos estudando e algumas questões que o envolvem. Justificada nossa escolha, apresentamos a seguir nosso trabalho de análise.

2. *Super* e a acionalidade do verbo

Nosso interesse em examinar a relação entre a acionalidade do verbo e a incidência de *super* sobre ele surgiu da observação de certos enunciados em que há incidência de modificadores graduadores sobre predicados que usualmente não são graduados, como por exemplo, sobre o verbo *matar* na propaganda do inseticida Raid: “Mata bem morto os insetos e protege sua família, sem deixar cheiro”.¹⁵ Neste enunciado, fica evidente que a intensificação do verbo *matar* tem o objetivo de reforçar a eficiência do produto que é anunciado, mas ele nos provoca a pensar sobre a possibilidade de que certas propriedades semânticas de nomes e verbos poderiam restringir a incidência de determinados modificadores sobre eles ou ao menos a sua frequência.

Em uma perspectiva semântica que toma o sentido como uma representação dos objetos e estados de coisas do mundo e que se fundamenta em relações lógicas, a graduação do verbo *matar* seria vista ou como logicamente impossível, uma vez que não é possível

¹⁵ Disponível em: <http://www.linharaid.com.br/prod_raid_multi_insetos_sem_cheiro.htm>. Acesso em: 01 maio 2014.

matar mais ou *menos* um inseto, ou como a expressão de um sentido secundário, figurado, devido às restrições lógicas impostas pela relação sentido-mundo que esta perspectiva pressupõe como direta. Um exemplo dessas possíveis restrições seria a noção semântica de não duração que caracteriza, por exemplo, o predicado *morrer* e que, em princípio, poderia restringir modificadores escalares. No entanto, Castilho e Ilari (2008) encontraram uma ocorrência em que este predicado é graduado “morrer aos poucos... aos pedacinhos”¹⁶ e mostram que este tipo de predicado não chega a restringir a modificação escalar, mas quando ela ocorre o verbo deixa de ser pontual e passa a ter uma interpretação durativa (CASTILHO e ILARI, 2008, p. 422). Foi considerando essas questões que nos propusemos a pensar a relação entre a acionalidade de verbos/predicados e a modificação gradual/escalar expressa por *super*.

Essa relação que se dá entre predicados e modificadores é tratada por Castilho e Ilari (2008) como uma relação de “seleção semântica”, a partir da qual verbos e nomes selecionariam, respectivamente, advérbios e adjetivos compatíveis com suas propriedades semânticas. Isso explicaria, segundo estes autores, a possibilidade de se encontrar na língua a expressão “representar graficamente”, mas não “*comer graficamente” (CASTILHO e ILARI, 2008, p.414), sendo *comer* neste caso significado como “ingerir alimento”. No entanto, se considerarmos a definição de *comer* do Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil (1990), encontraremos outra acepção possível para este verbo:

COMER – I. Indica ação-processo. [...] 1.2. Com complemento expresso por nome designativo de **elemento linguístico**, significa *suprimir, omitir*: *Quando ele falava, comia as sílabas finais; O datilógrafo comeu várias palavras.* (DICIONÁRIO GRAMATICAL DE VERBOS DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO DO BRASIL, 1990, p. 288).

Tomando esta acepção de *comer*, podemos observar que, neste caso, caberia perfeitamente a sua modificação pelo advérbio *graficamente*, uma vez que esta acepção estabelece uma relação entre *comer* e *elemento linguístico*, que por sua vez pode ser

¹⁶ “porque [o avião] chega depressa e [se] a gente vai morrer... morre de vez... eu não gosto de morrer *aos pedacinhos... aos poucos*. [D2SSA 98]” (In: CASTILHO e ILARI, 2008, p. 422).

representado graficamente. Assim, percebemos que Castilho e Ilari (2008) ao excluírem a possibilidade de que este verbo “selecione” um modificador como *graficamente*, consideram *comer* em seu sentido de “ingerir alimento”, como se este fosse o único sentido ou o sentido principal deste verbo, apagando-se outros sentidos possíveis (como o de suprimir elementos linguísticos), que seriam considerados assim secundários, como derivados de um sentido principal.

Cabe assim esclarecermos que, ainda que estejamos interessados na relação de *super* com o verbo sobre o qual incide, não a tomamos como uma relação de “seleção semântica”, tal como é feito por Castilho e Ilari (2008), mas como um ponto de observação que nos permitirá encontrar as regularidades¹⁷ linguísticas que constituem o funcionamento de *super* como forma livre. Além disso, consideramos que na língua não há sentidos previamente estabelecidos e/ou hierarquizados, mas uma latência a partir da qual o sentido pode derivar, dentro das injunções políticas que determinam os espaços de enunciação, podendo ser sempre outro, tal como é proposto por Guimarães (1996, p. 32) ao explicar o funcionamento da palavra *embora*, retomando a sua história de enunciações.

Considerando então as questões que levantamos acima, procuramos classificar os predicados em que *super* se articula a um verbo nas ocorrências que encontramos, utilizando os testes propostos por Ilari e Basso (2008). No entanto, restringiremos-nos a classificar os predicados de acordo com a noção semântica de duração, pois interessa-nos observar se esta noção poderia restringir ou dificultar a incidência de *super* sobre determinados predicados ou ainda permitir possibilidades distintas de interpretação deste modificador.

Feitas estas considerações, apresentamos a seguir os resultados gerais da nossa busca (mostrando a quantidade de enunciados encontrados a partir dos critérios estabelecidos e descritos anteriormente) e a classificação acional que propusemos para os predicados que constituem estes enunciados. Em relação à quantidade de ocorrências de *super* articulado aos verbos pesquisados, podemos dizer que encontramos resultados bastante heterogêneos. Enquanto para os verbos *começar*, *vir*, *dizer*, *chegar* e *casar* não

¹⁷ Guimarães define as regularidades não como regras capazes de permitir generalizações sobre fatos linguísticos, mas como um meio de se explicar estes fatos e “prever os espaços regularizados para as enunciações” (GUIMARÃES, 2001, p. 18).

encontramos nenhuma ocorrência, para outros encontramos um número bastante alto de ocorrências, como é o caso do verbo *querer* (28 enunciados).

Assim, encontramos 84 enunciados utilizando os 24 verbos selecionados como entradas de busca na seção de blogs do Google, conforme especificamos anteriormente. Entre os 84 enunciados, encontramos a seguinte distribuição entre os verbos: 1 ocorrência para os verbos *ver*, *nascer* (expressão fixa), *morrer* (expressão fixa), *falar*, *saber*, *ser* e *estar*; 2 ocorrências para os verbos *comer*, *comprar*, *viver* e *ficar*; 3 para *ter* (todas expressões fixas); 4 para o verbo *fazer* (sendo uma delas expressão fixa); 5 para o verbo *dar* (todas expressões fixas); 6 para *achar* (com o sentido de *supor/considerar*); 10 para *gostar*; 13 para *lembrar* e 28 para o verbo *querer*.¹⁸

Devido ao grande número de ocorrências que encontramos e pelo fato de que, na maioria das vezes, a classificação acional se mantém nos diferentes enunciados que ocorrem com um mesmo verbo, apresentaremos apenas um exemplo de cada ocorrência quando os predicados forem similares. Por exemplo, os enunciados “Super gosto da maioria dos produtos dessa marca” e “Super gosto dessa pegada metalizada!” têm estrutura semelhante e, assim, utilizaremos na análise apenas um deles, porém, sempre que houver alguma diferença significativa entre enunciados constituídos pelos mesmos verbos, eles serão descritos. Os demais enunciados encontrados podem ser conferidos na seção *Anexos*, bem como as fontes dos enunciados que analisaremos.

Ainda em relação à frequência dos verbos, devemos dizer que ao mesmo tempo em que pesquisávamos os verbos previamente selecionados, especificados na seção *Constituição do corpus e método de trabalho*, obtínhamos resultados de outros verbos que ocorriam articulados a *super*, tais como: *recomendar* (63 ocorrências), *indicar* (39), *amar* (25) e *apoiar* (12).¹⁹ Diante dessa grande frequência, iremos inserir ao menos um exemplo

¹⁸ Ressaltamos que esta distribuição segue as entradas de busca que fizemos no Google. Por exemplo, ao inserirmos como entrada de busca “super vou querer”, obtivemos como um dos resultados o enunciado “super vou querer ver”, no qual temos tanto o verbo *querer* como o verbo *ver*. Neste caso, contabilizamos não o verbo *ver*, mas apenas o verbo *querer* que foi o verbo utilizado na entrada de busca.

¹⁹ Ainda que nossa pesquisa não tenha um foco quantitativo, mas qualitativo, é possível observar uma diferença relevante no número de ocorrências da articulação de *super* a certos verbos, como *querer*, *lembrar*, *recomendar*, *indicar* e *amar*. Isso nos leva a considerar que há neles algo capaz de atrair a forma *super* com uma frequência maior em relação a outros predicados verbais. Podemos pensar que estes verbos têm como característica comum o fato de que parece incidir sobre eles uma carga de subjetividade maior, como se eles

de ocorrência de cada um desses verbos, além de classificar os predicados que eles constituem, de acordo com a sua acionalidade, relacionando-os assim aos demais verbos encontrados. Apresentamos abaixo os predicados encontrados, de acordo com a sua classe acional no que diz respeito à noção duração:

NÃO DURATIVOS (PONTUAIS e TRANSFORMATIVOS): *ver que, falar sim, nascer pra câmara, indicar lojas, recomendar um corretivo, fazer enxertos, fazer receita, comer bombom de café, comprar esses lápis, dá pra fazer.*

DURATIVOS (RESULTATIVOS, ESTATIVOS e CONTINUATIVOS): *viver a crise dos 5 meses, dar uma hidratada, gostar de algo, querer algo, querer que (?), querer compartilhar (?), querer ver (?), achar que (?), ter vontade de, amar o filme, morrer de rir, apoiar a iniciativa, lembrar de (?), saber combinar as cores, ser igual a, estar na vibe.*

Podemos fazer algumas observações gerais sobre esta classificação e que serão detalhadas ao longo da análise. Inicialmente, percebemos que há mais ocorrências de *super* incidindo sobre predicados durativos, do que não durativos (sendo boa parte destes constituídos por expressões fixas). Há também alguns predicados marcados com o sinal (?), pois nestes casos, temos dúvidas quanto à sua classificação, especialmente em relação ao verbo *lembrar* (devido à sua complexidade semântica) e aos verbos modalizadores *querer* e *achar*. Por fim, observamos que é grande o número de ocorrências de *super* com expressões fixas, contrariando uma de nossas expectativas iniciais, a de que ele ocorreria na maioria das vezes como um intensificador em um sintagma verbal simples.

Diante dessas observações, apresentamos a análise através do seguinte eixo organizador: a) Ocorrências de *super* com verbos plenos e com a estrutura [verbo + oração relativa], b) Ocorrências de *super* com perífrases verbais e c) Ocorrências de *super* com expressões fixas. Além disso, procuramos utilizar em nossa análise dois procedimentos: a realização de testes alterando a posição sintática de *super* no enunciado (a fim de

remetessem com maior intensidade ao sujeito que enuncia, o que poderia explicar a articulação frequente com a forma *super*. Contudo, para compreendermos a especificidade de funcionamento destes verbos, seria necessária uma análise mais detalhada a respeito.

compreendermos seu funcionamento em relação ao predicado que modifica) e a construção de paráfrases²⁰, nas quais estabeleceremos uma relação com o modificador *muito*.

Antes de apresentarmos a análise, cabe aqui justificarmos nossa escolha em estabelecer um paralelo com o modificador *muito*. Uma primeira justificativa diz respeito ao fato de que este parece ser o intensificador considerado como canônico e utilizado com maior frequência no português, justamente por ser aceito tanto na fala, quanto na escrita. Além disso, *muito* tem sido abordado pelas gramáticas, de modo geral, como um advérbio intensificador ou ainda como um pronome indefinido, conforme nos mostra Castilho e Ilari (2008, p. 442). Os autores afirmam que há certa dificuldade em se estabelecer os limites que distinguem a intensificação²¹ de outras propriedades semânticas:

Os Graduadores têm propriedades que os aproximam dos Pronomes Indefinidos; muitas vezes a forma é a mesma, e a distinção entre a intensificação propriamente dita e outros processos tem que se valer às vezes de critérios precários, como mostram estes exemplos:

[...]

Dormiu muito [muito: duração? Intensidade?]

Se envolve muito [muito: intensidade do envolvimento? Muitas ocasiões de envolvimento?]

[...] (CASTILHO e ILARI, 2008, p. 442).²²

Dessa forma, podemos perceber que *muito* é um elemento que pode expressar diferentes noções semânticas, sendo, portanto, uma unidade polissêmica, tendo assim seu sentido definido na enunciação. Para nossa análise, interessa-nos primordialmente dois de seus sentidos: o de intensificador e o de quantificador. Estes parecem ser os sentidos mais encontrados nas paráfrases que fizemos de nossos dados substituindo a forma *super*, pois ora *muito* pode ser interpretado como um intensificador, ora como um quantificador. Essa

²⁰ Gostaríamos de lembrar que nos testes e paráfrases que fazemos neste trabalho procuramos levantar alguns possíveis sentidos de *super* nos enunciados que analisamos, a fim de compreendermos seu funcionamento. No entanto, entendemos que estas não são as únicas possibilidades de interpretação desta forma, pois *super* pode significar de diferentes modos a depender da cena enunciativa em que ocorre. Sendo assim, entendemos que pode haver outras interpretações para os enunciados analisados, que não foram aqui contempladas.

²¹ Em nosso trabalho, consideramos a intensificação como uma modificação graduadora que se aplica não apenas a um predicado, mas a outros elementos que constituem o enunciado, tais como a força ilocucionária, a modalização e o aspecto verbal.

²² Outros modificadores considerados como intensificadores se comportam de modo similar, tais como *demais*, *bastante*, *tanto*, etc.

diferença de valor semântico irá nos ajudar a mostrar o caráter dos predicados que *super* modifica. Feitas estas considerações, iniciaremos nossa análise, conforme especificamos acima.

a) *Ocorrências de super com verbos plenos e com a estrutura [verbo + oração relativa]*

Apresentaremos neste primeiro momento da análise as ocorrências que encontramos de *super* incidindo sobre predicados constituídos por verbos plenos e por estruturas em que temos como complemento do verbo uma oração relativa. Seguiremos a mesma ordem da classificação que apresentamos acima, começando pelos predicados não durativos, passando depois aos predicados durativos.

(1) **Eu super vi** que vc fugiu do buquê tá...²³

a. Eu vi **super** que você fugiu do buquê, tá? (*Eu vi mesmo que você fugiu*)

b. ?Eu vi **muito** que você fugiu do buquê. (?*Eu vi você fugir do buquê muitas vezes*)²⁴

O primeiro predicado não durativo que encontramos é constituído de um verbo pleno com uma oração relativa como complemento. Podemos observar que se trata de um predicado pontual, pois quando substituímos *super* por *muito* na paráfrase (1.b) obtemos uma interpretação de que a ação descrita no predicado ocorreu muitas vezes, mostrando assim que o modificador tem aqui o valor de quantificador e não de intensificador. Assim, teríamos o sentido de que “eu vi você fugir do buquê *várias vezes/muitas vezes*”.²⁵ No

²³ Em todas as ocorrências grifamos em negrito o sujeito (quando expresso), a forma *super* e o verbo ou expressão fixa. Além disso, mantivemos a grafia original dos enunciados, mesmo que contenha “erros” gramaticais.

²⁴ Em alguns casos, como este em (1.b), é possível interpretar *muito* como um elemento que enfatiza o enunciado, mostrando assim que esta forma tem funcionado não apenas como quantificador e intensificador, mas também como um elemento que marca ênfase, mostrando um funcionamento similar ao da forma *super*. Este é o caso ainda das paráfrases (2.c), (7.c), (14.c) e (24.c). No entanto, continuamos marcando estes enunciados com o sinal ?, pois tomamos nestes casos o uso de *muito* como quantificador e/ou intensificador, uma vez que nos interessa observar a relação entre *super* e o predicado, bem como a relação de contraste e similaridade entre *muito* e *super*, a partir da noção semântica de duração que caracteriza os predicados verbais.

²⁵ *Muitas vezes* é um dos modificadores tratados por Castilho (2010) como um sintagma nominal com função adverbial, sendo um quantificador aspectualizador. O autor explica que pode acontecer deste sintagma ter seu núcleo *vezes* omitido, restando apenas o especificador quantificador que passa a ser preenchido pela forma aparentemente neutra *muito*. O mesmo ocorre com *pouco* (*poucas vezes*) e com *bastante* (*bastantes vezes*). O

entanto, não é este o sentido expresso em (1), nem em (1.a), mesmo com a inversão da posição de *super* em relação ao verbo *ver*, pois o que está sendo intensificado aqui não é o predicado “vi a fuga”, mas a afirmação de “ter visto a fuga”. Neste sentido, *super* funciona aqui como um marcador que modaliza a afirmação do que foi visto como certa. Analisaremos este caso com mais detalhes no capítulo 3.

- (2) ...fiquei *super* honrada com o contato e no primeiro momento **eu *super* falei SIM**.
- a. No primeiro momento eu falei *sim* ***super***.
(No primeiro momento eu falei *sim* **entusiasmada/com segurança**)
 - b. ?No primeiro momento eu falei ***super*** *sim*.
 - c. ?No primeiro momento eu falei **muito** *sim*. (Eu falei *sim* **muitas vezes**)

Em (2) temos o predicado *falar sim* que pode ser equivalente ao verbo *aceitar*, sendo assim um predicado não durativo, conforme podemos observar na paráfrase em (2.c), pois quando substituímos *super* por *muito* temos como resultado uma leitura iterativa, assim como ocorre com *super* quando ele é posicionado entre *falar* e *sim* em (2.b). Isso se explica também pelo fato de que a expressão *falar sim* poderia ser considerada como equivalente a um verbo performativo, através do qual se realiza uma ação, neste caso, a ação de aceitar o convite. Assim, ao se romper esta expressão a modificação passa a recair não mais sobre a ação de aceitar, mas apenas sobre o verbo *falar*, o que nos permite interpretar *super* como um quantificador de *sim* em (2.b). Neste sentido, podemos pensar que em (2) *super* está intensificando a ação de *falar sim*, mostrando que o convite foi aceito com entusiasmo e/ou com segurança (mesmo quando o inserimos depois do predicado *falar sim* em (2.a)). Retomaremos essa questão ao analisarmos outros verbos performativos mais à frente.

- (3) Flor **eu *super* faço** esses “enxertos” na minha unha.
- a. Eu faço esses enxertos ***super*** na minha unha!!!
(Eu faço esses enxertos **mesmo/sempre**)

autor chama este processo de adverbialização dos quantificadores indefinidos (CASTILHO, 2010, p. 568-69). E é este funcionamento que parece ocorrer na articulação de *muito* a predicados pontuais.

- b. Eu faço **super** esses enxertos na minha unha!!!
(*Eu faço **mesmo/sempe** esses enxertos*)
- c. Eu faço **muito** esses enxertos na minha unha!!!

Em (3) observamos a ocorrência do predicado “fazer esses enxertos na minha unha” que, assim como os predicados (1) e (2), tem o caráter de ser não durativo. Podemos identificar essa primeira característica através da paráfrase em (3.c) na qual substituímos *super* por *muito*, tendo como resultado uma leitura iterativa de “fazer esses enxertos”. O mesmo parece ocorrer quando posicionamos *super* no meio do predicado, entre *fazer* e seu complemento “esses enxertos” em (3.b), ou ainda na paráfrase (3.a) sucedendo o predicado. Assim, aqui parece ser possível interpretar *super* de duas formas: como um modalizador do enunciado que neste caso reforça a afirmação do locutor sobre “fazer algo” a fim de não deixar dúvidas de que esta ação é cumprida ou como um modificador equivalente a *sempre* que reforça uma leitura de repetição da ação de fazer. Algo semelhante parece ocorrer com o predicado “comer bombom de café”:

- (4) **Eu super como bombom de café!!!**
 - a. Eu como bombom de café **super**! (*Eu como bombom de café **mesmo/sempe***)
 - b. Eu como **super** bombom de café! (*Eu como bombom de café **muitas vezes/sempe***)
 - c. Eu como **muito** bombom de café! (*Eu como bombom de café **muitas vezes***)

No dado (4), observamos que a incidência de *super* sobre o predicado “comer bombom de café” permite, assim como em (3), duas leituras: o reforço da afirmação do locutor sobre sua ação de “comer bombom de café” ou o reforço da quantidade de vezes que esta ação ocorre ao longo do tempo. A primeira leitura é possível quando *super* precede o predicado em (4) e quando o sucede em (4.a). Porém, quando inserimos *super* entre o verbo e seu complemento em (4.b) ou quando o substituímos por *muito* nesta mesma posição em (4.c), percebemos que temos como leitura privilegiada o reforço da repetição da ação.

O que parece ser comum aos predicados em (3) e (4) é que os verbos aparecem conjugados no presente o que, por si só já permite uma leitura de repetição da ação, pois o

presente neste caso mostra que “fazer enxertos na unha” e “comer bombom de café” são ações que começaram a ocorrer no passado e que se repetem até o momento da enunciação. Quando esses predicados são modificados por *muito*, há uma quantificação da repetição dessas ações, já a incidência de *super* vai além da função cumprida por *muito*, pois, se localizássemos esses dois modificadores em uma escala de graduação, *super* estaria acima de *muito*. Neste sentido, *super* aqui não quantifica o número de vezes que a ação ocorre, mas reforça a frequência de ocorrência, ou seja, as ações ocorrem mais do que *muitas vezes*, elas ocorrem *sempre*. Assim, *super* reforça o valor de repetição já presente no predicado pelo fato de o verbo ser conjugado no presente.

Encontramos também ocorrências de dois predicados pontuais que permitem tanto uma leitura modalizadora de *super*, quanto uma leitura iterativa. Vejamos a seguir como *super* funciona nestes predicados:

- (5) **Eu super recomendo** um corretivo mais pro laranja, tipo um tom pêssego ou salmão.
 - a. Eu recomendo **super** um corretivo mais pro laranja.
(*Eu recomendo fortemente/com segurança/sempre esse corretivo*)
 - b. Eu recomendo **muito** um corretivo mais pro laranja.
(*Eu recomendo fortemente/com segurança/muitas vezes esse corretivo*)

- (6) Hoje eu trago pra vocês algumas lojas virtuais que **super indico** para comprar maquiagem.
 - a. Hoje eu trago pra vocês algumas lojas virtuais que eu indico **super** para comprar maquiagem. (*Eu indico fortemente/sempre essas lojas*)
 - b. Hoje eu trago pra vocês algumas lojas virtuais que eu indico **muito** para comprar maquiagem. (*Eu indico fortemente/muitas vezes essas lojas*)

Como podemos observar em (5) e (6), os verbos *recomendar* e *indicar*, apesar de serem não durativos nestes predicados (e em outros tantos que encontramos com estrutura similar), parecem mostrar um funcionamento diferente dos predicados (1) e (2) (também não durativos). Para compreender essa diferença, o primeiro aspecto que devemos apontar é que as ações de *recomendar* e *indicar* são ações que só se realizam quando enunciadas, ou

seja, para recomendar um produto é necessário que alguém diga “eu recomendo o produto X”, enunciando assim o verbo na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.

Neste sentido, *recomendar* e *indicar* podem ser considerados verbos performativos, tal como proposto por Austin (1990). Segundo este autor, os performativos se opõem aos enunciados constatativos (ou declarativos) na medida em que não fazem declarações sobre o mundo, mas realizam ações, de acordo com certas condições convencionais (condições de felicidade). Eles ainda constituem os atos ilocucionários, que têm como efeito a criação de um compromisso por parte do locutor, e podem ser enunciados com maior ou menor força (força ilocucionária).

Dessa forma, podemos dizer que *super* funciona em (5) e (6) como um intensificador das ações de *recomendar* e *indicar*, podendo ser equivalente ao marcador *fortemente*, por exemplo, mesmo que apareça depois dos verbos como observamos em (5.a) e (6.a), apresentando um funcionamento similar a *muito* [intensificador], como podemos observar em (5.b) e (6.b). No entanto, a intensificação da ação na verdade se dá como intensificação da força ilocucionária com a qual estas ações se realizam e, neste sentido, *super* está intensificando o compromisso do locutor com aquilo que enuncia, funcionando assim como um modalizador da enunciação. O mesmo parece ocorrer com o enunciado (2), em que *super* reforça a força ilocucionária de *falar sim*.²⁶

Já a leitura iterativa desses predicados explica-se pelo fato de que, assim como em (3) e (4), estes verbos estão conjugados no presente que por si só permite a interpretação de que as ações de *recomendar* e *indicar* são cotidianas, ou seja, ocorrem com frequência. Dessa forma, em (5) e (6) o sentido de *muito* como quantificador não se impõe sobre o *muito* intensificador como em (1) e (2), pois não é a incidência do modificador que produz a leitura iterativa, mas o fato de os verbos estarem conjugados no presente. Assim, nos enunciados (5) e (6) temos dois funcionamentos possíveis de *super*: a intensificação da força ilocucionária e a intensificação da iteratividade expressa pelo tempo verbal.²⁷ Passamos agora a observar ocorrências de predicados durativos:

²⁶ Isso não contraria os resultados que encontramos até aqui, apenas acrescenta um funcionamento particular de um tipo de predicado não durativo.

²⁷ Trabalharemos mais esta questão no capítulo 3, por ora, apenas gostaríamos de apontar a diferença entre estes dois verbos e os outros verbos não durativos analisados. Isso explicaria também o grande número de

- (7) **Eu super vivi a crise** dos 5 meses, vislumbrando o fim do aleitamento exclusivo.
- ?Eu vivi a crise dos 5 meses **super**. (*Eu vivi a crise dos 5 meses **intensamente***)
 - Eu vivi **super** a crise dos 5 meses. (*Eu vivi **intensamente** a crise dos 5 meses*)
 - ?Eu vivi **muito** a crise dos 5 meses. (*Eu vivi a crise dos 5 meses **várias vezes***)

O enunciado (7) é um exemplo da dificuldade em se delimitar o sentido de modificadores graduadores, pois, tomando o verbo *viver* em um enunciado como “Ele viveu muito”, poderíamos ter duas interpretações: “ele viveu intensamente/aproveitou bem a vida” e “ele viveu muitos anos”, ou seja, *muito* pode estar intensificando o viver, assim como pode estar quantificando os anos vividos. No entanto, a ação de viver está aqui delimitada a um período que é a fase em que o bebê tem cinco meses. Neste sentido, parece estranho pensar que *super* neste enunciado esteja quantificando o tempo que se viveu essa crise pelo fato deste tempo já estar delimitado, mostrando assim que *super*, neste caso, parece intensificar a vivência da crise. Assim, tanto no enunciado (7), como nas suas paráfrases em (7.a) e (7.b), *super* está intensificando o predicado “vivi a crise dos 5 meses”, o que nos mostra que predicados durativos parecem privilegiar uma leitura intensificadora quando *super* incide sobre eles.

Já na paráfrase (7.c) o enunciado pode parecer inaceitável ao interpretarmos *muito* como um quantificador, pelo fato de que a fase que foi vivida é claramente delimitada e fixada em um momento da vida do bebê e, neste caso, não poderia ser vivida mais de uma vez. Porém, se pensarmos, por exemplo, que pode ter ocorrido em outros momentos uma crise similar a dos 5 meses, essa leitura é possível. A possibilidade de leitura iterativa é permitida pelo fato de este predicado ser télico, caracterizando assim uma ação ou experiência que tem um ponto de culminação. Há ainda uma outra leitura possível, se considerarmos que *muito* é enunciado com uma ênfase prosódica. Neste caso, ele teria um funcionamento similar ao de *super*, enfatizando assim a intensidade com a qual a crise foi

ocorrências que encontramos de *super* articulado a estes verbos, mesmo estes tendo um caráter não durativo neste tipo de predicado.

vivida.²⁸ Para verificarmos essa relação entre duração e intensificação, vejamos a seguir outros casos de articulação de *super* a predicados durativos:

- (8) Ahhh **eu super gostei** do gloss!
a. ?Eu gostei do gloss **super** [cremoso/brilhante]!²⁹
b. Eu gostei **super** do gloss!
c. Eu gostei **muito** do gloss!
- (9) **Eu super gosto** da maioria dos produtos da marca [...].
a. ?Eu gosto dos produtos da marca **super** [renomada/prestigiada].
b. Eu gosto **super** dos produtos da marca.
c. Eu gosto **muito** dos produtos da marca.
- (10) Aloka dos esmaltes, **eu super quis**.
a. ?Eu quis os esmaltes **super** [coloridos].
b. Eu quis **super** os esmaltes.
c. Eu quis **muito** os esmaltes.
- (11) Também amei essa paleta! **Super quero!!!**
a. ?Quero essa paleta **super** [legal/completa]!
b. Quero **super** essa paleta!
c. Quero **muito** essa paleta!
- (12) **SUPER quero** que ela venha pro Brasil!
a. ?Quero que ela venha pro Brasil **super**. (?*Quero que ela venha muitas vezes*)

²⁸ Como apontamos anteriormente, algumas paráfrases que construímos em nossa análise mostram que em vários casos *muito* parece estar funcionando de modo similar a *super* (forma livre), especialmente quando recebe um acento prosódico, produzindo assim um efeito de ênfase sobre o que é enunciado. Observamos assim que parece haver um movimento na língua em que uma carga modalizadora desloca o funcionamento de formas que expressam a intensificação/quantificação de um predicado para um funcionamento enunciativo, a fim de marcar o modo como o locutor se relaciona com seu enunciado. Não exploraremos esta questão aqui, apenas apontamos algo que nos chamou atenção ao longo da nossa análise e que pode ser explorada em futuros trabalhos.

²⁹ Os elementos inseridos entre colchetes são colocados para marcar elementos que poderiam ser inseridos para que o enunciado pudesse ser considerado aceitável.

- b. Quero **super** que ela venha pro Brasil.
- c. Quero **muito** que ela venha pro Brasil.

(13) **Eu super amo** o filme meninas malvadas.

- a. ?Eu amo o filme meninas malvadas **super**.
- b. Eu amo **super** o filme meninas malvadas.
- c. Eu amo **muito** o filme meninas malvadas.

Observando os enunciados de (8) a (13), percebemos que a incidência de *super* sobre os predicados constituídos pelos verbos *gostar*, *querer* e *amar* parece significar de modo semelhante. Em todos os casos, percebemos que nas paráfrases em que *super* ocorre depois do verbo ele continua intensificando o estado expresso por ele, “gostar de um modo intenso do gloss”, “querer de um modo intenso uma paleta [de maquiagem]”, etc., independentemente do tempo verbal, funcionando como equivalente ao *muito* intensificador, porém expressando um grau mais elevado.

No entanto, percebemos que quando *super* é posicionado depois dos predicados em que o complemento dos verbos *gostar* e *querer* é um objeto, as paráfrases só parecem funcionar se houver uma qualificação deste objeto que então seria intensificada por *super*, como observamos em (8.a), (9.a), (10.a) e (11.a).³⁰ Já em (13.a) nem mesmo essa leitura funciona, devido ao caráter do complemento de *amar*, no entanto, se tivéssemos um complemento indefinido como pãozinho, por exemplo, teríamos o mesmo funcionamento (“*eu amo pãozinho super [quente/macio]*”). Por fim, em (12.a) ao ficar mais próximo do verbo *vir*, do que do verbo *querer*, *super* parece permitir uma leitura iterativa, devido ao caráter não durativo deste verbo.³¹

Assim, observamos que nestes predicados a noção de duração parece não só permitir, como privilegiar o funcionamento intensificador de *super* sobre a predicação, uma vez que sendo os verbos *gostar*, *querer* e *amar* verbos que expressam estados (nestes

³⁰ Elas poderiam funcionar também no caso de se enunciar *super* com um tom enfático ou após uma pausa, o que não é possível identificar nos enunciados que constituem nosso corpus.

³¹ Este é um caso em que tivemos dúvida quanto à classificação da acionalidade, pelo fato de que aqui o verbo *querer* é modalizador, no entanto, aplicando os testes, conseguiríamos classificá-lo como um predicado durativo.

casos), eles não têm um ponto de culminação esperado, sendo, portanto, além de durativos, atéticos. Nestes casos, percebemos que *super* parece agir na predicação, uma vez que, quando alteramos sua posição e ele fica mais distante do verbo pode intensificar outros elementos do enunciado, como o elemento que qualifica o complemento do verbo. Vejamos a seguir outro predicado durativo, com um funcionamento um pouco distinto:

- (14) **Eu super acho** que tem que ser a Alexis Bledel [...].
- a. ?Eu acho que tem que ser a Alexis Bledel **super**.
(?Eu *acho* que tem que ser a Alexis Bledel **mesmo**)
 - b. Eu acho **super** que tem que ser a Alexis Bledel.
(Eu *acho* **mesmo/muito** que tem que ser a Alexis Bledel)
 - c. ?Eu acho **muito** que tem que ser a Alexis Bledel.
(Eu *acho* **mesmo/muito** que tem que ser a Alexis Bledel)

O verbo *achar* apareceu em nossos dados sempre com o sentido de *considerar*, *supor* ou *apreciar* (não há nenhuma ocorrência com o sentido de *encontrar*), funcionando assim como um verbo que enuncia um pensamento ou opinião do locutor.³² Neste sentido, o verbo *achar*, sendo um marcador de opinião, tem valor modalizador sobre o enunciado e este valor varia, podendo estar mais próximo da certeza (quando o locutor conhece o assunto sobre o qual opina) ou da dúvida (quando o locutor não conhece o assunto, mas faz uma suposição sobre ele). No capítulo 3 nos debruçaremos mais sobre o funcionamento deste verbo e mostraremos essas diferenças, por ora apenas gostaríamos de assinalar seu valor modalizador.

Assim, em (14) observamos que *achar* introduz a opinião do locutor de que a atriz mencionada deve ser escolhida (para um papel em um filme, por exemplo), funcionando, portanto, como o verbo *considerar*. Observando as paráfrases, percebemos que este predicado tem funcionamento similar ao dos outros predicados durativos, na medida em que a intensificação de *achar* se dá apenas quando *super* está próximo a ele, seja antes ou depois, como em (14.b). Quando ele aparece no final do enunciado em (14.a), distante do

³² Há também uma ocorrência de *achar-se*, com o sentido de *identificar-se*, mas não a analisaremos aqui.

verbo, temos certa dificuldade em manter o sentido expresso em (14), a menos que consideremos que ele tenha sua prosódia acentuada. Ainda assim, diferentemente do que parece ocorrer com os durativos anteriores, *super* não está agindo exatamente na predicação, uma vez que ele modifica o valor modalizador do verbo.

Algo similar ocorre ao substituirmos *super* por *muito*, uma vez que aqui *muito* não funciona como um intensificador de *achar*, mas como um elemento que enfatiza a enunciação da opinião introduzida por este verbo, reforçando assim seu valor modalizador, tal como faz *super*. Porém, se tomarmos *muito* como intensificador a paráfrase em (14.c) pode nos parecer estranha (e por isso a marcamos com ?), pois quando temos a articulação de *achar* com *muito*, este parece geralmente modificar não o verbo, mas o complemento do verbo, como em “Eu acho muito estranho ela dizer isso”, em que *muito* intensifica o adjetivo *estranho* e não o verbo *achar*. Essa é mais uma característica que nos leva a dizer que *super* funciona neste caso como um intensificador da modalização expressa por *achar*, intensificando a certeza com a qual o locutor enuncia sua opinião.³³ Exploraremos mais o funcionamento deste verbo no capítulo 3 ao falarmos sobre modalização.

Ainda entre os predicados durativos, encontramos também ocorrências de predicados construídos com os verbos *lembrar*, *apoiar* e *viver* que diferem dos anteriores pela possibilidade de serem enunciados no modo imperativo:

(15) **Eu super apoio** a iniciativa [da campanha Outubro Rosa] [...].³⁴

a. ?Eu apoi a iniciativa **super** [importante].

b. Eu apoi **super** a iniciativa.

(Eu apoio **com intensidade/empenho** a iniciativa)

c. Eu apoi **muito** a iniciativa.

(Eu apoio **com intensidade/empenho** a iniciativa)

(16) E **eu super lembrei do** meu tempo de pirralha [...].

a. ?Eu lembrei do meu tempo de pirralha **super** [teimosa].

³³ Mostraremos no capítulo 3 que quando *achar* tem valor modalizador de dúvida, *super* funciona de um modo diferente.

³⁴ Neste enunciado, a iniciativa retoma “campanha Outubro Rosa” do enunciado anterior a ele.

- b. Eu lembrei **super** do meu tempo de pirralha.
(*Eu lembrei intensamente/várias vezes do meu tempo de pirralha*)
- c. Eu lembrei **muito** do meu tempo de pirralha.
(*Eu lembrei intensamente/várias vezes do meu tempo de pirralha*)

(17) **Eu super lembro** dessa febre da corsário [...].

- a. ?Eu lembro dessa febre da corsário **super** [na moda].
- b. Eu lembro **super** dessa febre da corsário.
(*É claro que eu lembro dessa febre da corsário OU Eu lembro sempre*)
- c. Eu lembro **muito** dessa febre da corsário.
(*É claro que eu lembro dessa febre da corsário OU Eu lembro muitas vezes*)

Assim como ocorre com os predicados construídos com os verbos *gostar*, *querer* e *amar*, em (15) observamos que *super* funciona como um intensificador da ação de apoiar que mostra assim o empenho ou a intensidade com que ela ocorre. No entanto, este predicado difere dos anteriores pelo fato de poder ser considerado um performativo, na medida em que, neste caso, a ação de apoiar se dá pela enunciação do apoio.³⁵ Dessa forma, assim como em (5) e (6), *super* parece atuar aqui como um intensificador da força ilocucionária com a qual o performativo é enunciado, funcionando assim como um modalizador da enunciação. Este valor se altera quando o inserimos no final do predicado em (15.a), pois, assim como ocorre nos enunciados anteriores, *super* poderia intensificar ou o nome *iniciativa* ou um elemento que a qualificaria.

Já os predicados construídos com o verbo *lembrar* em (16) e (17) demonstram um funcionamento diferente, devido ao caráter complexo deste verbo. Esta complexidade está no fato de que *lembrar* pode ser considerado tanto como um verbo não durativo significando “a ação de trazer um pensamento à tona”, como durativo quando significa “pensar por algum tempo na lembrança trazida à tona”. Esses sentidos podem variar ainda de acordo com outros elementos que constituem esses predicados, tais como: o objeto do verbo, o tempo verbal que ele ocorre ou ainda a articulação deste predicado a uma oração

³⁵ Fazemos essa ressalva, pois a ação de apoiar poderia ocorrer de outras formas, por exemplo, com a ação de doar dinheiro, ajudar com mão-de-obra, etc.

subordinada temporal delimitando o momento em que a lembrança ocorre em “eu lembrei muito de você quando vi a foto”.

No entanto, não nos aprofundaremos nestas questões, apenas apresentaremos as possibilidades de leitura nos enunciados que estamos analisando. Assim, entendemos que há duas leituras possíveis para cada ocorrência, porém elas são diferentes nos dois casos. Em (16), observamos através da paráfrase (16.b) que *super* pode intensificar a experiência de lembrar (algo como *lembrar nitidamente* ou *intensamente*), assim como permite o sentido de repetição desta experiência (por exemplo, se alguém visita por alguns dias a cidade em que viveu na infância, podendo lembrar várias vezes dessa fase). O mesmo parece ocorrer quando substituímos *super* por *muito* em (16.c). Em (16.a), quando posicionamos *super* no final do enunciado, parece faltar ali um elemento a ser modificado, como, por exemplo, “pirralha super teimosa/levada”. Dessa forma, acreditamos que neste caso, *super* parece estar atuando na predicação, como podemos observar através da alteração de sua posição no enunciado.

Já em (17) observamos um funcionamento um pouco diferente. Aqui também temos a noção de iteratividade, porém ela já está expressa pelo fato de o verbo estar no presente e, neste sentido, *super* não estaria desencadeando a iteratividade, mas intensificando-a, como é possível observar na paráfrase (17.b); o que também ocorre quando o substituímos por *muito* em (17.c). Porém em (17) não compreendemos *super* como intensificador de *lembrar*, pois ele parece funcionar mais como um modalizador do enunciado em que se fala da lembrança significando algo como “é claro que eu lembro”. Essa diferença parece estar ligada em parte ao tempo verbal e em parte à natureza do objeto da lembrança, pois em (16) ele corresponde a uma fase da vida pessoal do locutor lembrada no passado, enquanto em (17) o objeto diz respeito a um momento da moda que foi compartilhado por várias pessoas e que não ocorreu em um momento específico. Ou seja, em (16) o objeto parece remeter a algo da esfera particular lembrado em um momento específico, enquanto em (17) ele parece remeter a algo da esfera partilhada que o locutor é capaz de lembrar.³⁶

³⁶ É claro que a lembrança de uma moda pode mostrar também o modo como o locutor a percebia ou suscitar lembranças pessoais, no entanto, não parece ser o caso desse enunciado.

Dessa forma, observando os enunciados (16) e (17) e suas paráfrases, percebemos que ainda que seja possível uma leitura iterativa para estes predicados, parece-nos que a leitura intensificadora é privilegiada em (16), assim como a leitura modalizadora é privilegiada em (17). Mas para compreendermos essas diferenças e possibilidades seria necessário um estudo mais aprofundado sobre este verbo, analisando mais ocorrências de predicados construídos com ele. Para nós, basta observarmos que *super* pode atuar como intensificador ou como modalizador nestes enunciados. Dessa forma, observamos que os predicados durativos quando modificados por *super* privilegiam uma leitura intensificadora. Voltaremos a esta questão ao final da análise.

b) Ocorrências de super com perífrases verbais

Entre os 84 dados que encontramos na pesquisa feita com os verbos previamente selecionados, encontramos 21 ocorrências em que *super* se articula a perífrases verbais. Entre elas, 12 ocorrências são de enunciados em que o complemento do verbo é uma oração, especialmente com o verbo *querer*, sendo 2 ocorrências no passado e 9 no presente, além de 1 ocorrência com o verbo *saber*. As outras 9 ocorrências são de perífrases verbais de futuro [ir + verbo]. No primeiro caso, temos um funcionamento similar ao dos sintagmas verbais simples, com a diferença que, neste caso, é ainda mais importante considerarmos a posição sintática de *super*, pois, se ele ocorrer entre os dois verbos, pode haver ambiguidade sobre qual elemento *super* está intensificando, como observamos abaixo:

(18) Como achei o trabalho maravilhoso, pedi permissão para fotografar e **super quis** compartilhar com vocês.

a. ?E quis compartilhar **super** com vocês.

(E *quis compartilhar muitas vezes/muitas partes do trabalho*)

b. E **quis super** compartilhar com vocês.

(E *quis muito compartilhar* OU ?*compartilhar muitas vezes/muitas partes do trabalho*)

(19) E **super soube** combinar as cores.

a. E soube combinar **super** as cores.

(*Combinou muito bem* as cores)

b. E soube **super** combinar as cores.

(*Soube muito* como combinar as cores ou *combinou muito bem* as cores)

Nos enunciados (18) e (19) observamos que *super* está modificando os verbos *querer* e *saber*, uma vez que, quando alteramos a sua posição sintática nas paráfrases, especificamente quando posicionamos *super* entre os dois verbos, pode haver dúvidas sobre qual estado ou ação está recebendo a modificação: em (18.b) *super* pode estar modificando *querer* ou *compartilhar* e em (19.b) *saber* ou *combinar*. Essa diferença é importante, pois em (18.b), por exemplo, ela permite que haja outras leituras para *super* se seu escopo é “compartilhar o trabalho”, devido ao caráter não durativo deste predicado: uma leitura iterativa (compartilhar muitas vezes) ou quantificadora (compartilhar muitas partes do trabalho). Em (19.b) isso não ocorre, pois tanto *saber*, como *combinar* são verbos durativos, gerando a dúvida simplesmente quanto a qual ação é intensificada. Essa diferença também aparece quando *super* está posicionado depois da perífrase, pois em (18.a) a leitura iterativa seria privilegiada devido à proximidade com o verbo *compartilhar*, enquanto em (19.a) mantém-se uma leitura intensificadora, já que os dois verbos privilegiam essa leitura.

Esta ambiguidade se dá pelo fato de que *super* pode modificar o verbo tanto quando o antecede, como quando o sucede, o que não aconteceria se o substituíssemos por *muito*, por exemplo, uma vez que *muito* modifica apenas o verbo que ele sucede (*quis muito compartilhar/soube muito combinar* ou *quis compartilhar muito/soube combinar muito*). Isso nos mostra que, mesmo com perífrases como estas, quando modifica predicados durativos *super* funciona no âmbito da predicação, uma vez que seu escopo pode variar de acordo com a posição sintática em que ocorre.

Esse tipo de perífrase em que temos um verbo conjugado seguido de um verbo no infinitivo foi encontrado apenas com predicados durativos. Já as perífrases verbais de futuro foram encontradas tanto com predicados durativos, como não durativos, o que nos permitirá observar se também aqui a acionalidade do predicado pode determinar o

funcionamento de *super*. Começemos pelos predicados não durativos construídos com *fazer* e *comprar*:

(20) Nossa **eu super vou fazer** essa receita!

a. Eu vou fazer **super** essa receita!

(*Eu vou com certeza fazer essa receita OU eu vou fazer muitas vezes*)

b. Eu vou super fazer essa receita!

(*Eu vou com certeza fazer essa receita OU eu vou fazer muitas vezes*)

c. Eu vou fazer **muito** essa receita! (*Eu vou fazer muitas vezes essa receita*)

d. ?Eu vou muito fazer essa receita! (*Ah eu vou muito fazer essa receita – até parece*)

(21) ... esses lápis que você mostrou são perfeitos, **super vou comprar**!

a. Eu vou comprar **super** esses lápis.

(*Eu vou com certeza comprar esses lápis OU ?vou comprar várias vezes/sempre*)

b. Eu vou super comprar esses lápis.

(*Eu vou com certeza comprar esses lápis OU ?vou comprar várias vezes*)

c. Eu vou comprar **muito** esses lápis. (*Eu vou comprar muitas vezes esses lápis*)

d. ?Eu vou muito comprar esses lápis.

(*Eu vou muitas vezes/sempre comprar esses lápis*)

Como podemos observar em (20) e (21) também nas perífrases verbais a alteração da posição sintática de *super* pode permitir leituras diferentes deste modificador. Percebemos que quando *super* ocorre próximo ao verbo principal, temos uma leitura iterativa, devido ao caráter não durativo desses verbos, como podemos ver em (20.a), (20.b), (21.a) e (21.b). Isso também se verifica quando o substituímos por *muito* depois da perífrase em (20.c) e em (21.c). Já o posicionamento de *muito* entre os dois verbos permite leituras diferentes nas duas paráfrases, pelo fato de que *muito* modifica apenas o verbo que ele sucede: em (20.d) podemos ter um sentido irônico, pois *vou* neste caso funciona apenas como um marcador gramatical de tempo e aspecto do verbo e, neste sentido, *muito* não poderia modificá-lo; enquanto em (21.d) ele pode ser tomado como expressando a ação de

ir e, neste caso, teríamos uma leitura iterativa (caso considerássemos esse enunciado como aceitável).

Por fim, observamos que, independentemente da posição sintática em que *super* ocorre podemos interpretá-lo também como um modificador da perífrase como um todo, uma vez que as perífrases em (20) e (21) enunciam a pretensão do locutor em realizar as ações de “fazer a receita” e “comprar esses lápis”, funcionando assim de modo similar à promessa. Dessa forma, entendemos que em (20) e (21), ainda que *super* possa permitir uma leitura iterativa, o que de fato está em jogo aqui é a relação do locutor com a enunciação daquilo que ele pretende realizar. Neste sentido, podemos dizer que nas perífrases de futuro com estes verbos *super* parece funcionar como um intensificador da força ilocucionária destes enunciados, modalizando assim a sua enunciação em direção à certeza, reforçando por sua vez o engajamento do locutor com o que enuncia.³⁷ Vejamos a seguir se *super* funciona da mesma forma quando modifica as perífrases de futuro de predicados durativos:

(22) aaain, acho que **super vou gostar** [da banda Gungor].

- a. Acho que vou gostar **super**. (*Acho que vou gostar muito*)
- b. Acho que vou **super** gostar. (*Acho que vou gostar muito*)
- c. Acho que vou gostar **muito**.
- d. ?Acho que vou **muito** gostar.

(23) **Eu super vou querer ver** esse post sobre a tão misteriosa mãe!

- a. Vou querer ver **super** esse post.
(*Vou querer ver com certeza/?muitas vezes esse post*)
- b. Vou querer **super** ver esse post.
(*Vou querer muito/com certeza ver esse post OU ?vou querer ver muitas vezes*)
- c. Vou **super** querer ver esse post.
(*Vou querer muito ver esse post OU vou com certeza querer ver esse post*)
- d. Vou querer ver **muito** esse post. (*?Vou querer ver muitas vezes*)

³⁷ O mesmo ocorre com a perífrase “ter que ir” que encontramos no seguinte enunciado: “[...] mas agora que tu disse 5 dilmas eu super tenho que ir na 25 [...]”.

- e. Vou querer muito ver esse post. (*Vou querer **muito** ver esse post*)
- f. ?Vou muito querer ver esse post. (*Até parece que vou querer ver esse post*)

Em (22) temos uma perífrase simples [ir + verbo] introduzida por “acho que” que, como vimos, é um marcador que introduz opinião, podendo ter valor modalizador de dúvida ou de certeza. Neste caso, ao introduzir uma perífrase de futuro cujo valor é de possibilidade, *achar* indica uma suposição, a de que “a pessoa pode vir a gostar de algo”. A presença de *super* neste enunciado parece se restringir ao objeto dessa suposição, o predicado *vou gostar*, intensificando-o. Podemos perceber esta diferença através da paráfrase “Acho *super* que vou gostar” em que *super* neste caso modifica *achar*, intensificando seu valor modalizador de “considerar, pensar que”. Isso nos mostra que *super* em (22) parece estar agindo no âmbito da predicação, o que pode ser observado também pelo fato de que tanto a alteração de sua posição sintática (mantendo-se no escopo do complemento de *achar*), como a sua substituição por *muito* parece não produzir diferenças, mantendo a intensificação do predicado.

Já em (23) observamos que *super* está intensificando toda a perífrase sobre a qual incide, e não apenas a predicação “ver o post” ou sua modalização “querer”. Podemos observar isso através das paráfrases, pois ao alterarmos a posição de *super* em relação à perífrase podemos ter interpretações diferentes. Quando *super* está entre os verbos *querer* e *ver* como em (23.b) temos três possibilidades de leitura: a intensificação da modalização, a intensificação do verbo *querer* e a quantificação da ação de ver (devido ao caráter não durativo deste verbo). Já quando *super* está entre os verbos *ir* e *querer* ele pode ser lido como intensificador da modalização ou da predicação, como observamos em (23.c). Dessa forma, podemos dizer que em (23) *super* está intensificando a possibilidade expressa pela perífrase “vou querer ver”, agindo assim sobre a força ilocucionária com a qual esta possibilidade é enunciada. Podemos observar este funcionamento a partir das seguintes paráfrases:

- g. Eu **acho** que vou querer ver esse post.
(*Pode ser que eu queira ver ou não*)

- h. Eu vou querer ver esse post.
(*Eu afirmo que a possibilidade de querer ver o post é alta*)
- i. Eu **super** vou querer ver esse post.
(*Com certeza eu vou querer ver o post*)

Se tivéssemos a realização do enunciado simples, sem a incidência de nenhum modificador sobre a perífrase, como em (23.h) poderíamos pensar que o locutor enuncia a possibilidade de que algo aconteça e ao enunciá-la dessa forma, marca essa possibilidade como mais próxima da certeza de que ela irá se realizar, ainda que possa haver alguma dúvida. A incidência de “acho que” sobre a perífrase modaliza a enunciação dessa possibilidade, marcando-a com um caráter de dúvida mais forte, dizendo assim que ela pode ou não ocorrer. Já a incidência de *super* intensifica a afirmação da possibilidade, excluindo qualquer dúvida que possa surgir sobre ela.

Assim, a partir dos enunciados analisados, observamos que a incidência de *super* sobre perífrases constituídas de verbo + infinitivo (com um único sujeito) intensifica a predicação expressa pela perífrase. Já em relação às perífrases de futuro, observamos que elas marcam a enunciação da possibilidade de que algo aconteça e quando *super* incide sobre elas ele intensifica a força ilocucionária com a qual elas são enunciadas, marcando a possibilidade como algo certo, que irá acontecer, reforçando o engajamento do locutor com aquilo que enuncia. O enunciado em (22) funciona tal como as perífrases de verbo + infinitivo, em que *super* intensifica o predicado, possivelmente pelo caráter durativo do verbo *gostar*, privilegiando uma leitura intensificadora.

Observamos ainda outras diferenças entre os predicados não durativos e durativos nestes enunciados. No caso dos não durativos, para se manter a leitura de *super* como intensificador do predicado (verbo + infinitivo) ou como modalizador da enunciação (perífrases de futuro) ele deve preceder a perífrase, pois, caso contrário, podemos ter também uma leitura iterativa devido à proximidade com os verbos não durativos. Já entre os durativos, *super* pode tanto preceder quanto suceder a perífrase, pois seu sentido (seja como modalizador, seja como intensificador do predicado) se mantém. Dessa forma,

podemos dizer que, mesmo nas perífrases verbais, *super* pode ter sentidos diferentes de acordo com a acionalidade dos predicados aos quais ele se articula.

c) *Ocorrências de super com expressões fixas*

Conforme assinalamos anteriormente, surpreendeu-nos o fato de termos encontrado um número relativamente grande de ocorrências de *super* modificando expressões fixas: entre os 84 dados encontrados, 12 são de enunciados contendo expressões fixas. Mostramos a seguir alguns exemplos destas ocorrências, procurando pensar o papel do verbo nessas expressões, bem como a modificação produzida pela incidência de *super* sobre elas.

(24) Amei essa menina! **Super** [nasceu pra câmera].

- a. ?Essa menina [nasceu pra câmera] **super**. (*Ela nasceu pra câmera com certeza*)
- b. Essa menina [nasceu **super** pra câmera]. (*Ela nasceu pra câmera com certeza*)
- c. ?Essa menina [nasceu **muito** pra câmera]. (*Ela nasceu pra câmera com certeza*)

Em (24) temos a expressão *nascer pra câmera* que significa “ter muita habilidade para ser modelo fotográfico”, em que a presença do verbo *nascer* expressa a qualificação dessa habilidade como algo inerente à pessoa que a tem, algo que nasceu com ela. Observando as paráfrases acima, percebemos que em (24), (24.a) e (24.b) é difícil interpretarmos *super* como um intensificador de *nascer*, uma vez que, devido ao caráter pontual deste verbo, o intensificador ao incidir sobre ele produziria uma leitura iterativa que, por sua vez, também é estranha, pelo fato de *nascer* ser um evento caracterizado geralmente como único.³⁸ Dessa forma, só conseguimos interpretar *super* em (24) como um elemento que está modificando a relação do locutor com seu enunciado, modalizando-o como seguro/certo.³⁹ Temos a mesma interpretação para a paráfrase em (24.c), em que substituímos *super* por *muito*, pois neste caso parece estranho interpretar *muito* como um quantificador de “nascer pra câmera”. Estamos mais uma vez diante de um caso em que

³⁸ Dizemos *geralmente*, pois podemos encontrar enunciados como este: “[...] rendeu-se homenagem às vítimas e a um clube que ‘nasceu duas vezes. Quando foi fundado, em 1938, e em 1963, reconstituído depois da catástrofe’”. (Disponível em: <<http://www.publico.pt/desporto/noticia/o-clube-que-nasceu-duas-vezes-1626672#/0>>. Acesso em: 03 maio 2014.).

³⁹ Observamos um funcionamento similar para a expressão “fazer pose” encontrada nos nossos dados.

muito demonstra um funcionamento similar ao de *super*, modalizando o enunciado, ao enfatizá-lo.

- (25) Adoreeeeei as makes dela da postagem, **super [dá pra fazer]**!
- a. [Dá pra fazer] **super** essas makes! (*Dá pra fazer com certeza*)
 - b. [Dá **super** pra fazer] essas makes! (*Dá com certeza pra fazer*)
 - c. [Dá pra **super** fazer] essas makes! (*super fazer = fazer muito*)
 - d. [Dá **muito**] pra fazer essas makes! (*Dá com certeza pra fazer*)
 - e. [Dá pra fazer] **muito** essas makes!
(*Dá pra fazer com certeza/muitas vezes essa make*)

O dado (25) traz uma expressão fixa construída com o verbo *dar* “dá pra fazer” que equivale a “é possível fazer” e, neste sentido, o verbo *dar* aqui funciona como um marcador de possibilidade que modaliza a ação de fazer. Observando as paráfrases deste enunciado, percebemos que quando *super* ocorre antes da expressão em (25), depois dela (25.a) e depois do verbo *dar* (25.b), ele está incidindo sobre a modalização produzida por “dá pra”, invertendo assim seu valor modalizador inicial de possibilidade para certeza. O mesmo acontece quando fazemos a substituição por *muito* depois do verbo *dar*, como observamos em (25.d). Já no caso em que *super* está entre *dá pra* e *fazer* (25.c), observamos que ele está incidindo sobre a ação de fazer, sendo equivalente a *fazer muito* que, assim como em (25.e), significa *fazer muitas vezes* (esta paráfrase também permite a leitura modalizadora que ocorre nas demais).

Neste sentido, podemos dizer que *super* ao incidir sobre a expressão não está intensificando nem o verbo *dar*, que aqui perde seu sentido de *oferecer* e também seu caráter pontual, nem o verbo *fazer* que, como vimos, quando intensificado produz uma leitura quantitativa, expressando assim um sentido diferente de “super dá pra fazer”. Assim, observamos que, mais uma vez, *super* incide sobre a expressão como um todo, alterando seu valor modalizador, como mostramos acima. Vejamos a seguir outra expressão construída com o verbo *dar*:

- (26) Ela [**dá uma super hidratada**] nas unhas [...]
- a. Ela **super** [dá uma hidratada] nas unhas.
 - b. ?Ela [dá uma hidratada] **super** [boa?] nas unhas.
 - c. ?Ela [dá uma hidratada] **muito** [boa?] nas unhas.

Em (26) temos um enunciado constituído pela expressão *dar uma hidratada*, cuja estrutura é bastante produtiva no português e, ao contrário do que poderia se pensar, não é apenas outra forma de se dizer *hidratar*. A incidência do verbo *dar* sobre a forma nominal que modifica faz com que a força do predicado verbal seja atenuada, dando margem para que se espere uma ressalva depois de sua enunciação como, por exemplo, em “Este creme dá uma hidratada, mas só ele não é suficiente”, em que compreendemos que o creme hidrata, mas não o bastante e, neste sentido, a ação expressa pelo verbo é interpretada como insuficiente ou ineficiente. Isso pode ser observado também no exemplo dado por Basílio (2007, p. 24): “Maria deu uma saída, mas volta já”, em que *dar* atenua a ação da saída, caracterizada, dessa forma, pela autora como tendo ocorrido “de modo ligeiro ou superficial”.

No entanto, em (26) temos a incidência de *super* sobre a expressão modificando-a. Neste enunciado *super* aparece entre *dá uma* e *hidratada*, incidindo assim diretamente sobre a forma nominal do verbo, intensificando, portanto, a ação expressa por ele; já em (26.a) ao preceder a expressão *super* parece modificar o seu valor modalizador, fazendo com que ela perca seu valor atenuante e passe a ter um valor de reforço. Por fim, quando posicionamos *super* depois da expressão em (26.b) não temos os mesmos significados pois, assim como nos predicados durativos, parece-nos que *super* neste caso estaria intensificando um modificador do objeto do verbo, o mesmo ocorre com a sua substituição por *muito* em (26.c). Assim, podemos dizer que ao incidir diretamente sobre a forma nominal do verbo, *super* a intensifica, apagando assim o valor atenuante produzido pela incidência de *dar* sobre ela e, nesta medida, podemos considerá-lo como um elemento

modalizador, uma vez que está modificando a força com a qual a ação é enunciada e, consequentemente, o engajamento do locutor com seu enunciado.⁴⁰

- (27) **Eu super [tenho vontade de] ler** esta série [...].
- Eu [tenho [uma] super vontade de] ler esta série.
 - ?Eu [tenho vontade de super ler] esta série.
 - ?Eu [tenho vontade de ler super] esta série. (ler muitas vezes)
 - Eu [tenho muita vontade de] ler esta série.

A expressão presente no enunciado (27) pode ser equivalente ao verbo *querer* e, de acordo com os nossos testes, assim como ele esta expressão funciona como um predicado durativo, privilegiando, dessa maneira, uma leitura intensificadora. Interessa-nos observar aqui se *super* continuaria a intensificar a expressão como um todo se ocorresse em posições diferentes em relação a ela. Ao alterarmos a posição de *super* em relação à expressão e fazermos a sua substituição por *muito* nas paráfrases, percebemos que os únicos enunciados que parecem ser aceitáveis são o enunciado (27.a) em que *super* modifica o nome *vontade*, funcionando assim como prefixo, e o enunciado (27.d) em que seu substituto *muito* passa a ser um intensificador de *vontade*.

Assim, observamos que para que *super* intensifique a expressão como um todo é necessário que ele ocorra antecedendo-a, uma vez que quando tentamos “rompê-la” inserindo *super* em diferentes posições, observamos que ele passa a intensificar (quantificar?) o nome *vontade* e não mais o estado de “ter vontade”; ou ainda a modificar o verbo *ler* e não mais a expressão. Observemos se este funcionamento se mantém em relação a outro predicado durativo construído com expressão fixa:

- (28) Eu ADORO esse livro haha **Super [morro de rir]** só de lembrar das cenas hilárias...
- [Morro de rir super] só de lembrar das cenas hilárias. (*Morro de rir sempre*)
 - [Morro super de rir] só de lembrar das cenas hilárias. (*Morro de rir intensamente*)
 - ?[Morro de rir muito] só de lembrar das cenas hilárias.

⁴⁰ Encontramos outro dado com esse tipo de expressão “*ela super dá uma levantada*” que funciona de modo similar ao enunciado (26).

d. [Morro muito de rir] só de lembrar das cenas hilárias. (*Morro de rir intensamente*)

No enunciado (28) observamos a presença de um verbo considerado usualmente como pontual (*morrer*) ocorrendo como um modificador do verbo *rir*, perdendo assim seu caráter não durativo e funcionando como um intensificador deste verbo.⁴¹ A incidência de *super* sobre a expressão em (28), antecedendo-a, aumenta a intensificação já produzida por *morrer*, assim como quando ocorre no meio da expressão em (28.b). Mas se o inserimos depois da expressão como em (28.a) parece-nos que temos como leitura privilegiada a intensificação da repetição da ação. Substituindo *super* por *muito*, observamos que parece estranho que ele ocorra depois da expressão em (28.c), mas parece-nos possível que ele ocorra no meio da expressão em (28.d), funcionando da mesma forma que *super* nesta posição. Este é um exemplo em que poderíamos pensar o funcionamento de *super* como um modificador sobrerrealizante, na medida em que ele reforça um predicado já intensificado, colocando-o assim em um grau extraordinário. Falaremos mais sobre esta questão no terceiro capítulo.

Assim, apesar de ambas as expressões *ter vontade de* e *morrer de rir* constituírem predicados durativos, acreditamos ser complicado fazermos generalizações sobre seu funcionamento, uma vez que elas têm um funcionamento particular na língua, além de serem constituídas por diferentes estruturas: em (27) temos [verbo + nome + preposição], enquanto em (28) temos [verbo + preposição + verbo]. Observemos por fim o funcionamento de *super* com mais duas expressões que constituem predicados durativos:

(29) **Eu super sou** igualzinha a vc!

a. Eu [sou igualzinha a você] **super!** (*igualzinha a você realmente*)

⁴¹A intensificação expressa por “morrer de” nesse tipo de expressão parece ocorrer por um funcionamento paralelo a um histórico de enunciações em que se afirma a causa da morte de alguém, tais como: “Fulano morreu de tanto beber/comer/fumar.”. Ou seja, uma atividade ou ação praticada de maneira intensa ou recorrente pode levar ao extremo da morte e esta relação é trazida para esse tipo de expressão, cujo objetivo é mostrar um estado ou ação de modo intenso, algo como “eu ri tanto que eu poderia ter morrido”. Podemos ainda estabelecer uma relação com a mobilização do verbo *nascer* na expressão “nascer para algo” em (24), uma vez que tanto o verbo *morrer*, quanto o verbo *nascer* expressam duas ações memoráveis que constituem os dois extremos da vida e, dessa forma, aparecem nessas expressões significando esse caráter extremo como intensidade.

- b. Eu [sou **super** igualzinha a você]! (**muito** igualzinha OU **realmente** igualzinha)
- c. ?Eu [sou igualzinha a você] **muito** !
- d. Eu [sou **muito** igualzinha] a você!

(30) Nossa, Loma, **super** **estou** nessa vibe!

- a. Eu [estou nessa vibe] **super** ! (*estou mesmo* OU *a vibe é super*)
- b. Eu [estou **super** nessa vibe]! (*eu estou mesmo/de modo* **engajado/firme**)
- c. ?Eu estou nessa vibe **muito** !
- d. Eu estou **muito** nessa vibe! (*eu estou mesmo/de modo* **engajado/firme**)

Os verbos *ser* e *estar* que constituem as expressões fixas em (29) e (30) são caracterizados por terem um funcionamento peculiar na língua. Se pensarmos no modo como geralmente se dá a intensificação desses predicados, perceberemos que ela normalmente recai sobre o predicativo e não exatamente sobre o verbo como em “*Ele é muito bonito/Ela era super brava*” ou “*Ela estava muito confiante/Ele está super doente*”. Porém, nos nossos dados encontramos *super* ocorrendo antes destes verbos e, neste sentido, acreditamos que *super* incide não exatamente sobre o verbo apenas, mas sobre todo o predicado.

Ao observarmos as paráfrases, percebemos que no caso da expressão com o verbo *ser*, quando *super* ocorre antes da expressão em (29) ou depois dela em (29.a) ele funciona como um modalizador do enunciado equivalente ao marcador *realmente*. Porém, quando ele ocorre logo depois do verbo *ser* em (29.b), ainda que possamos interpretá-lo como modalizador, ele parece funcionar também como um intensificador do adjetivo *igualzinha* (que já está intensificado por estar no diminutivo), pela proximidade com este adjetivo e pelo histórico de enunciações que privilegia essa leitura, assim como ocorre com seu substituto *muito* em (29.d).

Já no caso da expressão com o verbo *ter*, observamos que mesmo inserindo *super* depois de *estar* em (30.b) ele não intensifica *nessa vibe*, mas a afirmação do estado de *estar na vibe*, assim como ocorre quando o substituimos por *muito* nesta mesma posição em (30.d). A intensificação de *vibe* é possível quando *super* ocorre depois da expressão em (30.a), permitindo assim tanto a leitura de *super* como o elemento que marca o engajamento

do locutor com a enunciação de *estar na vibe*, como um qualificador de *vibe*. Neste sentido, entendemos que tanto em (29) quanto em (30) *super* incide sobre toda a expressão, funcionando como um modalizador que mostra o engajamento do locutor com seu enunciado e não exatamente como um intensificador do predicado.

Assim, observamos a complexidade em estabelecermos as regularidades que marcam a articulação de *super* a expressões fixas, especialmente no que diz respeito à sua acionalidade, devido ao caráter heterogêneo dessas expressões. No entanto, observamos que, de modo geral, *super* parece modificar toda a expressão intensificando-a nos predicados durativos como *morrer de rir*, *ter vontade de* e *dá uma hidratada*, modalizando-a nos predicados não durativos *nascer pra câmara e dá pra fazer* e nos durativos *ser igual a* e *estar na vibe*.

Além disso, observamos que a posição de *super* na sua articulação com as expressões fixas é importante, pois nos casos em que a expressão fixa é constituída de um verbo não durativo ou de um verbo conjugado no presente, se *super* estiver mais próximo desses verbos podemos ter, além da leitura modalizadora ou intensificadora, uma leitura iterativa, tal como observamos nas ocorrências de *super* com perífrases verbais.⁴² Neste sentido, *super* pode expressar diferentes sentidos a depender da posição que ocupa em relação às expressões fixas.

Após apresentarmos e analisarmos alguns dos enunciados que encontramos com a articulação de *super* a verbos e expressões fixas, podemos fazer algumas considerações gerais. A primeira delas, diz respeito à relação entre acionalidade e intensificação, pois foi possível observar que a noção semântica de duração pode influenciar não só a frequência da articulação de *super* a certos predicados, como também a sua função no enunciado, que pode ser de: modalizador do enunciado, intensificador da iteratividade, intensificador da força ilocucionária de certos verbos e intensificador do predicado.

O primeiro funcionamento pode ser observado ao olharmos para a relação entre *super* e predicados não durativos. Esta articulação parece ser pouco frequente, uma vez que encontramos poucos casos no nosso corpus, sendo a maioria deles correspondentes a

⁴² O caso que mostramos uma expressão pontual não funciona desta forma, pois *nascer* parece dificultar uma leitura iterativa, mas a expressão *fazer pose*, por exemplo, também pontual, parece seguir essa característica, pois *super fazer pose* pode ser lida também como *fazer pose muitas vezes/sempre*.

expressões fixas. Isso acontece devido à polissemia dos modificadores graduadores, decorrente da dificuldade em se estabelecer os limites da intensificação em relação a outras noções semânticas, como a quantificação. Dessa forma, os predicados não durativos quando articulados a um modificador escalar parecem privilegiar o sentido quantificador desses modificadores, o que poderia dificultar a articulação de *super* a eles. No entanto, observamos que há ocorrências dessa articulação (ainda que em menor número) e que *super* mantém seu sentido intensificador e, por isso, entendemos que a intensificação produzida por *super* se dá não sobre a predicação, mas sobre o enunciado. Assim, entendemos que nestes casos *super* funciona como um modalizador.

Observamos também casos de predicados não durativos em que *super* parece funcionar como um intensificador da iteração expressa pela conjugação dos verbos no presente, funcionando de modo similar ao advérbio *sempre*. Nestes casos, entendemos que pelo fato de a iteração já ser expressa pelo tempo verbal, *super* apenas a intensifica, não descartando assim a observação que fizemos anteriormente sobre os predicados não durativos.

De maneira oposta, predicados durativos parecem privilegiar uma leitura intensificadora (independentemente de os verbos ocorrerem conjugados no presente ou no passado), pois o próprio fato de expressarem ações e estados que duram no tempo, nos leva a privilegiar o modo como elas ocorreram, em detrimento da quantidade de vezes que ocorreram (sendo que muitas vezes nem é possível quantificá-las em relação à sua realização). Dessa forma, encontramos um número maior de ocorrências da articulação de *super* a predicados desse tipo, encontrando inclusive muitas ocorrências com um mesmo verbo (*querer, amar, gostar*). Nestes casos, *super* funciona como um intensificador da predicação, pois como percebemos através da análise, a posição que ocupa no enunciado pode determinar o escopo de sua intensificação (se é o verbo ou o seu complemento, por exemplo).

Há alguns casos, como mencionamos ao longo da análise, que mostram um funcionamento um pouco diferente dos funcionamentos que indicamos acima. É o caso dos verbos performativos *recomendar* e *indicar* ocorrendo como predicados não durativos e do verbo *apoiar* ocorrendo como um predicado durativo que, quando modificados por *super*,

privilegiam uma leitura intensificadora da ação. Sendo esta ação realizada apenas através da enunciação, *super* se caracterizaria assim como um intensificador da força ilocucionária destes enunciados, considerados como atos ilocucionários (ainda que seja possível também uma leitura iterativa devido ao caráter não durativo dos verbos *recomendar* e *indicar*).

Outra diferença de funcionamento que observamos é em relação ao verbo *achar* que, ao contrário da maioria dos predicados durativos, privilegia uma leitura modalizadora de *super*, justamente por se tratar de um verbo modalizador que expressa opinião ou suposição e, nesse sentido, *super* estaria reforçando a modalização expressa pelo verbo. Poderíamos ainda citar o verbo *lembrar* que, como mostramos, demonstra um funcionamento bastante complexo e, mesmo sendo durativo, permite uma leitura modalizadora de *super*.

As observações que fizemos acima mostram que, ainda que possamos observar certas regularidades na relação entre a acionalidade e a modificação produzida por *super*, não é possível definir regras ou normas específicas e estritas para o funcionamento de *super* (como forma livre) enquanto um modificador do verbo ou do predicado verbal, inclusive pelo fato de termos encontrado uma pluralidade de funcionamentos dessa forma.

Por fim, devemos falar sobre os resultados que encontramos em relação às outras duas variáveis que consideramos para a constituição do corpus: o tempo e a pessoa verbal. No que diz respeito ao tempo verbal não encontramos muita diferença na quantidade de ocorrências entre os tempos *passado* (33 ocorrências) e *presente* (41). No entanto, somando os dois tempos e contrapondo-os às ocorrências de futuro, observamos uma grande diferença: *super* ocorre mais com os tempos presente e passado, sendo 74 ocorrências destes dois tempos contra 10 ocorrências para o futuro.

Podemos apresentar duas explicações possíveis para essa grande diferença. Uma delas diz respeito à frequência de articulação de *super* com certos verbos sobre os quais incide uma carga de subjetividade maior, tais como *querer*, *lembrar*, *gostar* e *apoiar*. Se pensarmos que parece ser mais natural enunciar estes “estados” quando já conhecidos ou experimentados e que estes verbos se articulam mais a *super* em nosso corpus, poderemos compreender por que temos um número maior de ocorrências de *super* com verbos no presente e no passado. Por exemplo, ao tomarmos o verbo *gostar*, podemos dizer que o

locutor pode enunciar com segurança sobre ter gostado de algo no passado e sobre gostar de algo no presente ou de forma constante, mas essa certeza não sustenta um enunciado sobre gostar de algo como um estado futuro. Ou seja, para falar sobre um estado no futuro, é preciso que o locutor se comprometa de modo mais incisivo com seu enunciado que, em princípio, é apenas uma suposição.

Isso nos leva à segunda explicação possível. Sendo *super* uma forma que marca o engajamento do locutor com seu enunciado, especialmente quando articulado a verbos e perífrases de futuro, sua ocorrência é menor com este tempo verbal, pois essa articulação só ocorreria quando o locutor pode e deseja se comprometer com aquilo que enuncia. Assim, percebemos mais uma vez que as características semânticas dos verbos têm papel fundamental na articulação de *super* ao predicado verbal, determinando inclusive sua frequência de ocorrência quanto aos tempos verbais.

Já em relação à pessoa verbal, encontramos uma grande diferença de ocorrência entre a 1ª e a 3ª pessoa do singular, sendo que de 84 ocorrências, em 75 o verbo está em 1ª pessoa, contra apenas 9 em 3ª pessoa. A primazia de ocorrência dos verbos em 1ª pessoa pode ser explicada em parte pelo fato de que nosso corpus constitui-se de enunciados retirados de postagens em blogs e seus comentários, sendo o uso da 1ª pessoa uma característica marcante deste gênero. No entanto, acreditamos que este resultado aliado àquele encontrado para a ocorrência de tempo verbal e também à análise que desenvolvemos em relação à acionalidade, nos mostra que *super* parece funcionar como um elemento que expressa a relação do locutor com seu enunciado, funcionando como um elemento modalizador ora do enunciado, ora da enunciação.

Por fim, devemos dizer que ainda que a discussão sobre a acionalidade verbal tenha sido trazida de uma perspectiva de semântica diferente daquela com a qual trabalhamos, ela nos permitiu observar as relações que se pode estabelecer entre intensificação e outras noções semânticas, como a noção de duração, a fim de explicarmos algumas regularidades que encontramos para o funcionamento de *super* como forma livre na sua relação com o verbo. Essa discussão nos permitiu explicar o funcionamento morfossintático de *super* como forma livre, mas não nos permitiu mostrar de modo aprofundado suas possibilidades de sentido. Os próprios resultados que encontramos nos mostram a importância desta forma

na enunciação, uma vez que em boa parte dos enunciados do nosso corpus *super* está modificando a modalização do enunciado e a sua força ilocucionária, sendo a sua ocorrência com verbos performativos bastante frequente (recomendar: 63; indicar: 39, apoiar: 12).

Neste sentido, entendemos que *super* constitui uma marca importante para observarmos como o locutor se representa no enunciado e, por isso, acreditamos que para compreendermos o seu funcionamento precisamos analisá-lo sob uma perspectiva que considere o sentido como algo que é determinado pela relação que o sujeito estabelece com a língua na enunciação. É o que procuraremos mostrar no capítulo 3, discutindo de modo mais aprofundado as questões de modalização e performatividade, bem como de intensificação.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DE *SUPER*

Ao nos propormos a estudar o funcionamento de *super* como forma livre, pensamos inicialmente que este seria um modificador intensificador do verbo que expressaria um grau extraordinário, funcionando assim como um Modificador Sobrerrealizante (MS). No entanto, como foi possível observar nos capítulos 1 e 2, o funcionamento de *super* como forma livre parece extrapolar a modificação intensificadora no âmbito da predicação, relacionando-se, por exemplo, com a modalização e a performatividade de certos verbos, mostrando assim que esta forma tem como forte característica marcar a presença do locutor em seu enunciado. Neste sentido, acreditamos que para compreendermos a complexidade deste funcionamento é necessário abordá-lo sob uma perspectiva que considere o sentido como algo que se determina pela relação do sujeito com a língua no acontecimento da enunciação.

Dessa forma, trabalharemos aqui com os seguintes conceitos: o conceito de *Modificador Sobrerrealizante* (MS) proposto por García Negroni (1995) no âmbito da Teoria dos Modificadores de Ducrot (1995a), o conceito de *modalidade*, abordado sob uma perspectiva enunciativa, e, por fim, o conceito de performatividade que apresentaremos ao longo da análise. Discutiremos inicialmente os dois primeiros conceitos para, em seguida, analisarmos o funcionamento de *super* em alguns recortes selecionados, a fim de mostrar seu funcionamento enunciativo.

1. O Modificador Sobrerrealizante (MS) e a Teoria dos Modificadores

A Teoria da Argumentação na Língua (doravante TADL – *Théorie de l'Argumentation dans la Langue*) desenvolvida inicialmente por Ducrot e Anscombe, tem sido constantemente reformulada pelos autores, sem abandonar, contudo, seu pressuposto fundamental: o de que a língua não refere objetos no mundo, mas constrói discursos em direção a uma argumentação. Ou seja, para esta teoria a língua não é informativa/veritativa,

mas essencialmente argumentativa e, segundo os autores, se há valor informativo ele é derivado da argumentatividade.⁴³

Inicialmente, Ducrot (1973) postulou o conceito de *escalas argumentativas*, a partir das quais se determinava uma relação hierárquica de força entre os enunciados que constituem argumentos, sendo uns mais fortes argumentativamente que outros. Essa força argumentativa seria condicionada por marcas linguísticas específicas que poderiam levar a uma ou outra conclusão, chamadas pelos autores de *operadores argumentativos*, que seriam os articuladores gramaticais, como as conjunções, por exemplo. Desta determinação decorre um conceito fundamental para a teoria e que permanece em suas diferentes formulações: a argumentação é de natureza gradual, no sentido de que ela implica a possibilidade de se estabelecer comparações entre *mais* e *menos*.

Com o objetivo de produzir maior especificação da teoria e ampliar as possibilidades de explicação da argumentatividade na língua, os autores reformularam a TADL introduzindo o conceito de *topos*, pois, segundo Ducrot (1989) a teoria tal como ela se encontrava não permitia identificar os diferentes caminhos que um argumento pode percorrer em direção a uma conclusão. Utilizando o exemplo dos operadores *pouco* e *um pouco* em “*Pedro trabalhou pouco*” e “*Pedro trabalhou um pouco*”, o autor mostra que os dois encadeamentos podem levar à mesma conclusão de êxito, a depender do que se considera a melhor razão para ele: a de que *trabalhar* leva ao êxito ou ao fracasso. A partir deste exemplo, o autor defende que as possibilidades de argumentação não dependem apenas dos enunciados que constituem os argumentos e conclusões, já que desta maneira não é possível muitas vezes diferenciar o que determina uma ou outra conclusão, mas de um princípio mobilizado pelo locutor em sua enunciação, o *topos*.

Assim, este caminho que leva um enunciado a uma conclusão ou o *topos* é, segundo Ducrot (1995a), um princípio argumentativo que tem pelos menos três propriedades fundamentais. A primeira delas é que ele é *universal*, na medida em que é partilhado por uma comunidade linguística e desta primeira propriedade decorre a segunda: ele é *geral*, ou

⁴³ Não abordaremos aqui a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) que, segundo Ducrot (2005) é uma das teorias que procura substituir a teoria dos topoï, na tentativa justamente de radicalizar os princípios da TADL e excluir qualquer relação da língua com a exterioridade, procurando explicá-la apenas a partir de encadeamentos discursivos ligados pelos conectores PT (portanto) e NE (no entanto).

seja, deve ser válido para situações análogas àquela em que é aplicado. Por fim, o *topos* tem natureza *gradual*, ou seja, ele necessariamente relaciona duas escalas, duas gradações entre as quais se estabelece uma correspondência.

Uma distinção importante que os autores fazem entre os *topoi* e que será fundamental para a formulação do conceito de modificador é a distinção entre *topoi intrínsecos* e *topoi extrínsecos*. Segundo Ducrot (1995b), os *topoi intrínsecos* fundam a significação de uma unidade lexical e assim não necessitam mobilizar argumentações externas, enquanto os *topoi extrínsecos* são utilizados para fundar encadeamentos conclusivos, ou seja, são raciocínios construídos. Dessa distinção entre os *topoi* decorre a diferenciação que esta teoria permite fazer entre *palavras plenas* e *palavras vazias*, sob o viés enunciativo: as palavras plenas seriam aquelas portadoras de *topoi* (ideologia) e indicariam formas tópicas⁴⁴ (FT) que permitem aplicar estes *topoi* a objetos, enquanto as palavras vazias não introduziriam nem *topoi*, nem formas tópicas, mas agiriam sobre as palavras plenas (conservando ou modificando seu potencial argumentativo).

A introdução do conceito de *topoi intrínsecos* e *extrínsecos* e a diferenciação que ele permite estabelecer entre palavras plenas e vazias leva à formulação de uma das hipóteses centrais da teoria dos *topoi*: a de que as palavras lexicais têm uma gradualidade que lhes é inerente, intrínseca. Neste sentido, para Ducrot “as palavras de conteúdo lexical, por exemplo, nomes e verbos, podem ser descritas como ‘feixes de *topoi*’”, pois “aplicar estas palavras aos objetos ou às situações é indicar certos tipos de discursos possíveis a propósito destes objetos ou situações” (DUCROT, 1995a, p. 145). Além disso, estes *topoi* podem ser, de modo geral, aplicados com mais ou menos força, ou seja, “certos encadeamentos discursivos podem ser evocados como mais ou menos necessários que outros” (DUCROT, 1995a, p. 145).

Dessa forma, a estas palavras (nomes e verbos) que já têm uma gradualidade inerente podem se articular outras palavras capazes de afetar esta gradualidade,

⁴⁴ Segundo Ducrot (1995b) cada *topos* pode aparecer sob duas formas que o autor chama de *formas tópicas* ou *FT*. Para um *topos* concordante em que as escalas P e Q têm um mesmo sentido de percurso tem-se como formas tópicas conversas “+P, +Q” e “-P, -Q”, enquanto para um *topos* discordante em que as escalas P e Q têm sentidos opostos de percurso tem-se as formas tópicas conversas “+P, -Q” e “-P, +Q”. Pode-se ainda multiplicar por dois o número de FT, por exemplo, a uma FT “-P, -Q” corresponde uma FT recíproca “-Q, -P” (DUCROT, 1995b, p. 87).

acrescentando-lhes outras determinações suscetíveis de grau, definidas por Ducrot (1995a) como *modificadores*. Os modificadores são adjetivos e advérbios que, ao incidirem sobre um nome ou verbo (reunidos pelo autor no termo *predicados*), podem diminuir ou aumentar a sua força argumentativa, ou seja, “a força com a qual se aplica sobre um objeto ou uma situação os topoi que constituem sua significação” (DUCROT, 1995a, p. 146). Os modificadores são classificados pelo autor da seguinte forma:

Uma palavra lexical Y é um “MD” em relação a um predicado Z se e somente se o sintagma XY:

(i) não é sentido como contraditório

(ii) tem uma orientação argumentativa inversa ou uma força argumentativa inferior àquelas de X.

Se XY tem uma força argumentativa superior àquela de X, e de mesma orientação, Y é um MR.⁴⁵ (DUCROT, 1995a, p. 147).

Assim, a partir desta definição, Ducrot (1995a) distingue os *modificadores desrealizantes* (MD) cuja função é diminuir ou inverter a força argumentativa de um predicado, dos *modificadores realizantes* (MR), cuja função é aumentar ou reforçar a argumentatividade do predicado ao qual se aplica. Para identificar se um modificador desrealiza ou realiza um predicado, o autor propõe como critério a observação dos encadeamentos “X, mas XY” para a identificação do MD e de “X, e inclusive XY”⁴⁶ para a identificação do MR. Para que estes encadeamentos possam identificar a natureza do modificador, eles devem ser tomados como uma argumentação intrínseca, sem a necessidade de se recorrer a qualquer razão argumentativa externa e, neste caso, são indicados pelo símbolo @. No entanto, segundo Ducrot (1995a) é possível também encontrarmos encadeamentos em que é necessário recorrer a uma intenção argumentativa particular, e estes são identificados pelo símbolo #.⁴⁷ Para mostrar como funcionam estes testes, o autor apresenta como exemplo a relação entre o predicado *parente* e os modificadores *distante* e *próximo*, como podemos ver a seguir:

⁴⁵ Tradução nossa.

⁴⁶ No original em francês, o autor utiliza como operadores “mais” e “et même”, que traduzimos aqui por “mas” e “e inclusive”.

⁴⁷ Ducrot (1995a) assinala que o símbolo (#) é diferente do símbolo chomskyano (*) que identifica a agramaticalidade, uma vez que os encadeamentos identificados por ele não são agramaticais, apenas exigem que se recorra a razões externas que não correspondem ao semantismo próprio das palavras.

- (1) @ Pedro é um parente, *mas* (um parente) distante.
- (2) # Pedro é um parente, *mas* (um parente) próximo.
- (3) @ Pedro é um parente, e *inclusive* (um parente) próximo.
- (4) # Pedro é um parente, e *inclusive* (um parente) distante.

Observando os exemplos acima, podemos perceber que os encadeamentos (1) e (3) são tomados como encadeamentos que expressam uma argumentatividade interna ao semantismo de *parente*, cujo potencial argumentativo seria “quanto mais próximo, mais parente”, tendo como forma tópica conversa “quanto mais distante, menos parente”. Dessa forma, em (1) *distante* desrealiza/atenua a força argumentativa de *parente* e em (3) *próximo* a realiza/reforça. Em relação aos encadeamentos (2) e (4), segundo Ducrot (1995a), para compreendermos seu sentido, é preciso recorrer a contextos externos ao semantismo das palavras envolvidas. Para o autor, em (2), por exemplo, podemos pensar que ao se solicitar a Pedro que dê informações sobre um parente, ele não seria a pessoa mais indicada justamente por ser um parente próximo e que, por isso, poderia dar opiniões tendenciosas ou ainda indiscretas, devido à proximidade.⁴⁸

Na via aberta por Ducrot (1995a), García Negroni (1995) propõe uma nova classe de modificadores, diferente das duas classes já descritas por ele: a classe dos *modificadores sobre-realizantes (MS)*. Segundo García Negroni (1995) os modificadores sobre-realizantes são palavras ou expressões que designam intrinsecamente um grau intenso, ou seja, que reforçam o predicado em uma escala extraordinária, como nos explica no excerto abaixo:

Certes, cette gradation est vue sous un nouvel angle: il ne s’agit plus de l’échelle ordinaire et complexe comprenant aussi bien les degrés positifs de X que les négations des degrés de son antonyme, mais d’une échelle extreme à laquelle on n’accède qu’après avoir effacé tous les liens avec le prédicat antonyme. Une fois cet effacement opéré (i.e. une fois que l’échelle inverse du prédicat antonyme n’est plus reliée à celle du prédicat X), c’est le haut de l’échelle qui est visé par les M.S., toutes les valeurs en dessous de cette limite étant considérées comme inadéquates pour

⁴⁸ Cabe aqui assinalarmos que Ducrot toma o operador “mas” nestes testes com o valor de oposição. No entanto, “mas” pode também reforçar o enunciado anterior ou ainda permitir a sua releitura, o que será tratado por García Negroni (1995), como mostraremos mais à frente.

l'appréhension argumentative de la situation. (GARCÍA NEGRONI, 1995, p. 129).⁴⁹

Desta definição decorrem algumas características que determinam os modificadores sobre-realizantes como uma terceira classe de modificadores. A primeira delas diz respeito à possibilidade de os MS ocorrerem tanto em encadeamentos “X, mas XY”, como em encadeamentos “X, e inclusive XY” que identificariam, segundo Ducrot (1995a), um MD e um MR, respectivamente. O fato de o MS ocorrer nos dois tipos de encadeamento, sem que seja necessário que se recorra a um movimento discursivo complexo para interpretá-lo leva a autora a definir esta possibilidade de ocorrência como um dos critérios que diferenciam e identificam um MS, como podemos perceber através dos seguintes exemplos:

(5) Há uma solução, *mas* fácilima.

(6) Há uma solução, *e inclusive* fácilima.

Os exemplos (5) e (6) nos mostram que a presença de um MS nos dois tipos de encadeamento pode ser compreendida facilmente, sem que se recorra a qualquer razão argumentativa particular, diferentemente do que ocorre com os modificadores realizantes e desrealizantes, como vimos nos exemplos de (1) a (4). E, se observarmos, o exemplo (5) pode ser parafraseado por um enunciado similar à expressão “Não só há uma solução, mas também uma solução fácilima”⁵⁰, mostrando assim que neste caso *mas* tem o valor de reforço e não de inversão, como em Ducrot (1995a). García Negroni (1999) também se preocupa em mostrar a diferença entre os MS e os MR, uma vez que ambos reforçam o

⁴⁹ Evidentemente, esta gradação é vista sob um novo prisma: não se trata mais da escala ordinária e complexa, incluindo não só os graus positivos de X como também as negações dos graus de seu antônimo, mas de uma escala extrema à qual só se acessa após a exclusão de todas as ligações com o predicado antônimo. Uma vez este apagamento efetuado (ou seja, uma vez que a escala inversa do predicado antônimo não está ligada à do predicado X) é a parte superior da escala que é o alvo dos M.S., todos os valores abaixo deste limite sendo considerados inadequados para a apreensão argumentativa da situação. (GARCIA NEGRONI, 1995, p. 129. Tradução Patricia Arouca.).

⁵⁰ A autora chega a esta formulação através da retomada de uma análise de J-M Adam (1990, p. 192-194, citado por García Negroni, 1995, p. 104). Este autor percebe que, em alguns casos, o conector *mas* não funciona como um inversor da argumentação, mas como um elemento que a reforça introduzindo um argumento suplementar e mais forte no mesmo sentido da conclusão visada pelo primeiro. Este funcionamento de *mas*, segundo este autor, apresenta uma grande afinidade com a expressão “Não somente P, mas também Q”.

potencial argumentativo dos predicados, porém em graus distintos. Esta diferença é mostrada pela autora através dos seguintes exemplos:

(7) *Teve um êxito extraordinário *e inclusive* te diria muito extraordinário.⁵¹

(7') Teve um êxito importante *e inclusive* te diria muito importante.

(8) *Há uma solução facílima *e inclusive* te diria muito facílima.

(8') Há uma solução fácil *e inclusive* te diria muito fácil.

Através dos exemplos acima, a autora explica que o grau máximo designado pelo MS não pode ser reforçado por outro modificador em um encadeamento feito através do conector *e inclusive*, o que mostraria que o grau designado pelo MS seria o grau extremo da gradualidade em que se inscreve. Como podemos perceber, um predicado reforçado por um MR pode ser ainda aumentado por um MS em um mesmo movimento discursivo, porém o contrário, segundo a autora, não ocorre. Estes são os critérios utilizados por García Negroni (1999) para determinar os MS como uma terceira classe de modificadores, mas há ainda outros elementos que para ela caracterizam esta classe e que elencamos a seguir:

- a) Os MS não podem ser objeto de uma questão de verificação de informação como em “*A melhora foi extraordinária?”, mas podem ocorrer em questões com negação e de caráter retórico ou em pedidos de adesão e verificação, como em “Não teve um sucesso momentâneo/durável?”.
- b) Os MS não podem ser empregados em uma atribuição negativa como em “?Seu sucesso não foi avassalador”, mas podem ocorrer em enunciados contendo uma negação metalinguística como em “A: Teve um sucesso espetacular./B: Não, seu sucesso não foi espetacular.”, ou ainda no emprego desrealizante do modificador em questão, cujo efeito é irônico e o modificador perde seu valor sobrerrealizante “O sucesso que teve não foi espetacular” (estava longe de ser espetacular).

⁵¹ O símbolo * é utilizado pela autora para marcar estes enunciados.

- c) Os MS são muito marcados enunciativamente e não podem ser utilizados sem que o locutor os assuma. São similares a expressões especializadas na demonstração de sentimentos e atitudes do locutor, tais como as interjeições, exclamações e advérbios de enunciação, podendo ser substituídos por um gesto ou por uma expressão idiomática que indique grau extremo.
- d) A enunciação dos adjetivos ou advérbios sobre-realizantes é sempre acompanhada de um acento de intensidade ou proeminência e têm como uma de suas propriedades veicular um comentário subjetivo do locutor em relação ao grau muito elevado que designam (marca a subjetividade do locutor no enunciado).
- e) Os MS podem ainda produzir a reinterpretação do aspecto gradual dos predicados presentes em um enunciado E1, em que o enunciado E2 do enunciador A desencadeia a interpretação I2 de E1 de A, provocando assim uma mudança de perspectiva do locutor e a adoção de um novo ponto de vista. Ex: “João não teve nenhum problema em obter a vitória ante seus competidores... Certamente muito pouco treinados” (GARCÍA NEGRONI, 2000).

Entre estes critérios, interessa-nos especialmente aqueles expressos em (c) e (d), pois eles trazem uma diferença fundamental em relação às outras duas classes de modificadores: eles definem como sendo própria ao MS a função de expressar a relação do locutor com seu enunciado, diferenciando-se assim do MD e do MR, trabalhados por Ducrot (1995a). Neste sentido, observamos que o MS parece não estar restrito à predicação, uma vez que se relaciona especialmente com a enunciação ao constituir-se como uma marca através da qual o locutor se representa no enunciado. Por isso, acreditamos que a caracterização do MS como uma marca enunciativa nos permite trabalhar com este conceito sem, contudo, nos comprometermos com o tratamento da significação ou da gradualidade como algo inerente ao léxico.

Marcamos aqui essa diferença de posição, pois a gradualidade tratada dessa forma (expressa pela diferença que se faz entre encadeamentos marcados por @ e aqueles marcados por #) pode determinar algumas restrições em relação à sobre-realização, como,

por exemplo, a impossibilidade de se intensificar um MS, já que este indicaria por si só um grau extremo de uma escala, como é apontado por García Negroni (1999). No entanto, é possível encontrarmos ocorrências em que esse tipo de restrição não se aplica, como no recorte (3) da nossa análise em que, ao contrário do que prevê a autora, temos a intensificação de uma expressão já sobre-realizada: “eu super fico com os dois pés atrás”. Neste recorte, a expressão “ficar com o pé atrás” é sobre-realizada ao ser alterada para “ficar com os dois pés atrás” e depois é ainda reforçada pela incidência de *super* (“Eu super fico com os dois pés atrás.”), contrariando assim a afirmação de García Negroni.

Este é um dos pontos que nos leva a questionar o conceito de gradualidade como uma propriedade inerente à língua e a pensar que ela pode ser compreendida, na verdade, como uma relação enunciativa, estabelecida no acontecimento da enunciação. Trabalhando com o conceito de sobre-realização desta maneira, podemos explicar casos como estes, por exemplo, em que a gradualidade da intensificação pode sempre variar a depender da enunciação em que ocorre.⁵²

Além disso, ao tratarmos o MS como uma marca enunciativa, pretendemos mostrar que seu funcionamento extrapola o âmbito da predicação, uma vez que este modificador parece incidir especialmente sobre categorias enunciativas, tais como a modalização e a força ilocucionária dos enunciados em que ocorre. Assim, compreendemos o MS como uma marca da relação do locutor com seu enunciado, tal como García Negroni (1999), mas, ao contrário desta autora, não a consideramos como algo que se dá a partir da mobilização de diferentes *topoi* inerentes ao léxico,⁵³ e sim como uma relação determinada pelo acontecimento da enunciação, tal como é trabalhado por Guimarães (2005). Por fim,

⁵² Sobre esta questão, Guimarães faz a seguinte afirmação: “Considerando que a sustentação argumentativa está no interdiscurso, a escalaridade não é definidora das relações interdiscursivas, como é dos *topoi* graduais. A escalaridade continua nas escalas argumentativas, mas não é característica da posição interdiscursiva.” (GUIMARÃES, 1995, p. 81). É neste sentido que tomamos o conceito de MS como um elemento linguístico que expressa um grau extraordinário, porém este grau não está determinado intrinsecamente às formas linguísticas, mas pelo histórico de enunciações em que ele ocorre.

⁵³ Para García Negroni (1995) a sobre-realização produz uma oposição entre um *topos* ordinário e outro extraordinário, através da expressão “Não só P, mas também Q”, em que P seria um *topos* ordinário e Q um *topos* extraordinário designado pelo MS. Assim, segundo a autora, o locutor ao mobilizar um MS estaria se negando a considerar os graus ordinários (que podem ser relativizados ou negados), assimilando-se ao *topos* extraordinário.

apresentamos aqui os elementos linguísticos que podem funcionar como um MS⁵⁴ e que são elencados por García Negroni (1995):

- Adjetivos e advérbios que designam intrinsecamente um grau intenso. Ex: *extraordinário, apaixonadamente, inacreditável*.
- Um MR em grau superlativo *-íssimo/a*. Ex: *rapidíssimo, belíssima*.
- Um MR acompanhado de acento de intensidade. Ex: *MUITO* bonito.
- A articulação “muito + MR” que produz a sobre-realização do MR e também a incidência dos prefixos *super-* e *mega-*. Ex: *supermercado, megabazar*.
- Um MR reiterado por uma entonação de interjeição. Ex: Ele é besta, mas *besta!*
- Certos MDs atenuadores fortemente marcados pela prosódia particular dos MS. Ex: “Ela é bonita, mas *UM POUCO!*”⁵⁵. Também os sufixos *-inho/a* (do português) ou *-ito/a* (do espanhol). Ex: Fez uma viagem longuinha, e inclusive te diria que longa, muito longa.

Como podemos observar na listagem acima, além de elementos que são caracterizados propriamente como MS como certos adjetivos e advérbios, boa parte das ocorrências de sobre-realização se dá com um MD ou MR empregados de modo a expressar o grau extraordinário. A autora explica essa diferença de ocorrência distinguindo os MS intrínsecos dos MS extrínsecos, sendo os primeiros os modificadores que expressam a sobre-realização de modo inerente (como o adjetivo *espetacular*) e os segundos os MR e MD que dependendo do contexto podem sobre-realizar o predicado (como *próximo* em “Ele é um parente, mas próximo, eh?”).

Mais uma vez percebemos a diferença que se faz entre significado inerente e o sentido que se dá no contexto. Contudo, entendemos que esta diferença de ocorrência na verdade nos mostra o que afirmamos anteriormente sobre o fato de que a gradualidade ou, neste caso, a sobre-realização não está inscrita em formas linguísticas específicas. Isso nos

⁵⁴ Os elementos que funcionam como MS apresentados por García Negroni são retirados do espanhol, no entanto, de modo geral, eles funcionam da mesma forma ou têm equivalentes no português.

⁵⁵ Este é um exemplo de Garcia Negroni para o espanhol, mas parece não funcionar em português.

leva a pensar a sobre-realização como uma relação enunciativa que pode se realizar de diferentes maneiras (através do uso de adjetivos, entonação específica, intensificação de outro intensificador) e em diferentes níveis (na predicação, na modalização e na performatividade do enunciado).

Retomando então o que discutimos até aqui percebemos que o MS é determinado por uma relação enunciativa, na medida em que ele é considerado como um elemento que marca a posição do locutor no enunciado. Isso nos permite pensar que o MS funciona não apenas como um modificador do predicado, mas também como um modificador do enunciado, extrapolando assim o âmbito da predicação. Neste sentido, procuraremos analisar o funcionamento de *super* como forma livre, a partir do conceito de MS, através de um dos testes propostos por García Negroni (1999), porém não nos restringiremos a tratá-lo como um modificador do predicado, observando assim seus diferentes funcionamentos na enunciação.

2. Modalidade e os modos de dizer

A modalidade é um mecanismo linguístico que tem sido definido de diferentes formas dependendo da perspectiva teórica que fundamenta a sua abordagem. Ainda assim há certos elementos que parecem ser comuns a estas definições, como, por exemplo, a dicotomia que se faz entre *dictum* e *modus*, em que temos a separação daquilo que é enunciado por um sujeito, ou seja, o conteúdo de sua enunciação, e o modo pelo qual o faz através de diferentes formas.

Ela tem sido abordada tradicionalmente sob a perspectiva dos estudos lógicos que, segundo Moura Neves (2002, p. 171), costumam considerar no estudo da modalidade, além dessa dicotomia, dois eixos principais em relação aos quais o falante situa seu enunciado: o eixo do conhecimento e o eixo da conduta. Estes eixos determinariam o modo como o falante caracteriza sua proposição (*dictum*) a partir de uma relação de verdade e falsidade, relação esta que geralmente fundamenta a explicação do sentido nos modelos formais que buscam descrevê-lo.

A partir da caracterização da abordagem da modalidade sob a perspectiva lógica, a autora procura marcar uma diferença em relação ao modo pelo qual trata o fenômeno da modalização. Considerando a modalidade como um procedimento a partir do qual o falante expressa sua relação com seu enunciado, a autora fala da dificuldade em se considerar estes modelos no tratamento da modalidade na língua, pelo fato das línguas naturais terem justamente um caráter não lógico (MOURA NEVES, 2002, p. 171). No entanto, ela afirma ser possível considerar os conceitos de conhecimento e conduta no estudo da modalidade, uma vez que eles se correlacionariam a funções básicas da língua. Assim, a partir destes dois eixos, a autora se propõe a analisar os modos pelos quais a modalidade se manifesta, especialmente através do léxico (verbos modais ou plenos, advérbios⁵⁶, substantivos, etc.), dividindo-os em três tipos:

- **Modalidade alética:** central na *lógica*, mas periférica nas línguas naturais. É determinada por uma escala lógica que vai *do necessário ao impossível*, passando pelo possível e pelo contingente. Ex: “é precisa realmente estar convencido disso” (D2-SP-360:36-37)⁵⁷.
- **Modalização deôntica:** expressa os valores de permissão, obrigação e volição e relaciona-se ao controle que tem o enunciador sobre os eventos, situando-se assim no eixo da *conduta*. É determinada por uma escala que vai *do obrigatório ao permitido*. Ex: “toda e qualquer manifestação que a gente for procurar vai *ter que* estar *necessariamente* ligada a esta preocupação vital” (EF-SP405:99-101).
- **Modalização epistêmica:** expressa o julgamento humano sobre aquilo que pode acontecer, situando-se no eixo do *conhecimento*. É determinada por uma escala que vai *do certo ao possível*, passando por diferentes graus de

⁵⁶ Para o estudo dos advérbios modalizadores, conferir CASTILHO e MORAES DE CASTILHO (2002).

⁵⁷ Os exemplos trabalhados pela autora são retirados do corpus NURC, por isso mantivemos a referência do dado. Grifos do original.

possibilidade. Ex: “então a casa própria **eu acredito** que **seria evidentemente** uma medida de LAR:GA repercussão... social” (DID-RE-131:365).

Fundamentando seu estudo em uma abordagem funcionalista, Moura Neves (2002) se concentra em analisar mais profundamente as modalidades *deôntica* e *epistêmica*, deixando de lado assim a modalidade *alética*, pois, segundo a autora, ela seria periférica nas línguas naturais. Além disso, ela mostraria apenas a organização lógica interna a um enunciado, excluindo assim o seu contexto de enunciação, na medida em que está comprometida com uma relação de verdade atrelada a mundos possíveis.

Neste sentido, observamos que Moura Neves (2002), apesar de trazer a classificação das modalidades presente nos estudos de tradição lógico-gramatical, as compreende como um procedimento linguístico que se dá em enunciados que ocorrem em situações enunciativas efetivas. Além disso, a autora considera a modalização como uma estratégia (intenção) comunicativa utilizada pelo falante, determinada assim por uma relação subjetiva (e não direta, nem de possibilidade, como nos estudos lógicos).

Através do trabalho de Moura Neves (2002) foi possível mostrar o modo como a modalidade é geralmente classificada e algumas de suas possibilidades de realização na língua. No entanto, mais do que estabelecermos aqui uma classificação da modalidade, interessa-nos discutir seu funcionamento, especialmente em uma abordagem enunciativa. Para isso, trazemos o trabalho de García Negroni e Tordesillas (2001), no qual discutem o conceito de modalidade a partir de dois linguistas da enunciação: Bally e Benveniste, mostrando como cada um a define e classifica.

Começando por Bally, as autoras afirmam que a distinção entre *dictum* e *modus*, sempre presente nos estudos lógico-gramaticais, é figura central em seu estudo sobre a modalidade. Segundo García Negroni e Tordesilhas (2001, p. 99), Bally define a modalidade como a forma linguística que expressa o juízo que faz um sujeito pensante sobre aquilo que enuncia acerca de sua percepção ou de uma representação. Ele a classifica em três tipos de relações: as intelectuais (correspondência ou não com a realidade), as afetivas (valorização afetiva do sujeito) e as volitivas (ideia como objeto da vontade do sujeito). Segundo este autor, a dicotomia acima apontada se manifestaria na oração através

da seguinte estrutura: [X tem tal reação/modus] [ante tal representação/dictum], sendo que o *modus* pode estar explícito ou não.

Observamos assim que para Bally (1950) a modalidade se caracteriza pela relação que o sujeito estabelece com o seu enunciado, ou seja, como o sujeito o qualifica. No entanto, segundo García Negroni e Tordesilhas (2001), este é apenas um dos aspectos da modalidade, uma vez que ela também pode afetar a relação do locutor com seu interlocutor, como elas mostram através do trabalho de Benveniste (1966). De acordo com as autoras, Benveniste (1966) trata a modalidade como um dos aparatos linguísticos mobilizados pelo sujeito ao apropriar-se da língua. Ela permite ao locutor, por um lado, se situar em relação ao seu interlocutor e, por outro, mostrar suas atitudes em relação ao que se diz no enunciado. No primeiro caso, teríamos as *modalidades de enunciação*, enquanto no segundo caso teríamos as *modalidades de enunciado*. Vejamos a seguir cada um dos dois tipos.

As *modalidades de enunciação* caracterizam-se por permitir ao locutor situar-se em relação ao seu interlocutor através: da interrogação (em que o locutor suscita uma resposta por parte do seu alocutário); da intimação (que suscita uma ação do alocutário através, por exemplo, do uso do imperativo); da asserção (na qual o locutor constata e apresenta um enunciado como verdadeiro)⁵⁸ e de certos advérbios capazes de qualificar a enunciação (tais como *francamente, sinceramente*).

Já as *modalidades de enunciado* caracterizam-se por permitir ao locutor expressar suas atitudes (esperança, desejo, apreensão, dúvida, probabilidade, etc.) em relação ao que diz o seu enunciado, podendo ocorrer através de certos modos verbais (como o condicional e o subjuntivo) ou ainda de certos advérbios modais (*provavelmente, sem dúvida, talvez*). Assim, segundo García Negroni e Tordesilhas (2001, p. 96), enquanto as modalidades de enunciação fazem referência ao acontecimento enunciativo e correspondem à relação entre locutor e alocutário, as modalidades de enunciado precisam o modo como o locutor situa seu enunciado em relação a noções como verdade-falsidade, verossimilhança,

⁵⁸ Observamos neste ponto uma aproximação com a caracterização da performatividade em Austin (1990). Na verdade, o que Benveniste caracteriza como modalidades de enunciação é geralmente tratado como modos verbais a partir da Teoria dos Atos de Fala de Austin (1990).

probabilidade, certeza, etc.⁵⁹ As autoras dão os seguintes exemplos para explicar a diferença entre as duas modalidades:

- (3) Felizmente/provavelmente/sem dúvida, João chegou bem em sua casa.
- (3a) É uma felicidade/É provável que João tenha chegado bem em sua casa.
- (4) Sinceramente/francamente/confidencialmente, seu discurso foi admirável.
- (4a)*É sincero/franco/confidencial que seu discurso foi admirável.
- (4b) Sinceramente/Francamente/Confidencialmente te digo que seu discurso foi admirável. (GARCÍA NEGRONI e TORDESILHAS, 2001, p. 96)⁶⁰

Assim, o trabalho de García Negroni e Tordesilhas (2001) nos mostra como a mudança de foco sobre um mesmo mecanismo linguístico pode gerar classificações e descrições diferentes. Podemos perceber que a classificação trazida pela abordagem funcionalista, que é também trabalhada pela tradição lógica, é determinada por uma certa concepção que valoriza de um lado a cognição como fator determinante dos processos linguísticos e, de outro, a relação entre os sujeitos a partir do contexto em que se encontram, como trabalha uma certa abordagem pragmática. Já Benveniste e Bally colocam como foco em suas definições e classificações a enunciação como um processo de subjetivação, valorizando a posição do sujeito em relação ao que enuncia e em relação ao seu interlocutor. Ou seja, temos aqui a introdução do outro, da relação intersubjetiva como determinante do funcionamento da modalidade.

Ainda que estes dois autores desloquem a determinação da modalidade da cognição para a enunciação, permanece em suas abordagens a figura de um sujeito que se apropria da língua e que tem controle sobre aquilo que enuncia, um sujeito que se relaciona diretamente com sua enunciação. Em outra via, Zoppi Fontana (2011) em seu artigo *A arte do detalhe*, através da retomada de alguns conceitos da Semântica do Acontecimento desenvolvida por

⁵⁹ Segundo Castilho e Moraes de Castilho (2002) a gramática tradicional marca essa distinção entre as modalidades de enunciação e as modalidades de enunciado, chamando o primeiro caso de *modalidade* e o segundo caso de *modalização*. Porém, os autores empregam estes termos como sinônimos em seu trabalho, o que também fazemos aqui.

⁶⁰ Tradução nossa. O asterisco é usado pelas autoras.

Guimarães (2005) em sua relação com a Análise de Discurso (na linha desenvolvida por Pêcheux e Orlandi), nos mostra como essa relação não se dá diretamente, uma vez que a materialidade histórica é determinante na relação do sujeito com a sua enunciação.

Neste trabalho, a autora fala como essas duas abordagens podem tratar da modalidade, pensando o sujeito como uma figura política que não escolhe o que e como dizer, mas é agenciado politicamente a fazê-lo. Neste sentido, ela nos mostra como a modalidade pode ser estudada sob outra ótica, sendo pensada como *modos de dizer* que, segundo Guimarães (2005) são distribuídos desigualmente pelo *agenciamento enunciativo*, a partir de uma hierarquia de identidades sustentada pela diferença. Assim, as marcas de modalidade seriam *vestígios materiais* do agenciamento que determina o sujeito e seu dizer e assim, como nos mostra Zoppi Fontana (2011, p.20), devemos:

[...] considerar as marcas de modalização como indícios do agenciamento político da enunciação, sendo referidas ao Locutor enquanto predicadas pelo lugar social (locutor-x) que lhes fornece a sustentação. Não se trata, portanto, da avaliação de um eu, considerado fonte e origem de atitudes e apreciações, mas de um modo de dizer produzido pelo funcionamento complexo dos agenciamentos políticos no acontecimento da enunciação, sobredeterminados pelas relações contraditórias de filiação a diferentes posições-sujeito no interdiscurso.

Neste sentido, podemos observar que a modalidade é tratada sob esta perspectiva não mais como uma estratégia comunicativa, como na abordagem funcionalista de Moura Neves (2002), nem como a expressão de um julgamento enunciativo por um sujeito consciente como em Bally (1950) e em Benveniste (1966), e sim como uma marca através da qual é possível reconhecer a presença do locutor no enunciado, sendo esta presença determinada pelo agenciamento político da enunciação. Assim, a partir desta perspectiva, consideramos aqui a modalidade como um modo de dizer através do qual o locutor se representa no enunciado, e que, neste sentido, se configura como um lugar importante de observação da relação do sujeito com a língua.

Apresentamos a modalidade passando por diversas perspectivas apenas para situarmos este conceito em diferentes abordagens e mostrarmos a importância de se estudá-lo sob o viés enunciativo. Não nos interessa assim, especificamente, as diferentes

classificações quantos aos modos pelos quais a modalização do enunciado pode ocorrer, mas o seu funcionamento, ou seja, o que este procedimento pode nos mostrar em relação à enunciação para que possamos compreender o funcionamento de *super* como forma livre em certos enunciados. Neste sentido, procuraremos mostrar na análise que *super* se caracteriza como um dos elementos da língua através dos quais podemos observar a ocorrência da modalização, ou ainda, como uma forma que produz efeitos sobre ela, caracterizando assim certos modos de dizer.

3. Análise do funcionamento semântico-enunciativo de *super*

Neste momento, procuraremos analisar algumas ocorrências de *super* como forma livre a fim de observarmos o seu funcionamento semântico-enunciativo, tomando como unidade de análise o recorte, tal como definimos na seção *Constituição do corpus e método de trabalho*. Como afirmamos anteriormente, nossa primeira hipótese foi de que *super* funcionaria como um MS e, neste sentido, poderia produzir também certos efeitos na argumentação presente nos recortes em que ocorre. No entanto, como mostraremos na análise, encontramos muitos casos em que *super* funciona de outra forma, seja atuando sobre a modalização do enunciado, seja sobre a sua força ilocucionária.

Assim, aplicaremos o teste proposto por García Negroni (1995, 1999) inserindo a forma *super* como modificador tanto em encadeamentos conectados por *mas*, quanto em encadeamentos conectados por *e inclusive*⁶¹, para verificarmos se *super* se enquadraria de fato como um MS, modificando assim o predicado sobre o qual incide. A aplicação deste teste, juntamente com a análise semântica dos recortes, nos permitirá mostrar os diferentes funcionamentos que encontramos, demonstrando assim o funcionamento polissêmico de *super* na enunciação.

Começaremos com os casos em que *super* parece funcionar como um MS incidindo diretamente sobre o verbo. Nestes casos, analisaremos a relação de *super* com o verbo, tal

⁶¹O termo original em francês é “et même” que é traduzido nos trabalhos brasileiros por “e até mesmo”. Porém, como nos dados que estamos analisando esta tradução não estava funcionando e como “et même” pode ser traduzido para o português como “e inclusive”, optamos por utilizar esta expressão nos nossos testes.

como se faz na teoria dos modificadores, pensando que este teria um potencial argumentativo que poderia ser reforçado ou atenuado (lembrando que para nós, este potencial não é intrínseco à forma linguística, mas fruto de um histórico de enunciações). Procuraremos compreender assim os efeitos que a sobre-realização do verbo produz sobre a argumentação sustentada nos recortes analisados:

- (1) no mais, mais um lugar que recomendo a visita: Brugge, na Bélgica. cidadezinha liiiiinda e bem turística, diga-se de passagem. 1 dia mais do que suficiente, mas **merece super** a visita. (Post “Packing Again”. Disponível em: <<http://ordinaryword2.wordpress.com/>>. Acesso em: 10 jun. 2012).

(1') A cidade merece uma visita, *mas* merece super.

(1'') A cidade merece uma visita, *e inclusive* merece super.

Neste recorte observamos que *super* incide sobre o predicado *merecer*, cujo potencial argumentativo pode ser desrealizado por *pouco* e sobre-realizado por *muito* e, neste caso, se estabelece uma relação com o predicado *visita* que pode ser desrealizado pelo adjetivo *curta* e realizado pelo adjetivo *longa*. Falamos aqui desta relação, pois a duração da visita está relacionada com o tamanho da cidade a ser visitada, afinal se uma cidade é pequena e, portanto, permite uma visita curta, coloca-se em questão se vale a pena se deslocar até ela, ou seja, entra em jogo uma relação de custo-benefício entre o deslocamento e a permanência.

Nesse sentido, se observarmos o argumento “a cidade pode ser visitada rapidamente/em apenas um dia” ele nos levaria para a conclusão “a cidade não merece ser visitada”, pois, a depender do ponto de partida, não compensaria deslocar-se até ela. No entanto, o locutor conclui que “a cidade merece ser visitada” a partir dos argumentos iniciais de que “a cidade é linda e turística”. Ou seja, ainda que a permanência seja curta, o locutor afirma que compensa deslocar-se até a cidade, devido a sua beleza e atrativos turísticos.

Assim, o que observamos em (1) é que o argumento que levaria para a conclusão do “não merecimento” é na verdade uma ressalva que o locutor faz à sua recomendação, para alertar seu interlocutor sobre o que esperar dessa visita. Neste sentido, a argumentação aqui se sustenta não na ideia de que a qualidade turística de uma cidade é medida pelo tempo de

permanência que demanda a visita, mas sobre a qualidade dos atrativos turísticos e é esta ideia que sustenta o argumento para o merecimento da visita. Este movimento por si só já orientaria para esta conclusão, porém a incidência de *super* reforça o *merecimento* em uma escala extraordinária, reforçando assim a argumentação do locutor que ficou enfraquecida com a ressalva que fez. Vejamos outro exemplo do funcionamento de *super* como um MS incidindo sobre o verbo:

- (2) Enfim nem precisavam me dizer que tinha um quê de homenagem à Madonna neste clipe, **eu super lembrei** de Like a prayer quando vi. (Post “As músicas que mais ouvi em 2010”. Disponível em: <<http://blogdabarbrinha.wordpress.com/2010/12/18/as-musicas-que-eu-mais-ouvi-em-2010/>>. Acesso em: 02 fev. 2013).

(2') Eu lembrei de Like a prayer, *mas* eu super lembrei.

(2'') Eu lembrei de Like a prayer, *e inclusive* eu super lembrei.

Em (2) temos a incidência de *super* sobre o verbo *lembrar*, cujo potencial argumentativo pode ser desrealizado por *vagamente* ou realizado por *nitidamente*, em que no primeiro caso a lembrança pode não ser muito fiel ao fato lembrado, ao contrário do segundo caso. Ao modificar *lembrar*, *super* sobrerrealiza esta ação, intensificando-a em um grau extraordinário, produzindo assim efeitos na argumentação aqui construída.

Neste recorte observamos que a argumentação que leva para a conclusão de que “a homenagem do clipe à Madonna é evidente” é sustentada pelo argumento da semelhança entre este clipe e aquele da música da cantora *Like a prayer*. Como podemos observar, o que autoriza o argumento da semelhança é a intensificação da ação de lembrar, significando aqui “ser semelhante a”, uma vez que se a lembrança foi intensa é porque a semelhança entre os dois clipes é grande. Neste sentido, é a intensificação de *super* que autoriza o argumento da semelhança que direciona para a conclusão da evidência da homenagem, uma vez que, a omissão de *super* poderia direcionar a argumentação para outra conclusão. Por exemplo, na paráfrase *Eu lembrei de Like a Prayer quando vi o clipe*, observamos que sem a sobrerrealização de *lembrar*, a evidência parece não se justificar, já que o locutor poderia estabelecer a relação entre os dois clipes por outros motivos.

O funcionamento de *super* como um MS pode ocorrer não apenas com a incidência desta forma sobre sintagmas verbais simples, mas também sobre expressões fixas, como podemos observar nos recortes (3) e (4).

- (3) **Eu super fico com os dois pés** atrás quando querem cortar meu cabelo, mas dessa ultima vez eu que decidi, tbm o coitado estava todo estragado de milhões de coisas que fiz nele e deu "merda", dai cortei [...]. (Comentário ao post “Quem toma as decisões por você...”. Disponível em: <<http://www.maxibolsa.com.br/2011/03/quem-toma-as-decisoes-por-voce.html#axzz2a4LJFB2N>>. Acesso em: 02 fev. 2013).

(3') Eu fico com os dois pés atrás, *mas* eu super fico.

(3'') Eu fico com os dois pés atrás, *e inclusive* eu super fico.

Em (3) observamos que *super* está modificando toda uma expressão fixa do português “ficar com um pé atrás” equivalente ao verbo *desconfiar*. Na realidade, temos aqui uma forma alterada “ficar com os dois pés atrás” da expressão cristalizada “ficar com um pé atrás”. Ao observarmos esta expressão, percebemos que na expressão cristalizada temos uma argumentação no sentido de que a pessoa desconfia de algo/alguém, mas não totalmente, pois é como se um pé estivesse na “área da confiança” e o outro na “área da desconfiança”. Porém, quando há a troca de “um pé” por “os dois pés” produz-se um efeito de que a desconfiança se dá em um grau máximo, ou seja, o locutor mostra que desconfia totalmente, já que os dois pés estariam na “área da desconfiança” e assim não há nenhum movimento em direção à confiança.

Dessa forma, em (3) observamos que há um duplo movimento de intensificação, uma vez que a desconfiança é intensificada inicialmente pela alteração da expressão, e depois é intensificada ainda mais pela incidência de *super* sobre ela. Este é um dos exemplos que ilustra a crítica que fizemos anteriormente em relação a um dos testes propostos por García Negroni (1999), no qual o MS não poderia ser intensificado em um encadeamento introduzido por “e inclusive”, pois podemos pensar que a alteração da expressão “ficar com um pé atrás” para “ficar com os dois pés atrás” já a intensificaria em um grau extraordinário e, no entanto, ela é intensificada novamente pela incidência de *super*. Neste sentido, o enunciado (3'') não parece nos colocar problemas de interpretação,

mostrando assim que o grau máximo de uma escala não se define previamente no léxico, mas na enunciação, a partir da relação que se estabelece entre diferentes formas linguísticas no enunciado, bem como na relação que o locutor estabelece com ele.

Neste recorte, observamos ainda que a argumentação é construída da seguinte forma: a desconfiança intensificada seria argumento para a conclusão “não cortar o cabelo”, no entanto, mesmo intensificando a desconfiança, o locutor aponta para a conclusão “cortar o cabelo”. Acontece que o argumento para esta conclusão, não é a desconfiança, mas “o quanto o cabelo está danificado” que, por sua vez, é reforçado justamente pela intensificação da desconfiança em uma escala extraordinária. Neste sentido, a sobre-realização de “ficar com os dois pés atrás” dá a medida da força do argumento sobre “os danos do cabelo”, autorizando o argumento da necessidade de se cortar o cabelo e orientando a argumentação assim para a decisão de cortá-lo, justificando esta decisão.

(4) C. (27/06/2012; 16h): Linda! Eu falo que é só fuçar que a gente encontra coisas legais na Renner, C&A, etc... Bjos, C.

A. R. (27/06/2012, 16h45): É, nesse dia **eu super dei sorte**, era o único do meu tamanho, rsrs!! Beijos =). (Comentários ao post “Look do Dia: Leather and Max Colar!”. Disponível em: <<http://www.puroglamour.com/2012/06/look-do-dia-leather-and-max-colar.html>>. Acesso em: 28 jan. 2013).

(4') Eu dei sorte, *mas* super dei sorte. (dei sorte mesmo)

(4'') Eu dei sorte, *e inclusive* super dei sorte.

Em (4) observamos a incidência de *super* sobre outra expressão fixa do português “dar sorte de” que equivale a “ter sorte” e, neste caso, observamos que há mudança de significado do verbo, uma vez que *dar* deixa de ter o sentido de “oferecer algo” e passa a ter o sentido de “receber ou ter algo”. O que observamos é que a intensificação desta expressão se dá geralmente através da incidência de um modificador sobre o nome *sorte*, sendo frequente a expressão modificada “dei muita sorte de”, como podemos observar em: “De fato, tenho que concordar que eu realmente **dei muita sorte**”⁶². Por outro lado, a atenuação desta expressão pode se dar de duas formas, seja através da expressão correspondente à anterior “dar pouca sorte”, seja através da negação da expressão

⁶² Disponível em: <<http://todaconversada.blogspot.com.br/2013/09/eu-realmente-dei-sorte.html>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

intensificada “não dar muita sorte”, sendo que esta última parece ser mais frequente.⁶³ Podemos observar estas ocorrências nos seguintes exemplos: “Mas **dei pouca sorte**.”⁶⁴ e “Vou contar procêis que **não dei muita sorte** com a internet por aqui.”⁶⁵

Assim, observamos que é o nome *sorte* que costuma ser modificado, seja por *pouca*, seja por *muita*. Porém, a incidência de *super* antes de “dei sorte” faz com que toda a expressão seja intensificada e não apenas o nome *sorte*. Neste sentido, observamos que a incidência de *super* sobre esta expressão intensifica a experiência de “ter sorte” em um grau máximo e, ao fazê-lo, indica uma duplicidade desta experiência, pois já seria sorte encontrar a peça procurada e a sorte é dobrada, pois só havia uma peça do tamanho desejado e ela foi encontrada por essa pessoa. Ou seja, a intensificação em um grau máximo produzida por *super* reforça o argumento de “dar/ter sorte” que direciona para a conclusão de que “algo inesperado ou raro aconteceu”.

Até o momento apresentamos alguns casos em que podemos identificar facilmente o funcionamento de *super* como um MS que intensifica o verbo ou a expressão fixa em um grau extraordinário, produzindo assim efeitos na argumentação. A partir deste momento, apresentaremos alguns casos em que o teste proposto por García Negroni (1995, 1999) parece não funcionar, o que poderia nos colocar alguns problemas para caracterizar *super* como um MS, como podemos observar no recorte a seguir:

- (5) J. 30/01/2012 00:44:00: **Eu não super comprei** maquiagem porque, arrumando minha penteadeira por esses dias (depois ponho fotos) me liguei que acho que não preciso de mais absolutamente nada – tá, eu seique às vezes a gente compra porque curte e não porque precisa, só que eu tô meio nervosa com a zona da minha casa, sabem muita tranqueira e pouco lugar pra guardar? Acabei levando essas sombras só pela curiosidade e as outras coisinhas porque podem ficar no

⁶³ Para analisarmos essas diferentes modificações da expressão “dar sorte”, pesquisamos as suas diferentes ocorrências na página de blogs do Google, observando os cinquenta resultados mais relevantes para cada uma, a partir de três entradas: (1) *dei muita sorte*; (2) *dei pouca sorte* e (3) *não dei muita sorte*. Para (1) encontramos 20 ocorrências, enquanto para (2) encontramos apenas 4 ocorrências, sendo duas delas modificadas (“Dei tão pouca sorte com marido”; “Dei alguma pouca sorte”) e, por fim, para (3) encontramos 12 ocorrências. A expressão “pouca sorte” apareceu com mais frequência como objeto do verbo *ter* ou como complemento preposicionado (34 ocorrências).

⁶⁴ Disponível em: <<http://r2naestrada.blogspot.com.br/2009/02/garopaba-e-floripa.html>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

⁶⁵ Disponível em: <<http://www.radioactiveunicorns.com/2014/01/26/diario-de-viagem-berlim-dia-4/>>. Acesso em: 24 abr. 2014

banheiro e no criado mudo... e porque eram lindinhas e cheirosas também, hahaha... pô, Panvel, que tal filiais cá no Sudeste??? (Comentário ao post “Vem nimir, Panvel!”). Disponível em: <<http://www.vendenafarmacia.com/2012/01/vem-nimir-panvel.html>>. Acesso em: 31 jan. 2013).

A primeira observação que devemos fazer em relação ao recorte (5) diz respeito ao fato de que este é um caso particular em nosso corpus, uma vez que foi a única ocorrência que encontramos com a articulação da negação à forma *super*. Este caso, à primeira vista, poderia nos colocar um problema quanto à caracterização de *super* como um MS, visto que García Negroni (1995) aponta como um dos critérios de definição dessa classe a sua incompatibilidade com uma atribuição negativa, pois, segundo a autora, não seria possível sobrerealizar um predicado negado. No entanto, observando este recorte, percebemos que a negação não está incidindo exatamente sobre o predicado *comprar*, pois se assim fosse teríamos o enunciado “eu *super* não comprei”⁶⁶ e não “eu não *super* comprei”. Percebemos assim que há aqui uma diferença de escopo da negação, pois em (5) ela está incidindo sobre o bloco [*super* comprei], e não apenas sobre [comprei].

Esse tipo de ocorrência é previsto por García Negroni (1995) que, ao falar dessa incompatibilidade, mostra que ela se restringe ao que chama Ducrot (1987) de negação descritiva, já que diria respeito apenas à negação do predicado. Neste sentido, segundo a autora, a ocorrência de um MS em um enunciado contendo negação só seria possível em dois casos: em uma negação metalinguística em que se nega um ponto de vista que sobrerealiza um predicado e em uma negação com efeito irônico, em que o MS perde seu valor sobrerealizante. Podemos observar estas duas possibilidades de ocorrência através dos seguintes exemplos em que parafraseamos o recorte (5):

(5a) A: - Você *super* comprou maquiagem, hein?

B: - Não, eu não *super* comprei maquiagem, eu comprei apenas algumas sombras e outras coisinhas.

⁶⁶ Não marcamos este enunciado como estranho ou inaceitável, pois, de acordo com os resultados que encontramos na análise do capítulo 2, este seria um enunciado possível de ocorrer se *super* estivesse funcionando, neste caso, como um modalizador do enunciado, significando assim algo como “Com certeza eu não comprei”.

(5b) Ah eu não super comprei maquiagem, vai? Só algumas sombras e outras coisinhas lindinhas e cheirosas.⁶⁷

Dessa forma, para compreendermos a negação da sobre-realização produzida por *super* na sua articulação com o predicado *comprar* em (5), devemos observar a argumentação mobilizada pelo locutor neste recorte. Temos inicialmente um enunciador E₁ que afirma não ter comprado muita maquiagem porque não tem espaço para guardá-la, pois já tem bastante coisa, não havendo assim a necessidade de se comprar mais. Assim, a justificativa para se comprar pouco seria a falta de necessidade de mais maquiagem. Em seguida o locutor mobiliza um E₂, que se opõe ao argumento de E₁, dizendo que nem sempre se compra por necessidade, porque se pode comprar também por prazer, mostrando assim que conhece este argumento e que ele se oporia ao argumento expresso por E₁. Depois faz uma ressalva, mostrando que conhece este argumento, mas que no seu caso a compra não geraria prazer pelo fato de que ele já está nervoso pela falta de espaço. A apresentação desta oposição parece descrever o conflito enfrentado pelo locutor no momento da compra entre o seu desejo de comprar a maquiagem e a sua preocupação em comprá-la e criar um problema (em relação a onde guardá-la ou a aumentar a bagunça de suas coisas).

Diante deste conflito, o locutor afirma ter optado pela compra, justificando-a pelo argumento expresso por E₂ e pela atenuação do argumento expresso por E₁ ao mostrar uma solução ao problema que ele colocava (a falta de espaço). Neste sentido, observamos que a argumentação se dá neste recorte da seguinte forma: o locutor apresenta o argumento E₁ que nos levaria para a conclusão de que a compra não ocorreu, no entanto se assimila ao argumento trazido por E₂ nos levando para uma conclusão contrária, a de que a compra ocorreu. Assim, o locutor apresenta o conflito trazido pelos enunciadores E₁ e E₂, a fim de justificar a sua compra, procurando assim a adesão do interlocutor ao seu ponto de vista, especialmente através do emprego do diminutivo em “coisinhas lindinhas e cheirosas” e da

⁶⁷ O exemplo de García Negroni (1999, p. 15) é (16) “El éxito que tuvo no fue espectacular.”/(16’) “El éxito que tuvo estuvo lejos de ser espectacular”.

marca de risos que acompanha esta expressão, mostrando assim que o locutor está sendo irônico. Neste caso, o locutor reconhece a sua contradição, mas a expressa de modo irônico a fim de conquistar a aceitação da sua justificativa para a compra.

Esta conclusão poderia ainda nos levar a pensar que não apenas a compra ocorreu, como ela ocorreu em quantidade, já que o locutor enumera mais de um produto comprado “essas sombras e outras coisinhas”, empregando inclusive o plural, dando margem assim para a conclusão de que ele comprou muita maquiagem. No entanto, ao iniciar sua argumentação pelo enunciado “Eu não super comprei maquiagem”, o locutor marca de início a sua oposição à conclusão que se poderia ter da sua argumentação, que poderíamos chamar de C₁. Assim, podemos pensar que o locutor aqui nega o ponto de vista da compra em quantidade, afirmando desde o início que comprou, mas não em quantidade, antecipando-se assim a uma possível crítica. Seria algo como “Sim, eu comprei maquiagem, mas não comprei muito/mas comprei pouca coisa”.

Desta forma, observamos que em (5) a negação não incide exatamente sobre o predicado [*super comprei*], mas sobre a afirmação desta ação, ou seja, sobre o enunciado que afirma a compra em quantidade. Isso pode ser observado pela dificuldade que tivemos em construir o teste de identificação do MS, pois se o construíssemos tal como temos feito até aqui, teríamos os seguintes enunciados: “?Eu não comprei maquiagem, mas eu não super comprei” e “?Eu não comprei maquiagem, e inclusive eu não super comprei”. Nos dois casos teríamos um paradoxo entre *não ter comprado* e *ter comprado*, pois a intensificação de *comprar* pela incidência de *super* pressupõe que a compra aconteceu.

Considerando então que em (5) o escopo da negação não é o verbo *comprar*, mas o bloco [*super comprar*], tentamos inserir a negação apenas no segundo enunciado e assim teríamos: (5') *Eu comprei maquiagem, mas eu não super comprei* e #(5'') *Eu comprei maquiagem, e inclusive eu não super comprei*. O enunciado (5') parece funcionar bem, ao contrário de (5'') que parece não funcionar, o que acontece pela incompatibilidade do operador *e inclusive* com a negação. Tentamos assim trocar este operador por *e nem mesmo*, tal como faz Ducrot (1973)⁶⁸ na sua explicação sobre a negação, e assim teríamos:

⁶⁸ Na sua explicação sobre o funcionamento da negação, Ducrot estabelece um paralelismo entre os operadores “mesmo”, “até mesmo” e o operador “nem mesmo”, como observamos neste trecho: “Se aceito a

(5'') *Eu não super comprei maquiagem e nem mesmo/sequer(?) comprei alguma coisa.* Com esta substituição, conseguimos encontrar um enunciado compreensível, mas que, no entanto, expressa um sentido diferente daquele que aparece em (5) e em (5'), além de descaracterizar o teste para a identificação de um MS. Este é mais um fato que comprova que a negação em (5) recai sobre a enunciação e não sobre o predicado, sendo portanto possível a sua ocorrência com *super*. Este funcionamento fica claro no enunciado (5') em que temos a oposição entre dois enunciados através do “mas”, neste caso com valor opositivo (diferente do que ocorre nos testes de identificação do MS).

Assim, em relação ao recorte (5), podemos dizer que a incidência da negação não chega a descaracterizar o funcionamento de *super* como MS, uma vez que o que está sendo negado é justamente a enunciação de um predicado sobrerrealizado e, neste sentido, em “não super comprei”, *super* continua a funcionar como um MS de *comprar*. Podemos perceber isso através das paráfrases deste enunciado substituindo *super* por *muito*, em que teríamos “Eu não comprei muito” ou “Eu não comprei muita maquiagem” em que, novamente, não temos a negação da ação, mas de sua intensificação. A substituição de *super* por *muito* pode ser feita também nos recortes de (1) a (4):

- (1a) A cidade merece muito a visita.
- (2a) Eu lembrei muito de Like a Prayer.
- (3a) Eu fico muito com os dois pés atrás.
- (4a) Eu dei muita sorte de encontrar esse short.

Em todos estes casos, observamos que o modificador *muito* intensifica a ação expressa pelo verbo ou pela expressão fixa, tal como o faz *super* nas ocorrências originais. A diferença entre as duas formas diz respeito à força da intensificação que produzem, pois *super* intensifica estes predicados em um grau mais elevado do que o modificador *muito*, ou seja, *super* produz uma intensificação em um grau extraordinário, tal como afirma García Negroni (1995). Porém, nem sempre essa substituição é possível sem que se altere o sentido

hierarquia subjacente a *Ele tem o doutorado de terceiro ciclo e mesmo o doutorado de Estado*, devo aceitar dizer também – no caso em que reconheceria ter-me enganado sobre os fatos – *Ele não tem o doutorado de Estado e nem mesmo o terceiro ciclo.*” (DUCROT, 1973, p. 189).

do enunciado com a forma *super*, mostrando assim que esta forma não funciona sempre como um intensificador do predicado, podendo desempenhar diferentes funções. Assim, passamos a apresentar os casos em que *super* parece modificar não mais o predicado, mas o enunciado, ou o valor modalizador do verbo, começando pelo verbo *acertar*:

- (6) A única coisa que deu uma “corzinha” no visual dele foi o forro da jaqueta *super* despojada, outra coisa que **Pattinson acertou *super*** foi no: sapa tênis que está em tendência. (Post “Coluna Semanal – Tia Alice” de 22/07/2011. Disponível em: <<http://meninasvampiras.com/>>. Acesso em: 22 jul. 2011)

(6') Pattinson acertou, *mas* acertou *super*. (#?) (mas acertou *mesmo*)

(6'') Pattinson acertou, *e inclusive* acertou *super*. (acertou em cheio?)

Pensando no predicado *acertar*, ainda que ele expresse uma ação pontual, pode-se dizer que ele admite certa gradualidade, se pensarmos, por exemplo, que podemos dizer o enunciado “ele acertou raspando” que pode ser parafraseado por “ele quase não acertou” em oposição ao enunciado “ele acertou em cheio” em que o acerto não pode ser colocado em dúvida. Assim, a depender da modificação que incide sobre o verbo ele pode ter seu potencial argumentativo desrealizado (primeiro caso) ou reforçado (segundo caso), já que “acertar raspando” é acertar menos do que “acertar em cheio” e essas qualificações dizem respeito à precisão do acerto ou à aproximação da resposta esperada.

Neste sentido, observamos que a ação expressa por este predicado parece aceitar uma modificação quanto ao modo como ela ocorre, tal como acontece com *aceitar*, mas não em relação a sua intensidade. Podemos perceber isso pela articulação de *muito* a *acertar*, em que teríamos “Pattinson acertou muito”. Neste caso, parece-nos que *muito* está quantificando o que Pattinson acertou e não a intensidade deste acerto, privilegiando assim uma leitura quantificadora, ou ainda uma leitura iterativa de que o acerto ocorreu várias vezes, o que é típico dos predicados não durativos, conforme mostramos no capítulo anterior.

No entanto, a incidência de *super* sobre *acertar* nos mostra que a intensificação que ele produz diz respeito não à qualidade ou grau do acerto, mas à certeza de que o ator acertou. Ou seja, a incidência de *super* sobre *acertar* está marcando a posição do locutor sobre aquilo que enuncia, não deixando que pare dúvidas sobre o que ele afirma, seria algo

como “Pattinson acertou *com certeza* ao usar o sapatênis”. Assim, *super* aqui atua como um modalizador do enunciado, marcando-o como seguro/certo. Esta modalização por sua vez reforça o argumento do locutor, pois sem a presença de *super*, esta afirmação estaria enfraquecida, como podemos perceber em (6a) *Pattinson acertou ao usar uma jaqueta com forro colorido e o sapatênis que está em tendência*, em que a afirmação do acerto se mantém, mas não como uma certeza como em (6). Vejamos a seguir mais um exemplo deste funcionamento:

(7) L.P. 13 de janeiro de 2013 15:12

Ah menina eu vi aqui em BH, por 10 dilmas hahaha tava achando barato, mas gora que tu disse 5 dilmas **eu super tenho que ir** na 25 hahahahaha quero ir la com vc!!!! (Comentário ao post “Swatch Kit Sombra 3D Jasmyne”. Disponível em: <<http://www.brunapazini.com/2013/01/swatch-kit-sombra-3d-jasmyne.html>>. Acesso em: 01 fev. 2013).

(7') Eu tenho que ir, *mas* eu super tenho. (mas sem dúvida/com certeza)

(7'') Eu tenho que ir, *e inclusive* eu super tenho. (#?)

Em (7) observamos que *super* incide sobre a expressão *ter que*, equivalente ao verbo *dever*, cuja natureza é modal, ou seja, este verbo e sua expressão equivalente apontam para o modo da ação, para a obrigação de que ela aconteça, neste caso, a ação de ir até a 25 de março. Assim, neste recorte, *super* não está sobre-realizando a ação de *ir até a 25 de março*, pois quando a expressão “ter que ir” é modificada por um intensificador, como *muito*, por exemplo, temos como leitura privilegiada uma leitura iterativa, de repetição da ação de ir, o que não é o caso aqui.

Dessa forma, em (7) temos a modalização da ação de ir, expressa assim como um dever, uma obrigação. Poderíamos pensar que a incidência de *super* sobre a expressão modalizadora estaria intensificando o valor modalizador de obrigação expressa por “ter que”. No entanto, observando a paráfrase deste recorte sem a presença de *super*, percebemos que ele parece agir sobre outro elemento, uma vez que o valor modalizador de obrigação se mantém: (7a) *Eu vi em BH por 10 reais e estava achando barato, mas como você falou que aí na 25 de março custa apenas 5 reais, eu tenho que ir aí*.

Assim, observamos que, na verdade, ao invés de *super* reforçar o valor modalizador da obrigação, ele parece estar produzindo uma nova modalização, tendo como escopo todo o enunciado “tenho que ir na 25 de março”, pois ele parece marcar a enunciação da “obrigação de ir até a 25” como certa ou segura. Desse modo, mais do que reforçar o modalizador “ter que”, *super* produz uma nova modalização sobre o enunciado já modalizado, marcando-o como seguro, pois podemos compreendê-lo no recorte (7) como um equivalente aos modalizadores *sem dúvida* ou *com certeza*, por exemplo.

Além de funcionar como um elemento que modaliza o enunciado, *super* pode também modificar um enunciado já modalizado, reforçando a sua modalização, conforme podemos observar em (8):

- (8) **Eu super vi** que vc fugiu do buquê tá...hahaha Bjo vc tava linda de viver! (Comentário ao post “Meu Gordinho casou!”. Disponível em: <<http://www.2beauty.com.br/blog/2012/05/07/meu-gordinho-casou/>>. Acesso em: 29 jan. 2013).

(8’) Eu vi que você fugiu do buquê, *mas* eu super vi. (eu vi mesmo)
(8’’) #Eu vi que você fugiu do buquê, *e inclusive* eu super vi.

Este recorte nos dá um exemplo claro de ocorrência de *super* como um elemento que age sobre a modalização do enunciado e não sobre o predicado, uma vez que o verbo *ver* expressa uma ação pontual e, portanto, ao ser modificado por um intensificador, teríamos como leitura privilegiada uma leitura quantitativa ou iterativa.⁶⁹ Mais do que isso, o verbo *ver* é considerado como um marcador evidencial, pois ele nos mostra que a fonte da informação que o locutor enuncia é ele próprio, ou seja, o locutor não soube através de outras pessoas que a amiga fugiu do buquê, ele mesmo presenciou o fato, foi uma experiência do próprio locutor.

A evidencialidade diz respeito ao modo como a fonte da informação é marcada no enunciado pelo locutor, podendo ser, segundo Gonçalves (2003), *direta atestada* quando expressa por verbos sensoriais (*ver, ouvir*), *indireta referida* quando a fonte é de segunda

⁶⁹ Por exemplo, ao articularmos *muito* ao verbo *ver* dispara-se uma leitura iterativa, uma vez que “vi muito” é igual a “vi muitas vezes” ou ainda poderíamos ter uma leitura quantificadora em que *muito* quantifica aquilo que foi visto e não é este o sentido aqui posto. Esta é mais uma indicação de que *super* aqui funciona como um elemento modalizador.

ou terceira mão (*dizem que, me disseram que*) e *indireta inferida* a partir de eventos causativos ou de raciocínios. Ela tem relação direta com a modalidade epistêmica e, para o autor, esses dois elementos têm que ser analisados de forma relacionada, uma vez que a evidencialidade afeta diretamente o valor epistêmico de um enunciado modalizado. Podemos perceber esta relação no recorte (8), na medida em que ao marcar a fonte da informação como o próprio locutor, o verbo *ver* marca o enunciado como seguro e, neste sentido, ele atua aí como um modalizador epistêmico de certeza.

Dessa forma, podemos pensar no potencial argumentativo de *ver*, não em relação ao seu funcionamento como verbo pleno, mas em seu funcionamento como marcador evidencial, pois, neste caso, ele admite uma escalaridade. Se modificarmos o verbo *ver* com expressões como “claramente/nitidamente/de perto/com os próprios olhos”, poderemos pensar que estas expressões realizam o potencial argumentativo de *ver* e seriam assim seus MRs, pois nos levam para a conclusão de que o locutor tem certeza daquilo que viu. Mas quando este verbo é modificado por “rápido/rapidamente”, por exemplo, ele pode ter seu valor evidencial enfraquecido, pois pode nos levar para a conclusão de que o locutor não tem certeza daquilo que conta que viu, pois não pôde ver com cuidado. Neste sentido, ainda que o verbo *ver* seja considerado como um marcador evidencial que modaliza o enunciado em direção à certeza, ele pode ter este valor enfraquecido por um MD como *rápido* que coloca em dúvida aquilo que o locutor diz ter visto ou ainda realizado pelo MR *claramente*, que reforça a certeza daquilo que o locutor diz ter visto.

Sendo assim, o verbo *ver* por si só já tem um efeito modalizador, pois ao marcar o locutor como a fonte da informação, marca também seu enunciado como seguro. O papel de *super* neste caso é o de reforçar este valor modalizador, intensificando assim a *afirmação que faz o locutor sobre aquilo que viu* e não sobre o *quanto viu*. A incidência de *super* sobre o verbo não dá margem para que se questione se a fuga foi vista pelo locutor ou não. Poderíamos parafrasear este recorte como em (8a) *Não adianta você dizer que não fugiu do buquê porque eu **super vi** você fugindo tá?* ou ainda como em (8b) *Eu **vi com meus próprios olhos** você fugindo do buquê, tá?*. Neste sentido, *super* sobrerrealiza a modalização epistêmica de certeza produzida por *ver*, elevando-a em um grau máximo.

Vejamos a seguir mais dois exemplos em que *super* modifica a modalização, agora com o verbo *achar*:

- (9) Desde o momento que dissesstes que foi demitida e que estava triste, **eu super achei** que tinha um dedinho de Deus para que você pudesse aproveitar suas qualidades e o sucesso que Deus designou para você. (Trecho de comentário ao post “Novo layout (e funcionalidades)”. Disponível em: <<http://www.2beauty.com.br/blog/2013/01/07/novo-layout-e-funcionalidades/>>. Acesso em 29 jan. 2013).

(9’) Eu achei que tinha um dedinho de Deus aí, *mas* eu super achei.

(9’’) Eu achei que tinha um dedinho de Deus aí, *e inclusive* eu super achei. (#?)

- (10) E você acha que foi um esbarrão do destino? **Eu super acho**, e se eu não tivesse esbarrado com ele, eu não ia observá-lo, admirá-lo e o encontrado de maneira repentina, onde os olhinhos passaram a brilhar e não quiseram parar de brilhar até hoje. (Post “Quem é esse?”. Disponível em: <<http://achadoseperdidos.blogspot.com.br/2013/01/quem-e-esse.html>>. Acesso em: 31 jan. 2013).

(10’) Eu acho que foi um esbarrão do destino, *mas* eu super acho.

(10’’) Eu acho que foi um esbarrão do destino, *e inclusive* eu super acho.

Antes de analisarmos estes recortes, iremos apresentar brevemente como o verbo *achar* tem sido tratado pelos estudos gramaticais. Galvão (1999) se propõe a estudar o funcionamento do verbo *achar* no português brasileiro sob a perspectiva da gramaticalização. A autora propõe em sua análise quatro variantes do verbo *achar*: achar1 (encontrar, descobrir), achar2 (apreciação), achar3 (palpite) e achar4 (dúvida). Ela mostra que o verbo *achar* sofre um processo de gramaticalização ao longo da história da língua: o verbo achar1 ainda conserva seu caráter de verbo pleno, enquanto os outros perdem essa característica, sendo que o verbo achar4 apresenta funcionamento similar ao do advérbio, podendo ocorrer livremente na sintaxe da sentença, sendo assim, para a autora, o ponto de culminação da gramaticalização deste verbo.

Para analisarmos os recortes acima, interessa-nos aqui o funcionamento dos verbos achar2 e achar3, pois, segundo a autora, eles funcionam como verbos modalizadores, ainda que em níveis diferentes. Para fazer sua caracterização, a autora se baseia no trabalho de

Vogt e Figueira (1989)⁷⁰, emprestando deles inclusive os termos *apreciação* e *palpite* para caracterizar esses dois funcionamentos do verbo *achar*. Segundo a autora, Vogt e Figueira (1989) determinam como critério de diferença entre estes dois funcionamentos as noções de posto e pressuposto. Em relação ao verbo *achar* (=apreciação) o pressuposto é de que o falante sabe/tem conhecimento sobre o que fala e o posto é a opinião/o julgamento seguro sobre o tema, enquanto para o verbo *achar* (=palpite) o pressuposto é de que o falante não sabe/não conhece o assunto sobre o qual fala e o posto é uma opinião no nível do provável/da incerteza.

A partir da caracterização feita por Vogt e Figueira (1989) e através de alguns critérios propostos por Galvão (1999), a autora diferencia estes dois funcionamentos, considerando os dois verbos como verbos distintos. O verbo *achar2* (apreciação) funcionaria no nível da predicação, em que o falante qualifica um estado de coisas, funcionando como uma modalização epistêmica de certeza e sendo enquadrado como um verbo performativo, semelhante ao verbo *afirmar*, sendo assim considerado por Galvão (1999) um *verbo performativo-modalizador epistêmico*. Já o verbo *achar3* (palpite) funcionaria no nível da proposição, em que o falante qualifica o conteúdo daquilo que enuncia sinalizando falta de certeza sobre este conteúdo, cujo sinônimo poderia ser o verbo *supor*, sendo também tratado como um verbo modalizador. Neste sentido, os dois verbos funcionariam como um verbo modalizador epistêmico, porém o primeiro em direção à certeza e o segundo em direção ao provável.

Fizemos esta breve descrição, pois, é certo que em (9) e (10) *achar* não funciona como *achar1* com o sentido de *encontrar*, nem como *achar4* como um elemento solto no enunciado. Nos dois casos, ele está articulado à oração relativa introduzida por *que*⁷¹ e esta articulação pode ocorrer tanto no funcionamento de *achar2* quanto no funcionamento de *achar3*. Para resolver este impasse nos baseamos na caracterização proposta por Galvão

⁷⁰ Cf. VOGT, C.A. e FIGUEIRA, R.A. **Dois verbos *achar* em português?**. In: VOGT, C.A. *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1989. P. 165-210.

⁷¹ A articulação [achar + que] é tratada como um marcador de opinião e, neste sentido, pode ser tratado também como um marcador evidencial, na medida em que explicita a fonte do dizer. Tanto em (9), como em (10) observamos que ela introduz a opinião do locutor, mas como veremos na análise, a enunciação dessa opinião se dá de maneira diferente.

(1999) e na relação entre posto e pressuposto que esta autora apresenta a partir do trabalho de Vogt e Figueira (1989).

Em (9) podemos dizer que o verbo *achar* funciona como *achar*₃ (palpite), na medida em que não está pressuposto que o locutor conheça os desdobramentos que teria a demissão da amiga, então o que ele poderia fazer é supor, ter um palpite sobre o resultado da demissão. Se observarmos que este enunciado aparece em um comentário feito ao post que fala da demissão e de uma nova oportunidade para a pessoa que foi demitida (o trabalho com o blog), esta suposição é trazida à tona, porém agora não como algo provável, mas como uma realidade, algo certo/seguro e esta segurança é dada pela incidência de *super* sobre *achar*. Ao sobrerealizar a suposição expressa por *achar*, *super* inverte o valor modalizador deste verbo do possível para o seguro, reforçando assim a sua argumentação que como palpite estaria enfraquecida. *Achar* deixa de funcionar com o sentido de *palpite* para funcionar com o sentido de *apreciação*, de afirmação asseverativa. Assim, observamos que *super* funciona aqui como um elemento que inverte a modalização da enunciação da suposição para a afirmação segura.

Já em (10) podemos dizer que *achar* funciona como *achar*₃, pois conseguimos perceber que existe o pressuposto de que o locutor conhece o assunto sobre o qual ele irá opinar que é o da natureza dos encontros amorosos, determinada por um histórico de enunciações que discutem se estes encontros seriam fruto do acaso ou obra do destino. O locutor traz esse pressuposto na pergunta “E você acha que foi um esbarrão do destino?” para respondê-la em seguida. A incidência de *super* sobre *achar* reforça a apreciação que faz o locutor em relação ao seu encontro amoroso especificamente, intensificando a modalização com valor de certeza expressa pelo verbo *achar*, reforçando assim a sua enunciação como certa/segura.

Nestes dois casos, observamos que *super* não está incidindo mais sobre a predicação e sim sobre a modalização do enunciado expressa pelo verbo *achar*, tal como observamos em (8). Até aqui foi possível observar três funcionamentos possíveis para as ocorrências de *super* como forma livre: como um MS do predicado sobre o qual incide, como um modalizador do enunciado e como um modificador da modalização produzida pelo verbo. Uma observação a se fazer em relação aos recortes analisados até aqui diz respeito ao

funcionamento do teste do MS de García Negroni (1999), pois observamos que nos casos em que *super* não está agindo sobre o predicado o teste parece não funcionar completamente, já que em todos estes casos ao menos um dos encadeamentos do teste parece ser inaceitável ou estranho, o que nos mostra que nestes casos o funcionamento de *super* não se restringe ao âmbito da predicação. Além dos funcionamentos elencados acima, encontramos ainda a ocorrência de *super* incidindo sobre verbos performativos. É o que passamos a apresentar a seguir.

Como mencionamos no capítulo 2, o conceito de performatividade é introduzido nos estudos linguísticos a partir do trabalho de Austin (1990), no qual este autor faz uma crítica ao tratamento que os estudos semânticos vinham dando aos enunciados, tratando-os como declarações determinadas por uma relação de verdade-falsidade em relação ao que descrevem. Mostrando que há enunciados na língua que não se comportam dessa forma, Austin (1990) estabelece uma distinção entre enunciados constataivos e enunciados performativos: os primeiros corresponderiam às constatações sobre o mundo, enquanto os segundos realizariam ações.⁷²

Essa distinção decorre da observação de Austin (1990) de que há certas ações que só podem se realizar através do proferimento de enunciados específicos. Um dos exemplos dados pelo autor é a realização do casamento que só se concretiza quando o padre ou o juiz (investidos de autoridade para este ato) diz o enunciado “eu vos declaro marido e mulher”. Dessa forma, Austin (1990) afirma que não seria possível analisar esse tipo de enunciado quanto à sua veracidade ou falsidade, uma vez que ele não está descrevendo realidade alguma, e sim realizando uma ação. Neste sentido, os performativos seriam regidos não mais por uma relação de verdade, mas por critérios de felicidade que determinam o sucesso ou não do proferimento. As condições de felicidade dizem respeito a certas condições

⁷² García Negroni e Tordesilhas afirmam que após desenvolver seu estudo sobre os atos de fala, Austin desfaz essa dicotomia, tratando-a de modo diferente: “Chegado a este ponto de raciocínio, Austin decide abandonar a dicotomia entre enunciados constataivos e enunciados performativos para postular, em seu lugar, uma teoria geral dos atos de fala. Austin defenderá assim a hipótese de que, do mesmo modo que dizer “Te prometo que virei” constitui um ato (i.e., uma promessa), dizer “Vim ontem à noite” também é fazer algo (i.e., uma afirmação). Segundo esta tese de Austin, em todo enunciado é possível então reconhecer duas dimensões intimamente ligadas: uma dimensão constativa (o fato de representar algo distinto de si mesmo) e uma dimensão performativa (o fato de apresentar-se como um determinado ato).” (GARCÍA NEGRONI e TORDESILHAS, 2001, p. 124). Tradução nossa.

necessárias para que o ato se realize. Por exemplo, no caso do casamento, é necessário que a pessoa que diz o enunciado acima tenha autoridade para tal, pois, caso contrário, o ato não será realizado com sucesso.

Assim, os enunciados performativos, enquanto instrumentos de ação através da língua, são caracterizados por Austin como atos. O autor procura diferenciar estes atos de outros que envolvem a linguagem, estabelecendo assim três tipos de atos possíveis: o ato locucional, o ato perlocucional e o ato ilocucional. O primeiro diz respeito às ações realizadas no ato de falar que envolvem a produção de certos sons em uma gramática específica e que produz determinada significação. Já o ato perlocucional diz respeito ao ato de fala que implica um efeito que seria consequência da significação do enunciado. Por fim, o ato ilocucional diz respeito a dizer algo para realizar uma ação, sendo que este dizer tem como efeito a criação de um compromisso. A diferença entre os atos perlocucional e o ilocucional é que este é convencional, enquanto aquele não é, por isso, ele não pode ser analisado linguisticamente, ao contrário do ato ilocucional (Cf. GUIMARÃES, 2010).

Uma das maneiras de se compreender o funcionamento do ato ilocucional é através da observação de sua força ilocucionária que diz respeito à força com a qual o ato ilocucional é realizado, ou seja, a força com qual se dá o proferimento performativo. Após caracterizar a performatividade na língua e discorrer sobre os atos ilocucionais, Austin (1990) apresenta uma lista de verbos performativos de acordo com a sua força ilocucionária, dividindo-os em cinco tipos:

- a) Veriditivos: caracterizam-se por dar um veredito, mas podem também fazer uma estimativa ou cálculo sobre um fato ou valor. Ex: *absolver, condenar, estimar, avaliar, etc.*
- b) Exercitivos: realizam o exercício de poderes, direitos ou influências. Ex: *designar, votar, ordenar, aconselhar, avisar, etc.*
- c) Comissivos: caracterizam-se por estabelecer uma promessa, o comprometimento com algo ou ainda declarar intenções ou adesão. Ex: *prometo, pretendo, planejo, farei X, garanto, etc.*

- d) Comportamentais: expressam comportamentos e atitudes sociais. Ex: *pedir desculpas, elogiar, parabenizar, maldizer*, etc.
- e) Expositivos: esclarecem como um proferimento se encaixa no curso de uma argumentação. Ex: *contesto, argumento, suponho*, etc.
- (AUSTIN, 1990, p. 123-124)

No nosso corpus encontramos principalmente duas classes de performativos: os exercitivos e os comissivos. Entre os primeiros encontramos os predicados *votar, falar sim, recomendar* e *indicar*, entre os segundos encontramos o verbo *apoiar*, além das perífrases de futuro que funcionam como a declaração de uma intenção ou como uma promessa, e que aparecem em nosso corpus com os verbos *fazer* e *comprar*.⁷³ Começaremos pelos exercitivos *votar* e em seguida *falar sim*:

(11) Nossa isso seria uma "mão-na-roda". **Eu super voto sim**, pois já me aconteceu casos em que a assinatura ficou pela metade... (02/07/2011. Comentário ao Fórum de discussão “Aumentar caracteres na assinatura”. Disponível em: <<http://ajuda.forumeiros.com/forum>>. Acesso em: 27 jul. 2011).

(11') Eu voto sim, *mas* super voto. (#?/voto mesmo?)

(11'') Eu voto sim, *e inclusive* super voto. (#?)

Como podemos observar em (11), *super* está incidindo sobre um verbo que em princípio não admitiria uma escalaridade, uma vez que *votar* refere-se a uma ação pontual e, como já mostramos aqui, os predicados pontuais ao receberem um intensificador privilegiam uma interpretação iterativa, como podemos perceber nas seguintes paráfrases: *Eu voto muito na esquerda* (muitas vezes/eleições); *Eu voto pouco na esquerda* (poucas vezes/eleições) e *Eu super voto na esquerda* (todas as vezes ou a maioria delas/das eleições).

Porém, neste caso, *super* não está se referindo à quantidade de vezes que o locutor vota ou votou *sim*, mas intensificando a força ilocucionária com a qual o locutor enuncia seu voto, ou seja, a força com a qual ele realiza a ação de votar. Podemos perceber esse

⁷³ Não analisaremos neste momento os verbos *recomendar, indicar* e *apoiar*, analisados no capítulo 2.

funcionamento comparando o enunciado (11) com a sua paráfrase sem a incidência de *super* em (11a) *Eu voto sim, pois essa medida facilitaria muito, uma vez que já aconteceu algumas vezes comigo da assinatura ficar pela metade*. Assim, sem a incidência de *super*, a ação de votar se realiza através de sua enunciação, porém com uma força menor do que a sua realização modificada por *super*.

Podemos pensar também que ao intensificar a força ilocucionária do enunciado performativo, *super* reforça a posição do locutor no debate que se dá neste fórum, de modo que o voto a favor não possa ser colocado em dúvida. Neste sentido, poderíamos dizer que *super* pode estar também modalizando a enunciação do voto como segura, em que teríamos algo como (11b) “Eu voto sim *mesmo/sem dúvida/com certeza*, pois isso facilitaria muito, já que fiquei várias vezes com a assinatura pela metade”. Vejamos a seguir mais um exemplo em que *super* incide sobre a força ilocucionária de um performativo exercitativo:

(12) Mas voltando, fiquei *super* honrada com o contato e no primeiro momento **eu super falei SIM**, mas depois pensando, juro que fiquei insegura, sabe, uma revista de um peso maior do que o boca-a-boca que tenho vivido ou até indicações desses *super* sites, sabe papel me impressiona. (Post “o primeiro anúncio em revista a gente nunca esquece”. Disponível em: <<http://dianabenchmark.com/2012/10/06/o-primeiro-anuncio-em-revista-a-gente-nunca-esquece-%E2%99%A5/>>. Acesso em 31 jan. 2013).

(12') Eu falei sim, *mas* *super* falei sim.

(12'') #Eu falei sim, *e inclusive* *super* falei sim.

Em (12) a intensificação produzida por *super* está incidindo não sobre o verbo *falar*, mas sobre todo o bloco [falar sim], que pode ser considerado como equivalente ao verbo *aceitar* (como mostramos no capítulo 2). Neste recorte, observamos que *super* está intensificando a ação de falar sim que, neste caso, pode ser tomada como um ato ilocucional, na medida em que a aceitação do convite só se realiza através da enunciação da aceitação. Assim, em (12) *super* expressa o entusiasmo da aceitação do convite, reforçando a enunciação do locutor e intensificando, portanto, a força ilocucionária com a qual o ato de aceitar o convite é realizado.⁷⁴

⁷⁴ Neste enunciado é possível observar a diferença deste funcionamento de *super* como modalizador de seu funcionamento como intensificador, pois há a ocorrência de *super* articulado à *honrada* e também a *sites*,

Porém, assim como em (11), podemos pensar que também em (12) *super* está modalizando o enunciado performativo, no sentido de caracterizá-lo como uma afirmação segura, como uma ação que foi realizada com certeza ou firmeza. Isso pode ser observado pela argumentação presente neste recorte, pois a segurança expressa no enunciado inicial é desconstruída pela insegurança que o locutor demonstra após ter aceito o convite, através de um enunciado que nos leva para uma conclusão contrária introduzido por *mas*. Nele, o locutor afirma sua insegurança e a justifica ao enumerar a importância das revistas e dos sites especializados (determinados por “papel me impressiona”) em oposição à sua pouca experiência (determinada por “boca-a-boca”).

Assim, a argumentação se constrói da seguinte forma: a intensificação produzida por *super* sobre a enunciação da aceitação do convite nos leva para a conclusão de que o locutor está seguro e em seguida, o locutor afirma que depois ficou inseguro pela sua pouca experiência, levando-nos a uma conclusão contrária, o que poderia ser parafraseado por (12a) *Eu falei sim, mas depois fiquei insegura, pois não tenho a mesma experiência que a revista e sites especializados.*

Neste sentido, ao intensificar sua enunciação através da incidência de *super*, o locutor marca sua presença fortemente no enunciado e mostra o conflito entre segurança e insegurança, que não estaria marcado se a forma *super* não estivesse aí presente, já que é ela que nos leva para a conclusão da segurança. Por fim, observaremos dois casos em que *super* modifica performativos comissivos:

(13) R.L. 17 de outubro de 2012 11:05: ADOREI receita :] **super vou tentar fazer!** (Comentário ao post “[RECEITA] SMOOTHIE DE KIWI E BANANA“. Disponível em: <<http://www.two-bee.com/2012/10/receita-smoothie-de-kiwi-e-banana.html>>. Acesso em: 30 jan. 2013).

(13’) Vou tentar fazer a receita, *mas* super vou tentar.

(13’’) #Vou tentar fazer a receita, *e inclusive* super vou tentar.

sendo que no primeiro caso há a intensificação em um grau máximo do estado do falante ao receber o convite e no segundo a sobre-realização do nome *sites* que diz respeito não ao seu tamanho (como em *supermercado*, por exemplo), mas à sua importância no ramo. Assim, podemos observar que nestes dois casos, *super* está intensificando a predicação, enquanto em *super falei sim* ele intensifica a enunciação.

(14) A.D. 12 de outubro de 2011 20:51

Nossa adorei os lápis quero agoraaa djá!

E olha que coisa, amanhã jah tem um post programado do blog com olhos de gatinho colorido, esses lápis que você mostrou são perfeitos, **super vou comprar!** (Comentário ao post “Kit de 12 mini-lápis de olho”. Disponível em: <<http://www.horadamake.com/2011/10/kit-de-12-mini-lapis-de-olho.html>>.

Acesso em: 31 jan. 2013).

(14’) Eu vou comprar esses lápis, *mas* eu super vou comprar.

(14’’) #Eu vou comprar esses lápis, *e inclusive* eu super vou comprar.

Em (13) observamos que *super* incide sobre a perífrase verbal *vou tentar fazer* que não se trata apenas de uma declaração, mas sim de um ato ilocucional, tal como descrevemos acima. Ou seja, ao enunciar esta perífrase o locutor realiza a ação de declarar sua intenção em fazer algo, de modo similar a uma promessa. Para mostrarmos o funcionamento de *super* neste enunciado, podemos desmembrá-lo em algumas paráfrases, pois para realizar a mesma ação, o locutor poderia dizer apenas “vou fazer” ou “vou tentar fazer”. Observamos que ao parafrasearmos o enunciado que declara a intenção de se fazer a receita não temos diferença em relação ao sentido que ela enuncia, mas observamos diferença na força ilocucionária dessa declaração, ou seja, no modo como o locutor se engaja em relação ao seu enunciado.

Neste sentido, observamos uma gradação em relação ao modo como a promessa é enunciada, pois temos “vou tentar fazer” com força ilocucionária mais fraca pela incidência do verbo *tentar* sobre *fazer* que atenua o engajamento do locutor e “vou fazer” que, sem essa atenuação mostra uma força ilocucionária maior. A incidência de *super* sobre “vou tentar fazer” eleva a força ilocucionária do enunciado, anulando o efeito atenuante de *tentar*, pois ao sobre-realizá-la demonstra o engajamento do locutor com sua intenção como um engajamento máximo. Ao sobre-realizar seu engajamento, o locutor não permite que o interlocutor tenha dúvidas de que ele pretende cumprir sua intenção de fazer a receita.

Assim, é a forma *super* que reforça o compromisso do locutor com a declaração de sua intenção, através do aumento da força ilocucionária com a qual ele a enuncia. Mais uma vez, podemos afirmar que a intensificação da força ilocucionária nos leva a dizer que *super* marca também aí a segurança do locutor em relação ao que afirma, como podemos perceber na paráfrase (13b) “*Com certeza* eu vou tentar fazer”. Cabe ainda destacar que, mesmo

funcionando como um intensificador da força ilocucionária ou como um modalizador, a forma *super* articulada a esta perífrase pode nos levar a uma ideia de iteratividade, ou seja, da repetição da ação prometida, o que reforça a possibilidade da promessa ser cumprida.

Em (14) também observamos um reforço da enunciação do locutor e não da predicação, já que o modificador de intensidade ao incidir sobre o verbo *comprar* dispara uma leitura de que se compra em quantidade, como se *comprar intensamente* fosse equivalente a *comprar muito*. Neste caso, percebemos através da paráfrase (14a) *Eu vou comprar esses lápis porque eles são perfeitos* que a omissão da forma *super* produz um enfraquecimento da força com a qual a intenção do locutor é enunciada, atenuando assim seu engajamento com o que enuncia. No entanto, *super*, ao incidir sobre a perífrase de futuro *vou comprar*, reforça a declaração da intenção, deixando-a mais próxima de uma promessa, alterando assim a sua força ilocucionária. Aqui também podemos interpretar a presença de *super* como um elemento que modaliza o enunciado como certo ou seguro, o que por sua vez também reforça o compromisso do locutor com aquilo que enuncia.

Observando então os recortes de (11) a (14) percebemos que *super* não está funcionando como um MS do predicado, mas como um modificador da força ilocucionária de enunciados performativos, intensificando-a em um grau extraordinário, o que pode ser observado pelo fato de que também nestes casos, o teste dos encadeamentos com *mas* e *e inclusive* não funcionam perfeitamente. Outra questão que observamos é que ao incidir sobre a força ilocucionária de um enunciado, *super* parece também modalizá-lo, pois o reforço do engajamento do locutor tem também como efeito a apresentação de seu enunciado como uma certeza, mostrando assim como a modalização e a performatividade da língua estão altamente imbrincadas, uma vez que ambas dizem respeito à relação do locutor com seu enunciado, sendo determinadas, portanto, pelo acontecimento da enunciação.

Dessa forma, a partir da análise apresentada aqui podemos dizer que nossa ideia inicial de que *super* seria um MS do predicado e, conseqüentemente, um modificador argumentativo do verbo se mostrou insuficiente, pois não conseguiríamos explicar a pluralidade de funcionamentos que encontramos para esta forma se trabalhássemos apenas com este conceito. Na verdade, nossa análise mostrou que mais do que um modificador

restrito à predicação, *super* é uma forma que constitui uma marca fundamental da relação do locutor com seu enunciado, mostrando-se assim bastante produtiva na língua, principalmente no âmbito da enunciação.

Neste sentido, considerando as questões apresentadas até aqui, podemos tratar a forma *super* como um modo de enunciação e que, enquanto tal, parece funcionar pelo procedimento da articulação, tal como é definido por Guimarães (2009). Segundo o autor, a articulação (juntamente com a reescrituração) constitui um procedimento enunciativo pelo qual se produz sentido na enunciação, através de uma relação de contiguidade entre elementos linguísticos (articulação por dependência), mas também por uma relação do Locutor com seu enunciado (articulação por incidência). Assim, segundo o autor: “na articulação por incidência o acontecimento [enunciativo] especifica uma operação pela qual o Locutor relaciona sua enunciação com o enunciado” (GUIMARÃES, 2009, p. 51). Dessa forma, podemos compreender o funcionamento de *super* como forma livre como um elemento que funciona na enunciação pelo procedimento da articulação por incidência, uma vez que, como foi possível observar, ele se constitui como uma marca através da qual o locutor se representa no enunciado, seja através da sua modalização ou da sua realização performativa.

A partir deste resultado, nos propusemos a pensar um pouco mais sobre o funcionamento enunciativo dessa forma, ou seja, sobre as determinações enunciativas que a caracterizam. Assim, considerando os resultados que encontramos em nossas análises, bem como a forte característica de nosso corpus (formado majoritariamente de enunciados encontrados em blogs com temas caracterizados genericamente como femininos), colocou-se como uma questão a este trabalho a observação das relações de gênero como uma determinação relevante do funcionamento de *super* como forma livre. Ou seja, nos questionamos se, enquanto um modo de enunciação, *super* poderia ser determinado pelas relações de gênero, funcionando como uma marca típica de um modo de dizer feminino. É esta questão que desenvolveremos a seguir a partir dos conceitos trabalhados pela Semântica do Acontecimento.

CAPÍTULO 4 - O FUNCIONAMENTO DE *SUPER* E SUA RELAÇÃO COM UM MODO DE DIZER FEMININO

Neste capítulo, procuramos desenvolver uma questão apontada na introdução deste trabalho: o fato de termos encontrado a grande maioria dos nossos dados em blogs que falam de moda e beleza, marcados por uma autoria feminina. Este fato nos levou a pensar na possibilidade de a forma *super* estar funcionando como um marcador discursivo de gênero, constituindo assim uma das marcas linguísticas capazes de nos mostrar a divisão que se observa no espaço de enunciação entre modos de dizer masculinos e femininos.

Neste sentido, procuramos descrever como se caracteriza o espaço enunciativo no qual encontramos as ocorrências de *super* que constituem o nosso corpus, a fim de compreendermos em que medida podemos considerar esta forma como uma das marcas capazes de nos mostrar como o locutor se representa na enunciação. Para isso, procuramos analisar alguns recortes dos textos que constituem o perfil dos blogueiros e de quem escreve os comentários aos posts nestes blogs, tratando-os como constituintes de um espaço de enunciação específico em que há modos de dizer característicos e determinantes deste espaço.

Neste sentido, pensamos a blogosfera (o espaço da rede em que circulam os diferentes blogs) como um espaço de enunciação, no qual percebemos uma divisão do direito ao dizer, bem como a divisão do locutor na enunciação, através do lugar social do qual enuncia e dos diferentes enunciadores. Para fazermos esta análise nos fundamentamos na Semântica do Acontecimento, como é proposta por Guimarães (2005), trabalhando especificamente com os conceitos de *espaço de enunciação* e de *cena enunciativa*. Retomamos a seguir estes conceitos para depois caracterizarmos o espaço com o qual estamos trabalhando: a blogosfera.

1. A blogosfera como um espaço de enunciação

Antes de justificarmos porque tratamos a blogosfera como um espaço enunciativo, pretendemos mostrar como este conceito é definido por Guimarães (2005) e como ele pode nos ajudar a compreender a divisão de gênero que se faz neste espaço, além de possibilitar a descrição das características que fazem dele um espaço enunciativo particular. Segundo Guimarães (2005), o conceito de espaço de enunciação não diz respeito ao que se poderia pensar inicialmente como uma relação empírica entre um espaço geográfico e a língua que é falada neste espaço. Não podemos caracterizar o espaço de enunciação brasileiro, por exemplo, simplesmente porque nele se fala a língua portuguesa, até porque, como mostra o autor, ainda que o português seja a língua predominante ela convive neste espaço com outras línguas como o inglês, algumas línguas indígenas e as línguas dos imigrantes europeus e orientais.

Assim, Guimarães (2005) define o espaço de enunciação como *um espaço de disputa pela palavra* em que as línguas funcionam e se relacionam, transformando-se e dividindo-se. Essa disputa também se dá entre os falantes que habitam o espaço de enunciação, pois, tal como as línguas, eles também são determinados por uma relação de conflito, pois eles são divididos neste espaço pelos direitos que têm ao dizer e aos modos de dizer. Ou seja, para Guimarães (2005) o espaço de enunciação é determinado pela divisão e pela disputa, uma vez que o direito à palavra não se distribui igualmente aos falantes. Um exemplo dado pelo autor é o fato de que certas variantes regionais do português que são desprestigiadas (como o sotaque “caipira” de um piracicabano, por exemplo) não podem ser utilizadas por um locutor jornalista ao apresentar o jornal. Ou ainda, um falante não pode falar como se fosse presidente, decretando uma lei, por exemplo, se ele não ocupa este lugar social.

Esta relação de conflito, de disputa pelo dizer que caracteriza o espaço de enunciação é determinada pelo *político* definido pelo autor como “um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento” (GUIMARÃES, 2005, p. 17). O político é um conceito fundamental para a caracterização do espaço de enunciação, pois, segundo o autor, ele é o fundamento das

relações sociais e nestas relações a linguagem ocupa um papel central, uma vez que é através dela que podemos perceber a divisão produzida politicamente na enunciação. Esta divisão, por sua vez, é constituída por uma hierarquia de identidades que divide os falantes e distribui o direito ao dizer, configurando assim processos de identificação distintos dos falantes para com a língua.

Neste sentido, o falante é tratado pelo autor como uma *figura política* que está em relação com a língua que fala e com os demais falantes desta língua. O falante enquanto figura política se divide na enunciação, ou no que chama o autor de *cena enunciativa*. Na cena enunciativa o falante se divide em um *Locutor* (L) que se representa como aquele que assume a responsabilidade pelo dizer e um lugar social a partir do qual enuncia, representado pelo *locutor-x* (l-x, sendo x a variável do lugar social), pois ele só pode dizer na medida em que é autorizado a falar deste lugar social e não de outro. A cena se divide ainda pelos *lugares de dizer*, que Guimarães (2005) chama de *enunciadores*. Estes se apresentam como a representação do apagamento do lugar social de locutor, como se estivessem fora da história (*enunciador-universal*) ou como se fossem independentes dela (*enunciador-individual*, *enunciador-genérico*, *enunciador-coletivo*).

A cena enunciativa se realiza no *acontecimento enunciativo* que também é afetado pelo político, na medida em que é dividido entre um passado de enunciações e um futuro interpretativo. Ele não se dá no tempo em que o Locutor produz o enunciado, mas ele produz sua própria temporalidade ao mobilizar este passado que constitui um memorável de enunciações e que faz significar o presente, ao mesmo tempo em que mobiliza um futuro de enunciações a partir daquilo que foi enunciado. Por fim, devemos lembrar que uma vez que o espaço de enunciação é atravessado pelo político, o acontecimento enunciativo é determinado por ele através de agenciamentos específicos que determinam o que pode ser dito e quem pode dizê-lo. Neste sentido, o falante não diz simplesmente aquilo que quer dizer, mas aquilo que *é levado a dizer* pelas relações políticas que o determinam e é nesta medida que o autor afirma que o falante é *agenciado a dizer*.

A partir dos conceitos acima apresentados, podemos afirmar que o espaço de enunciação é um espaço caracterizado por ser atravessado pelo político e que divide os falantes e os seus direitos ao dizer, bem como as línguas e seu funcionamento, constituindo-

se assim como um espaço de disputa pela palavra. É este espaço também que constitui o falante como uma figura política que entra nessa disputa através de processos de identificação distintos em relação à língua determinados politicamente. Dessa forma, o que se mostra fundamental na conceituação da enunciação produzida por Guimarães (2005) é o conceito de político e a divisão que ele produz no espaço de enunciação. Estes conceitos nos permitirão caracterizar a blogosfera como um espaço enunciativo particular. É o que procuramos apresentar a seguir. A partir da leitura de alguns trabalhos que analisam os blogs como um gênero de texto e da nossa observação de como se constituem estes blogs, podemos fazer algumas considerações gerais acerca deste espaço.

Começamos pelo termo *blog* que, segundo Ruiz (2005, p.118), é um termo “derivado da união das palavras inglesas *web* (rede) e *log* (diário de bordo onde os navegadores registravam eventos de suas viagens)”. Os blogs constituem-se inicialmente como diários em que pessoas comuns, sem qualquer destaque social, narram na rede aquilo que acontece em seu cotidiano e, tal como o diário de papel, eles se caracterizam por exibir um cabeçalho com a data da postagem do texto, bem como as marcas de data e hora dos comentários feitos à postagem. Observamos assim que a questão do tempo de enunciação é uma primeira característica do blog.

No entanto, mais recentemente, observamos que os blogs não são apenas espaços para que o internauta conte sua história, mas para que compartilhe conhecimentos e interesses que possui com outros internautas. Com isso, ao lado de blogs que tratam de temas variados e que dizem respeito ao cotidiano do blogueiro (o autor do blog), vemos surgir blogs especializados em determinados assuntos, como os blogs que falam sobre maquiagem, moda, literatura, culinária, maternidade, etc. Estes blogs quando alcançam uma certa “audiência” se tornam uma referência no assunto, sendo um lugar onde os internautas procuram informações sobre aquilo que lhes interessa.

A questão da audiência é importante por dois motivos. Primeiro porque sendo o blogueiro uma pessoa comum e não uma celebridade⁷⁵, ele busca na blogosfera um reconhecimento por seu trabalho com o blog e este reconhecimento se dá através do

⁷⁵ Nesse caso estamos considerando apenas os blogueiros que criam os blogs para serem reconhecidos e não aqueles blogueiros que já são reconhecidos e que têm um blog como extensão do seu trabalho, tais como jornalistas, artistas, humoristas, etc.

número de visitantes ou de seguidores do blog, bem como do número de comentários às postagens. Segundo porque quando um blog conquista uma audiência significativa, o blogueiro não apenas tem o status de ser reconhecido, mas também a possibilidade de ser remunerado por este destaque, uma vez que ele permite que grandes marcas dos produtos relacionados ao tema queiram anunciar seus produtos nestes espaços, como podemos observar nas seguintes imagens:

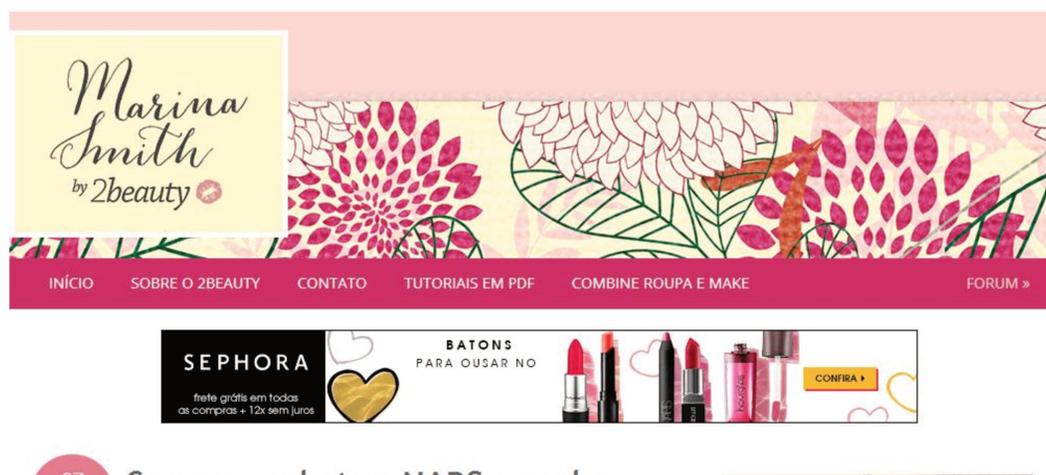


Figura 3 - Página inicial do blog 2Beauty by Marina Smith
Fonte: <http://www.2beauty.com.br/>.



Figura 4 - Página inicial do blog Book Addict
Fonte: <http://www.book-addict.com/>.

As imagens nos mostram que os blogs exibem anúncios de empresas que vendem os produtos sobre os quais se fala no blog. Na imagem 1 observamos a propaganda da marca de perfumes e maquiagens “Sephora” em destaque na página inicial de um blog que fala sobre maquiagem. Na imagem 2 observamos não exatamente um anúncio, mas a exibição das logomarcas de diferentes editoras de livros tratadas como *parceiras* de um blog que fala sobre literatura, sendo que esta parceria possivelmente diz respeito à doação de livros à blogueira para que ela os promova com suas resenhas. Assim, observamos que “ser blogueiro” deixa de ser apenas um hobby para se tornar uma profissão, como podemos notar nos recortes abaixo em que no primeiro aparece claramente essa oposição entre *hobby* e *profissão* e no segundo é possível ver essa oposição na expressão *blogueiro de verdade* (que seria igual a *profissional* em oposição aos blogueiros que escrevem como um hobby):

- (1) Depois que ser blogueiro deixou de ser apenas um hobby pra muitas pessoas e virou profissão (inclusive pra mim) eu passei a receber muitas dúvidas por e-mail ou mensagens perguntando **como criar um blog** e como começar a postar, divulgar e etc. (Post “Dicas para blogueiros #01: Como criar seu blog”. Disponível em: <<http://www.soparameninas.net/2014/01/dicas-para-blogueiros-01-como-criar-seu.html>>. Acesso em: 13 fev. 2014).
- (2) O que me orgulho é ter saído depois de **1 mês de blog** no jornal eletrônico da minha cidade (Veja aqui), e isso fez com que todos levassem mais a sério o blog e me visse como um blogueiro de verdade. Parabéns para os jovens blogueiros! (Seção “Sobre” do blog “Inadolescencia”. Disponível em: <<http://www.inadolescencia.com/p/perfil.html>>. Acesso em: 13 fev. 2014).

Voltando à questão da audiência, ela decorre na realidade de uma segunda característica do blog: ele tem natureza dialogal, ou seja, ele sempre prevê a estrutura post-comentário, permitindo assim uma grande interatividade entre o blogueiro e os outros internautas, que na maioria das vezes também são blogueiros. Segundo Ruiz (2005, p.119), os blogs normalmente trazem links de outros blogs que os blogueiros seguem e recomendam, mostrando assim que os “autores de blogs são também ávidos leitores do gênero, e que esse entrelaçamento acaba formando uma comunidade muito particular”.

Sobre a interatividade, podemos dizer que, o fato de a estrutura do blog prever de antemão um espaço para que sejam feitos comentários ao post, faz com o que texto traga como principal marca a interlocução direta, uma vez que o blogueiro escreve de modo

direcionado a sua audiência, esperando que aquilo que ele diz seja comentado, ou ainda, pede explicitamente que os leitores o sigam não só no blog, mas em outras plataformas da internet, como as redes sociais, como podemos observar nos seguintes exemplos:

- (3) Espero que vocês gostem do vídeo e, se possível, comentem! [...] Também gostaria muito de saber como foram as leituras de vocês em 2012. [...] Adoro ver as respostas de todo mundo! (Post “[VIDEO] RETROSPECTIVA LITERARIA 2012”. Disponível em: <<http://www.book-addict.com/2012/12/retrospectiva-literaria-2012.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013).
- (4) Por enquanto é isso, o resto vocês descobrem com o tempo. Portanto, trate de me seguir no twitter, facebook e me acompanhe pelo instagram. (Perfil do blog “Estilo Atrevidos”. Disponível em: <<http://www.estiloatrevidos.com/>>. Acesso em: 13 fev. 2014).

Esta interatividade intrínseca ao blog, além de ser marcada explicitamente através dos pronomes pessoais e dos verbos no imperativo, é responsável por uma reconfiguração da escrita, através da incorporação de elementos da oralidade (tais como o reforço da pontuação para marcar entonação e o uso de marcadores conversacionais) e a utilização de recursos para agilizar a escrita (como a abreviação de palavras e a supressão dos sinais de pontuação). Além disso, observamos o uso de marcas do registro informal como gírias e coloquialismos.⁷⁶ Nos blogs que analisamos, observamos que no espaço do post há bastante incorporação de oralidade, mas pouca agilização da escrita, especialmente aqueles blogs que tendem a ser “mais profissionais”. Há interlocução e informalidade para se aproximar do leitor, mas evitam-se alguns empregos considerados “errados” gramaticalmente, como a supressão de letras ou de pontuação, diferentemente do que ocorre nos comentários, nos quais encontramos mais as estratégias de agilização da escrita.

Ainda sobre estes blogs mais especializados sobre um determinado tema, devemos ressaltar que, mesmo nestes casos, a presença do sujeito que enuncia é sempre marcada explicitamente no texto. Ou seja, ainda que o foco seja compartilhar conhecimento, os textos nunca trazem um tom impessoal, mas sempre são remetidos às impressões e experiências do blogueiro, sendo escritos assim em primeira pessoa.

⁷⁶Devemos lembrar que os textos dos blogs se articulam a outras semioses, como a imagem e o vídeo, por exemplo, bastante frequentes nestes posts.

Assim, a partir das características apresentadas e dos recortes observados, podemos dizer que a blogosfera pode ser considerada como um espaço de enunciação onde circulam os blogs com objetivos diferentes, podendo ser a narração do cotidiano do blogueiro, o compartilhamento de assuntos diversos relativos a esse cotidiano, a divulgação e discussão de movimentos sociais, o compartilhamento de conhecimentos e experiências sobre um tema específico, entre outros. Os textos destes blogs se caracterizam por seu tom informal, devido à incorporação da oralidade à escrita e de seu caráter interativo, previsto pelo modo como se estrutura o blog através do par post-comentário. Este espaço se caracteriza ainda pela necessidade de o sujeito receber destaque através do seu blog, sendo que este destaque é medido justamente pelo sucesso da interatividade: quanto maior a interação entre blogueiro e leitores, maior o reconhecimento do blogueiro. Por fim, o tempo é também uma marca importante neste espaço, uma vez que os textos e comentários são sempre datados.

Voltando então à questão que colocamos inicialmente sobre caracterizar a blogosfera como um espaço de enunciação particular, a partir das características acima apresentadas podemos dizer que a blogosfera é marcada por uma divisão determinada politicamente. Essa divisão pode ser observada em relação às línguas que circulam neste espaço, à distribuição do direito ao dizer entre os falantes, bem como de seus modos de dizer. Em relação à língua, observamos uma divisão já apontada acima, entre oralidade e escrita, pois reconhecemos um entrelaçamento entre essas duas modalidades, particularizando assim o modo de enunciação na blogosfera. Além disso, observamos uma divisão entre a língua e outras modalidades de linguagem, tais como a imagem e o vídeo, bem como uma relação de tensão entre a língua portuguesa e inglesa, já que pelo próprio lugar em que se situa a blogosfera, a internet, vemos aparecer uma série de palavras do inglês.

Em relação à divisão do direito ao dizer, observamos que ela é determinada pela hierarquia que se dá entre autor e leitor, ou na linguagem da blogosfera, entre o blogueiro e seu seguidor. Percebemos que esta relação se dá de forma desigual, uma vez que o blogueiro tem controle de tudo aquilo que é publicado em seu blog, inclusive os comentários, podendo apagá-los ou não publicá-los, caso deseje, enquanto aquele que comenta está submetido ao controle do blogueiro, além de estar restrito ao espaço dos

comentários. Observamos assim que o direito ao dizer é dividido, uma vez que o blogueiro controla quem pode enunciar e o quê.

Estas são algumas das divisões que caracterizam de modo mais geral a blogosfera como um espaço enunciativo, no entanto, há ainda outras divisões que podem marcar este espaço, como a divisão de gênero que observamos em nosso corpus. Essa divisão pode ser percebida tanto em relação à distribuição dos direitos ao dizer, quanto em relação aos modos de dizer, conforme pretendemos mostrar. Para que possamos compreendê-la, apresentamos algumas questões que apareceram no processo de constituição do nosso corpus e que podem nos revelar a determinação das relações de gênero que caracteriza o espaço de enunciação da blogosfera. Mas antes apresentamos uma breve discussão em torno do conceito de *gênero*, a fim de especificarmos o modo como operaremos com este conceito em nosso trabalho.

1.1. A divisão da blogosfera determinada pelas relações de gênero

O termo *gênero* surge nos estudos psicanalíticos com o objetivo de marcar uma diferença entre *sexo* e *identidade de gênero*: enquanto o sexo seria considerado como algo próprio da natureza, o gênero seria uma construção cultural do homem. Essa distinção irá sustentar os estudos⁷⁷ que tinham como preocupação compreender os diferentes papéis que homens e mulheres desempenham na sociedade. Neste sentido, a partir da distinção entre sexo e gênero, estes estudos irão afirmar que os comportamentos sociais considerados como tipicamente femininos e masculinos não são determinados biologicamente, mas construções culturais e, sendo assim, podem variar em diferentes sociedades.

No entanto, segundo Piscitelli (1998), é no âmbito dos estudos feministas que o conceito de gênero irá ganhar força, especialmente no que se considera como a segunda

⁷⁷ Estes estudos se iniciam no âmbito da psicanálise (Stoller, 1963) para diferenciar *sexo* de *identidade de gênero*, espalhando-se posteriormente a outras áreas, especialmente na antropologia, através da teoria dos papéis sociais. Um exemplo clássico destes estudos é aquele desenvolvido por Margareth Mead na década de 1930 sobre a organização das sociedades tribais da Nova Guiné em relação ao gênero (PISCITELLI, 1998).

onda do feminismo na década de 1960.⁷⁸ Inicialmente, estes estudos utilizavam o termo *mulher*, ao invés de *gênero*, a fim de criar uma forte identidade entre as mulheres, pois consideravam que a opressão que estas sofriam ultrapassava outras determinações como classe ou raça. Porém, posteriormente, a partir de uma crítica nascida dentro do próprio movimento feminista sobre a dificuldade em se utilizar este termo devido às diferenças que existiam mesmo entre as mulheres, o termo *mulher* é abandonado, retomando-se assim o uso de *gênero*.

Essa mudança se dá a partir da retomada da distinção que a teoria dos papéis sociais fazia entre sexo e gênero, com a diferença que os estudos feministas, determinados especialmente pela teoria marxista, compreendem as diferenças de gênero não mais como de ordem cultural, mas como uma questão política. Para o feminismo da década de 1960 não bastava apenas identificar as diferenças de gênero como construções culturais, era preciso compreender as relações de poder que determinavam essas diferenças para que se pudesse lutar contra elas em prol de uma transformação social. Além disso, há neste momento a compreensão de que a opressão não se restringia apenas às mulheres, mas também àqueles que não se inseriam em arranjos heterossexuais e, neste sentido, adota-se o termo *gênero* como um termo mais amplo, capaz de abrigar assim outras identidades de gênero.

No final da década de oitenta os estudos feministas, em diálogo com os movimentos de reivindicação de direitos sexuais por gays, lésbicas, intersexos, transexuais e travestis, começam a questionar a própria distinção a partir da qual se formulou o termo gênero. Este questionamento fundamenta-se na percepção de que a noção de sexo como algo fixo e anterior à cultura não se sustenta, tendo como um dos argumentos o fato de que a própria natureza contestaria essa fixidez através dos intersexos (vistos assim não mais como desvios de uma norma, tal como a medicina os tratava). Essa discussão inicia-se com o trabalho da filósofa Judith Butler que questiona a distinção natureza-cultura embutida na distinção sexo-gênero, afirmando que tanto sexo como gênero seriam categorias fictícias,

⁷⁸ A primeira onda se deu nos anos trinta quando as mulheres lutavam pela extensão do direito ao voto, antes restrito aos homens.

pois, para esta autora, ambas seriam construções que se constituem através de certas práticas discursivas e não discursivas (KOVALESKI et al., 2011, p. 64-65).

Através desta apresentação sobre a formulação do conceito de gênero, podemos observar a complexidade que envolve a constituição deste termo na tentativa constante de se compreender e explicar as diferenças que dividem a sociedade quanto a este aspecto, além de engendrar discussões mais amplas e igualmente complexas, como aquela que se faz em torno da relação natureza-cultura. Sem nos alongarmos nessa discussão, nosso intuito é apenas mostrar o percurso histórico no qual este conceito é formulado, bem como a sua complexidade, a fim de delimitarmos o modo como iremos utilizá-lo em nosso trabalho.

Entre as diferentes definições para gênero que apresentamos acima, parece-nos especialmente interessante aquela da filósofa Judith Butler, trazida por Kovalesski et al. (2011), em que o gênero é definido como uma construção a partir de certas práticas (sociais), discursivas ou não. Considerando que nosso estudo procura compreender o funcionamento de uma forma linguística na enunciação, entendemos que esta seria uma boa maneira de tratarmos o conceito de gênero. Assim, operaremos neste trabalho com o conceito de gênero como a construção de uma identidade que se dá através de práticas discursivas⁷⁹ sustentadas em uma memória do dizer, sendo esta memória determinada politicamente.

Neste sentido, ao caracterizarmos a forma *super* como uma marca de um modo de dizer feminino não pretendemos estabelecer uma correlação de uso dessa forma com um grupo social específico (o grupo de mulheres jovens), tal como poderia fazer um estudo sociolinguístico. O que queremos mostrar é que *super* é uma das formas linguísticas possíveis através das quais o locutor se representa em seu enunciado como determinado por um gênero, o gênero feminino. Trata-se, portanto, de uma determinação enunciativa, que se dá pela relação do sujeito com a língua, e não por determinações outras como o sexo do falante. Assim, neste trabalho, quando falamos em gênero feminino, estamos falando sobre determinadas práticas discursivas ou modos de enunciar pelos quais o locutor se representa na enunciação identificado com um modo de dizer feminino.

⁷⁹ Não estamos desconsiderando as demais práticas, mas apenas fazendo um recorte de acordo com o que interessa à nossa área de estudos.

A partir da discussão exposta acima, podemos então apresentar algumas questões que surgiram na pesquisa que fizemos nos blogs. Diante da predominância de blogs considerados “femininos” como fonte dos nossos dados, visto que não havíamos encontrado ocorrências de *super* em blogs com temática “masculina” inserindo apenas a estrutura linguística “eu/ele super + verbo” na constituição do nosso corpus, procuramos fazer uma busca considerando essa divisão de gênero, pois, selecionados alguns desses blogs poderíamos observar se *super* também poderia ocorrer neles. Dessa forma, fizemos uma pesquisa na seção de blogs do Google, a partir das seguintes entradas: “blogs de meninos”, “blogs masculinos”, “blogs de meninas” e “blogs femininos”.

Apesar de esta ter sido a nossa motivação inicial, julgamos que não seria interessante apresentarmos aqui os poucos enunciados⁸⁰ com a forma *super* que encontramos nestes blogs, pois, se assim o fizéssemos, precisaríamos mobilizar outros conceitos e ferramentas de análise, o que não caberia neste momento. Além disso, poderíamos cair na explicação desta forma como uma correlação “uso-falante”, o que não pretendemos fazer aqui. Desse modo, optamos por não apresentar as ocorrências de *super* que encontramos nesses blogs, procurando nos concentrar em outro resultado que obtivemos com esta nova busca.

Este resultado diz respeito à discussão que encontramos na própria blogosfera em torno das relações de gênero, sendo este espaço percebido pelos blogueiros e blogueiras como um espaço dominado por meninas e mulheres. Através dela encontramos para a primeira entrada dez posts que falam desta percepção e para a segunda encontramos oito resultados, enquanto nas buscas correspondentes que fizemos com as entradas “blogs de meninas” e “blogs femininos” esta questão aparece apenas em um post.⁸¹ Estes posts falam sobre a percepção de blogueiros e blogueiras de que a maioria dos blogs que eles conhecem e seguem são criados e mantidos por mulheres, especialmente aqueles que tratam de

⁸⁰ Encontramos a ocorrência de *super* apenas em 10 blogs nesta busca, totalizando 24 ocorrências, todas elas aparecendo em blogs que tratam de moda, beleza e literatura.

⁸¹ Estes resultados nos chamaram atenção por constituírem os temas que são caracterizados geralmente como femininos, não só na blogosfera, mas na mídia em geral e também por não trazerem blogs de outros temas considerados como do universo masculino, tais como futebol e jogos de videogame. Acreditamos que o modo como fizemos a busca pode ter condicionado os resultados, uma vez que as expressões que utilizamos trazem em si o conflito instaurado no que diz respeito aos temas presentes na blogosfera, algo que vem sendo discutido neste espaço.

assuntos relativos à moda e beleza.⁸² Inclusive, alguns blogueiros apontam isso como uma falha e uma motivação para criarem seus blogs, pois ao procurarem sobre estes temas na internet acabam encontrando apenas blogs voltados para mulheres. Podemos perceber essa divisão de gênero na blogosfera através dos seguintes posts:

- (1) Esses dias eu estava vendo alguns grupos de compartilhamento de ideias para blogueiros e alguns blogs também percebi que de cem [100] blogs que eu visitei dez [10] eram criados e atualizados por meninos. Claro que a maioria dos meninos hoje em dia não param pra pesquisar blogs que falam sobre literatura ou moda e não tem o porque criar um blog de menino para menino se eles não se interessam, apesar disso estar mudando com o tempo. Mas se pararmos pra pensar o mundo dos blogs reina nas mãos das meninas. (Post “Meninos blogueiros”. Disponível em: <<http://www.wediamonds.com.br/2013/12/meninos-blogueiros.html>>. Acesso em: 13 fev. 2014).
- (2) Sou profissional de Saúde Coletiva, recifense, tenho 21 anos e decidi criar o Homens Que Se Cuidam após inúmeras pesquisas fracassadas na internet sobre moda e cuidados pessoais para homens. Percebi que a grande maioria dos blogs existentes são voltados para as mulheres, e que as revistas especializadas em lifestyle masculino possuem cunho estreitamente publicitário, sendo assim notório uma lacuna de blogs masculinos. (Seção “Sobre” do blog “Homens que se cuidam”. Disponível em: <<http://homensquese cuidam.com/>>. Acesso em: 13 fev. 2014).

Através destes exemplos, podemos perceber que há uma divisão na blogosfera determinada pelo gênero, identificada pelos blogueiros como uma diferença de sexo, sendo que a percepção geral é de que quem mais cria e mantém blogs são as meninas e mulheres. Essa divisão também se dá a partir dos temas destes blogs, uma vez que eles são divididos de acordo com as áreas de interesses consideradas como masculinas ou femininas. Os temas de moda e beleza, por exemplo, são tratados de modo geral como de interesse feminino e isso se reflete na quantidade de blogs destes dois temas que são explicitamente direcionados às mulheres, em relação àqueles direcionados especificamente aos homens.

⁸² Encontramos também uma reportagem da Folha on Line sobre uma pesquisa feita nos Estados Unidos que mostra que 35% das internautas adolescentes têm blog e 54% delas postam fotos na internet, enquanto entre os garotos, esses índices são de 20% e 40%, respectivamente. Além disso, 19% dos meninos afirmam já ter postado um vídeo na internet, enquanto apenas 10% das meninas fizeram isso. (Folha Online. Meninas gostam de blogs e meninos preferem os vídeos, diz estudo. Folha de S. Paulo, São Paulo, jan. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2008/01/362437-meninas-gostam-de-blogs-e-meninos-preferem-os-videos-diz-estudo.shtml>>. Acesso em: 13 fev. 2014).

Esta divisão, sustentada em uma ideologia machista, tem sido questionada por aqueles que se aventuram a falar destes temas em um espaço em que o direito a enunciar sobre eles parece ser concedido às mulheres, mas vetado aos homens, como podemos observar a seguir:

- (3) O público feminino, a propósito, encontra um mar de sites e blogs com dicas de maquiagem, acessórios, cabelo, etc. Por que os homens não podem ter essa mesma atenção? Afinal, o mundo mudou, e o mercado constata: os homens querem se cuidar mais. (Descrição do blog “Bazar masculino”. Disponível em: <<http://bazarmasculinosobre.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 13 fev. 2014).
- (4) Aquela velha história de que moda é somente de interesse feminino, ou mais radical ainda, no máximo para homossexuais – permitam a redundância – já está bem fora de moda. [...] Já é clichê no meio fashion dizer que “a moda é democrática”, então, que seja para eles também. Abram as cabeças e os armários e fiquem a vontade para degustar nossas páginas. (Descrição do blog “Moda para homens”. Disponível em: <<http://modaparahomens.com.br/>>. Acesso em: 13 fev. 2014).

Como podemos observar nestes recortes, os blogueiros percebem a existência de uma divisão dos temas dos blogs de acordo com o gênero do blogueiro, sendo essa divisão marcada por um memorável que sustenta uma distinção entre atividades femininas e masculinas na nossa sociedade. Observamos assim que, a partir dessa divisão, o direito a dizer sobre temas considerados como próprios do universo de atividades de interesse das mulheres⁸³, tais como moda, maquiagem e maternidade são “concedidos” em nossa sociedade às mulheres, como se os homens não fossem autorizados socialmente a falar sobre eles, uma vez que, quando o fazem, podem ter sua masculinidade ou sua orientação sexual questionada, ainda que este panorama esteja começando a mudar. De maneira correlata, poderíamos pensar que o direito a enunciar sobre jogos de computador e videogame, por exemplo, são geralmente concedidos aos homens, uma vez que este tema constitui uma atividade considerada socialmente como de interesse masculino.

⁸³ Dizemos que são atividades de interesse das mulheres e não atividades das mulheres, pois, curiosamente, os grandes profissionais nas áreas de moda, maquiagem e culinária (consideradas como voltadas para mulheres) são em sua maioria homens.

Lembramos que não estamos tratando essa divisão como uma determinação absoluta, mas como uma regularidade que encontramos na blogosfera, que pode ser explicada pelos memoráveis presentes na nossa sociedade que dividem homens e mulheres segundo atividades sociais e interesses específicos, produzindo assim certos estereótipos. Assim, ainda que atualmente as diferenças de gênero sejam abordadas como uma questão de identidade determinada política ou socialmente, percebemos que a nossa sociedade é fortemente marcada por memoráveis que polarizam as relações de gênero entre os gêneros masculino e feminino e estes memoráveis podem, entre outras coisas, determinar os direitos ao dizer.

A divisão de gênero que marca a blogosfera pode ser observada também através da linguagem utilizada nos posts e comentários nos blogs, sendo a ocorrência de *super* um exemplo dessa divisão. O fato de esta forma aparecer, ao menos em nosso corpus, majoritariamente em blogs com temáticas consideradas tipicamente femininas nos levou a tratá-la como uma marca linguística através da qual o locutor se representaria em sua enunciação por um modo de dizer feminino. Assim, considerando que a expressão da intensidade poderia ocorrer de diferentes formas como, por exemplo, através de palavrões ou palavras tabus, geralmente consideradas como características de um modo de dizer masculino, entendemos que a escolha pela forma *super* e não pelos palavrões, por exemplo, marcaria um distanciamento do locutor de um modo de dizer masculino, aproximando-o de um dizer feminino. Dessa forma, podemos dizer que a divisão de gênero na blogosfera não se dá apenas em relação ao direito a dizer sobre certos temas, mas também aos modos de dizê-lo, através dos quais podemos perceber como o locutor se representa na enunciação. É neste sentido que tratamos a forma *super* como uma das marcas que constituem um modo de dizer feminino.

Por fim, há ainda uma última questão observada nos recortes (3) e (4) que gostaríamos de pontuar. Nestes recortes observamos que, além da polarização que se faz entre homens e mulheres, estão representadas duas maneiras bastante comuns de se tratar a homossexualidade em relação a essa polaridade: a homossexualidade pode ser silenciada como em (3) (em que não se menciona outras identidades de gênero) ou assimilada a essa polaridade como em (4) (em que os homossexuais são assimilados ao gênero feminino).

Observamos assim que há um certo modo de tratar o gênero que toma a heterossexualidade como parâmetro, fazendo com que a homossexualidade seja esquecida ou enquadrada nessa bipolaridade entre masculino e feminino, diferentemente do que parece ocorrer nos discursos acerca da diversidade sexual. Segundo Piscitelli (1998, p. 162), essa questão é tratada por Judith Butler a partir do conceito de coerência, pois haveria na sociedade uma expectativa de que houvesse uma coerência entre sexo (genitália), gênero (aparência) e desejo (que supostamente deveria ser heterossexual). Quando não se observa essa coerência, segundo essa autora, o pensamento hegemônico sobre o gênero entraria em desordem, pois não tem condições de compreender e descrever aquilo que não se encaixa neste modelo, considerado como “coerente”.

Este é mais um ponto que nos mostra a complexidade que envolve a questão do gênero e que poderia, inclusive, ser vista como empecilho à diferenciação que fizemos acima entre modos de dizer masculinos e femininos, podendo ser tomada como uma distinção que desconsideraria outras identidades de gênero. Contudo, gostaríamos de assinalar que, ao tomarmos essa diferenciação sustentada na polaridade masculino-feminino como um lugar de análise do funcionamento enunciativo de *super*, não estamos desconsiderando a possibilidade de existência de outras identidades de gênero e, conseqüentemente, de outros modos de dizer, mas apenas fazendo um recorte dessas possibilidades, de acordo com as necessidades deste estudo.

Este recorte foi feito considerando a característica que encontramos em nosso corpus como predominante (a ocorrência de *super* em blogs com temas considerados “femininos”), determinada pelo memorável que sustenta a divisão que se faz entre interesses e/ou atividades tipicamente femininos e masculinos na nossa sociedade. Daí mais uma vez a importância de explicarmos o funcionamento desta forma não a partir de uma correlação entre uso e grupo linguístico, e sim como um modo de dizer que, enquanto categoria enunciativa, não está atrelado ao sexo do falante, mas ao modo como o locutor se representa no enunciado. Neste sentido, mesmo que o sujeito não se identifique com um dos gêneros que constituem a polaridade acima, nada impede que ele possa ser tomado por estes modos de dizer, mobilizando, por exemplo, a forma *super* para representar sua enunciação como feminina ou identificada com o feminino.

Após apresentarmos o espaço da blogosfera como um espaço enunciativo dividido pelas relações de gênero e esclarecido o modo como trabalhamos com este conceito, passamos a apresentar a análise que fizemos de alguns dos perfis que encontramos nos blogs dos quais retiramos nossos dados.

2. Análise: a blogosfera e o universo feminino

Como dissemos inicialmente, a grande maioria dos enunciados que constituem o nosso corpus foi retirada de blogs que tratam de temas considerados “femininos”, tendo como principais assuntos aqueles relacionados à moda e beleza feminina. Trabalhamos no total com 103 dados, sendo que um dado foi retirado de um fórum de discussões e os outros 102 foram retirados de 92 blogs. Destes 92 blogs, encontramos a seguinte distribuição de temas classificados de acordo com os títulos e descrições: mulheres/meninas⁸⁴ (18), moda (12), maquiagem (10), livros (10), beleza em geral (8), casamento (3), esmaltes (2), maternidade (2), fanfics⁸⁵ (2) e culinária (2). Os outros 25 blogs tratam de assuntos diversos, como viagens e impressões pessoais sobre determinados temas, sendo que alguns deles até tratam dos temas acima elencados, mas estes não são o foco destes blogs. Assim, percebemos através dessa classificação que mais da metade dos blogs consultados (55 blogs) elegem temas genericamente denominados como temas pertencentes ao universo feminino.

Para compreendermos um pouco do funcionamento deste espaço enunciativo em que circulam os blogs com temas do universo feminino, procuramos analisar o modo como as blogueiras e seguidoras (dos blogs) descrevem a si mesmas no perfil destes sites. Assim,

⁸⁴ Classificamos desta forma os blogs cujo título traz o nome da blogueira ou traz as denominações *meninas*, *garotas* e *mulheres*.

⁸⁵ “As *fanfics* são histórias (*fiction – fic*) criadas por fãs (*fan*) baseadas em produtos culturais variados – livros, filmes, séries de TV, mangás, animes, games... a lista é longa. O fã escolhe seus personagens preferidos, ou se baseia no universo e em elementos da narrativa original, e cria a sua própria versão dela. Pode ser uma continuação, uma história paralela, uma *prequel*.” (Trecho de “O futuro das fanfics”. Coluna “Entre o RSRS e o RSS” de Luciana Galastri, 27/05/2013. Disponível em: <<http://colunas.revistagalileu.globo.com/colunistas/2013/05/27/o-futuro-das-fanfics/>>. Acesso em: 27 jan. 2014).

nos propomos a fazer a análise dos perfis⁸⁶ de alguns dos blogs com os quais trabalhamos, procurando mostrar como o locutor enuncia sobre si mesmo neste espaço. E, através da análise da cena enunciativa e dos memoráveis sustentados em algumas das designações utilizadas para apresentar o blog, procuramos também mostrar como estes espaços são criados e destinados à interação entre mulheres/garotas, pelo modo como privilegiam esta interlocução.

Como poderemos observar através dos recortes que iremos analisar, há alguns modos de se produzir o texto descritivo do perfil que se repetem nos diferentes blogs.⁸⁷ Por exemplo, muitas blogueiras iniciam sua enunciação dizendo seu nome⁸⁸, a idade, o local de origem ou onde mora e sua profissão ou curso universitário que faz, sendo que um ou outro desses elementos podem não aparecer ou ainda a ordem entre eles pode ser um pouco diferente, como podemos ver abaixo:

(1) Meu nome é X, tenho vinte e tantos anos, sou médica e moro em BH! (BF35)⁸⁹

(2) Tenho 30 anos, sou gaúcha (e gremista) de Porto Alegre, formada em Publicidade e Propaganda pela PUCRS e trabalhei a vida inteira com design para a web. (BF4)

⁸⁶ Trazemos aqui recortes dos textos que constituem o perfil das blogueiras e algumas vezes das usuárias que comentam o post no blog. Na maioria dos casos em que procuramos pelo perfil da autora do comentário, não o encontramos e, por isso, trabalhamos também com o perfil da blogueira, mesmo que não tenha sido ela a autora do enunciado contendo a forma *super*. Isso porque interessa-nos aqui não o sujeito empírico que produz o enunciado, mas o espaço de enunciação em que este enunciado é produzido, no caso deste trabalho, o espaço de enunciação dos blogs com temática feminina.

⁸⁷ Optamos por fazer a descrição através de recortes dos textos dos perfis a partir dos aspectos que observamos como regularidades nestes textos, pois acreditamos que interessaria mais observar essas regularidades do que cada cena enunciativa de forma separada, uma vez que pretendemos mostrar as características do espaço de enunciação estudado e como este espaço é determinado por marcadores de gênero que o divide entre espaços femininos e masculinos.

⁸⁸ Para preservar a identidade das blogueiras e seguidoras dos blogs optamos por substituir os nomes pela letra X, ainda que estes perfis sejam públicos.

⁸⁹ Neste momento da análise, preferimos utilizar a sigla BF para designar “blog feminino” e a seguir a numeração do blog em nosso corpus, ao invés do nome do blog, por se tratar de recortes do texto que descrevem o perfil das blogueiras. Quando esta sigla vem seguida de “s” (BFYs) significa que o perfil é da seguidora cujo comentário está no blog Y.

(3) Meu nome é X, tenho 33 anos, sou blogueira, corretora de imóveis e uma dona de casa apaixonada por decoração! (BF27)

(4) X, 19 anos, Estudante de Arquitetura e Urbanismo. Soteropolitana, só que não gosto de carnaval e calor. (BF24)

(5) Estudante de Design, 20 anos, aquariana, reside em Curitiba porém seu lar é em Brasília. (BF33)

Ainda que essas características possam ser intercaladas com comentários pessoais sobre elas, podemos notar que elas aparecem com frequência nos enunciados dos perfis, especialmente em sua introdução. Observamos que este tipo de introdução nos mostra que o locutor se enuncia como membro de um grupo social do qual faz parte que é o grupo de mulheres jovens entre os 18 e 35 anos (como mostram nossos recortes) que têm uma profissão, geralmente ligada ao tema que abordam no blog. Podemos perceber que o locutor se marca nestes enunciados como feminino através das seguintes palavras, todas no gênero feminino: *médica, gaúcha, formada, blogueira, corretora, dona de casa, apaixonada, soteropolitana e aquariana*.

De modo geral, nos nossos recortes, as primeiras características que aparecem são o nome e a idade, sendo que as outras características podem variar de posição. Sobre isto, podemos dizer que ainda que essas mulheres cumpram outros papéis sociais como o de mãe, esposa ou dona de casa, elas se enunciam (nos recortes acima) somente como profissionais (*médica, corretora, designer e estudante*) ou ainda se enunciam nos outros papéis sociais que desempenham, mas eles aparecem depois da profissão como no recorte (3) “*sou blogueira, corretora de imóveis e uma dona de casa apaixonada por decoração*”. E a ordem em que estes elementos aparecem nos mostra a hierarquia em que estes papéis são colocados como mais ou menos importantes. Em todos estes casos temos um locutor que enuncia do lugar social de mulher jovem profissional (l-jovem profissional), porém, há outras maneiras de o locutor enunciar seu perfil, como, por exemplo, através dos papéis sociais que essas mulheres ocupam, que não é mais o da “profissional/especialista”, como podemos ver a seguir:

(6) X, 31, casada, cearense, ex-jornalista e futura tradutora, mãe das pequenas X e X e com o terceiro no forninho! (BF31)

(7) X, 25 anos, mãe e esposa. (BF9)

(8) Jovem mulher, esposa, filha, irmã e amiga. Serva de Deus acima de tudo. Feliz em todos estes papéis. (BF9s)

(9) Tenho 25 anos, sou casada e moro em Porto Alegre/RS. (BF28s)

(10) Rio Pretense, mãe, esposa, capricorniana, publicitária, maquiadora profissional, pro blogger, dona de casa e ainda sim mulher. (BF25)

Através destes recortes, podemos observar que algumas mulheres ao criar seus perfis na blogosfera se enunciam a partir dos papéis sociais que desempenham como mãe, esposa, etc., dando prioridade a eles em relação à profissão, ou porque esses elementos têm uma ordem de importância diferente ou porque possivelmente algumas delas não tenham uma profissão, como parece ser o caso em (7), (8) e (9) em que não temos referência alguma a uma profissão. Nestes três recortes, observamos que o locutor enuncia de um lugar social que poderíamos chamar de “doméstico” ou “familiar”, pois ele se enuncia como mãe, esposa, filha e amiga, papéis sociais que se desempenha na esfera familiar ou afetiva. Já em (6) e (10) observamos que o locutor enuncia a partir de diferentes lugares sociais aglutinando a esfera familiar (*mãe, esposa e dona de casa*) e a esfera do trabalho (*ex-jornalista, futura tradutora, publicitária e maquiadora profissional*), através de uma enumeração que se inicia pela esfera familiar, passa pela esfera profissional e termina pela esfera familiar novamente.

Entre estes recortes, dois deles nos chamam atenção por trazerem um memorável que sustenta um discurso específico sobre o papel da mulher na sociedade moderna. Após a revolução de comportamento das mulheres e a sua inserção no mercado de trabalho, circula o discurso de que ser apenas esposa, mãe e/ou dona de casa não é mais uma boa opção, pois

neste caso a mulher não poderia se realizar completamente, já que faltaria o elemento profissional, a sua atuação social no mundo do trabalho. Este discurso é retomado pelo locutor em (8) implicitamente por um enunciador-individual através da afirmação “Feliz em todos estes papéis” para se contrapor ao discurso acima descrito trazido por um enunciador-genérico. Seria algo como uma resposta antecipada à pergunta que poderia ser colocada ao locutor em algum momento: “Mas você só faz isso? Você não trabalha?”.

Já em (10) podemos observar um outro memorável que fala da incompatibilidade entre os papéis desempenhados pela mulher na esfera doméstica e sua constituição ou atuação como mulher que se importa em cuidar de si mesma e não só da casa. Aqui o locutor retoma o enunciador-genérico que afirma que a mulher não pode ser mãe/esposa/dona de casa sem descuidar de si mesma para se contrapor a ele através de um enunciador-individual que afirma “é possível cumprir todos esses papéis e ainda assim cuidar de si mesma”. Esse memorável também aparece em (8), uma vez que o locutor se enuncia primeiramente como *jovem mulher*, mostrando que pode acumular todos esses papéis, sendo este talvez o mais importante.

As blogueiras e seguidoras da blogosfera em que circulam os temas do universo feminino podem também trazer marcadamente as designações *menina*, *mulher* e *garota* para enunciar sobre si mesmas em seus perfis, deixando claro o lugar social do qual enunciam. Ou ainda elas se dirigem às leitoras diretamente como interlocutoras mulheres para depois marcar que tanto a blogueira quanto a seguidora fazem parte de um mesmo grupo, como podemos observar a seguir:

(11) Sou a X, uma garota de vinte e poucos anos que nasceu na época errada. (BF15)

(12) Sou uma mulher normal, e tenho dias de gatinha e dias de creuza. (BF35)

(13) Bem vinda ao B. Um blog dedicado às mulheres que nunca deixam de ser elas mesmas. (BF10)

(14) [...] criou o blog com a finalidade de compartilhar experiências de seu conhecimento e com o intuito de mostrar a todas as mulheres que precisamos nos valorizar e cuidar da nossa beleza exterior e interior. (BF29)

(15) O blog foi criado em Julho de 2010, para compartilhar com as minhas amigas a paixão por moda, viagens e compras. O blog cresceu e atingiu mais meninas que também possuíam o mesmo interesse. Hoje somos uma grande família onde sempre cabe mais um! (BF32)

Os recortes (11) e (12) nos mostram que o locutor nestes casos enuncia explicitamente do lugar social de mulher/garota através da afirmação “Sou uma garota/mulher”, evidenciando uma autoria feminina para o blog. Em (14) e (15) podemos perceber esta autoria não através da afirmação explícita do lugar social do locutor, mas através do estabelecimento explícito do alocutário-x como um alocutário-mulher/menina⁹⁰ para em seguida a autora se incluir no mesmo grupo de seu interlocutor através do uso de um verbo na primeira pessoa do plural, utilizando um “nós” inclusivo como podemos ver em (14) “mostrar a todas as *mulheres* que *precisamos* nos valorizar” (eu e você, como mulheres, precisamos nos valorizar) e em (15) “O blog atingiu mais *meninas* e hoje *somos* uma grande família” (eu, minhas amigas e as outras meninas com os mesmos interesses). Por fim em (13), não temos a marca explícita do lugar social do qual fala o locutor, mas apenas do interlocutor a quem se destina o blog por meio da afirmação “Um blog *dedicado às mulheres*” e da expressão *bem-vinda*.

Através das expressões destacadas nestes recortes, podemos perceber como se configura a cena enunciativa que constituem estes blogs e que nos mostram como se dá a interação entre a blogueira e suas seguidoras, além de evidenciar o modo pelo qual estes espaços são criados prioritariamente para a interação entre mulheres e/ou garotas. Ainda que neles a interlocução não esteja explicitamente estabelecida através de marcas

⁹⁰ Ao nos referirmos ao locutor ou ao alocutário como um l/al-menina/mulher/garota, entendemos que estas três palavras podem designar lugares sociais diferentes, no entanto, estamos considerando aqui estas três designações como se referindo a um único lugar social, tomando como elemento unificador a questão do gênero.

linguísticas, podemos perceber que o locutor se marca nestes enunciados como menina/mulher que fala ou escreve para meninas/mulheres, através dos recursos que mostramos acima. Porém, encontramos recortes em que esta interlocução está explicitamente marcada, como podemos ver abaixo:

(16) O blog DFPD, surgiu por acreditar que nos dias de hoje a mulher vem desenvolvendo cada vez mais seu papel de forma diversificada na sociedade, sem perder o brilho, a feminilidade e a vaidade. Por isso, esse cantinho foi feito para eu e vocês que se enquadram em todos os adjetivos citados acima, e assim discutirmos todo o contexto deste misterioso e fascinante universo feminino. (BF25)

(17) Por aqui, vocês vão encontrar muita moda, beleza, fofquinhas, dicas de viagem e muito mais. Fiquem ligadas e sintam-se a vontade pra opinar tá? (BF36)

(18) Que tal diminuir a distância entre sua aparência e o seu eu interior? Só assim a gente consegue emitir os sinais da moda que autenticamente refletem quem somos... E é isso que eu chamo de moda pra vida real! Vamos descobrir juntas? S.A.: pra quem tem fome de estilo! (BF17)

(19) Como ocê pode notar, eu gosto muito de maquiagem... [...] Além do blog, o T.B. também tem um fórum onde as leitoras podem fofocar sobre maquiagem, moda, televisão, cinema, etc., marcar encontrinhos, fazer desapegos e trocar dicas. (BF24)

(20) Esse espaço foi criado para ocê, vamos conversar sobre moda, saúde, beleza, maquiagem, bem estar, comportamento, decoração e tudo relacionado ao universo feminino. Chega mais, seja bem vinda! (BF29)

Nos cinco recortes acima podemos observar uma interlocução direta marcada em seus enunciados, sendo que nos casos (17), (18), (19) e (20) o interlocutor é estabelecido explicitamente como um alocutário-mulher/menina, como podemos observar através das

marcas do gênero feminino em *ligadas, leitoras, juntas e bem-vinda*. Já em (16) esta interlocução não está explicitamente determinada, mas podemos identificá-la através dos processos de retomada de alguns elementos. Como podemos observar, inicialmente o locutor faz uma descrição do papel social da mulher e depois interpela o interlocutor assimilando-se ao grupo do qual ele faz parte, que é o grupo descrito inicialmente, sendo essa assimilação produzida pelo verbo *enquadrar* “eu e vocês que se enquadram em todos os adjetivos acima citados”. Essa interlocução é retomada a seguir pelo verbo na primeira pessoa do plural *discutirmos*, e o grupo descrito é reescrito por totalização pela expressão *universo feminino* que resume a temática do blog.

Em (16) observamos também a presença na cena enunciativa de um enunciador-genérico que afirma que as mulheres que ocupam diferentes papéis sociais ou mais especificamente as que se dedicam à profissão não são capazes de cuidarem de sua vaidade. Este enunciador sustenta o memorável de que inteligência ou capacidade profissional e beleza/vaidade ou ainda feminilidade não andam juntas. Neste sentido, este memorável é trazido para a cena enunciativa implicitamente, através do contraponto feito pelo enunciador-individual “é possível ser feminina, mesmo desempenhando tantos papéis na sociedade”.

Em (18) e (19), além de termos marcado explicitamente que o alocutário-x destas enunciações (e dos blogs) é um alocutário-mulher/menina, vemos aparecer o memorável de que “a mulher é fofoqueira”, já que aqui observamos a presença de *fofoquinhas* e do verbo *fofocar* em um espaço (o fórum) que a princípio é destinado a trocar ideias ou discutir temas diversos. A presença deste verbo indica uma aproximação do locutor com seu alocutário, deixando ainda mais explícita a interdição da presença de leitores homens/meninos neste espaço. Ao utilizar tal verbo em detrimento de *trocar ideias* ou *discutir/falar de* o locutor limita seus possíveis interlocutores como se dissesse “este é nosso espaço, o espaço das meninas, então podemos fofocar à vontade”.

Por fim, em (20) observamos como é definido o universo feminino que está presente nestes blogs. O locutor enumera os temas a serem discutidos *moda, saúde, beleza, maquiagem, bem estar, comportamento, decoração* que depois são totalizados pela expressão *universo feminino*, pois ao dizer “e tudo relacionado ao universo feminino”

afirma que há outros temas que fazem parte do universo feminino além dos temas já elencados. O locutor aqui também explicita que o espaço foi criado para as mulheres através da interpelação direta por *você* que é depois retomada pela expressão *seja bem-vinda* restringindo assim o alocutário a quem se dirige a enunciação e mais precisamente, aquele espaço de enunciação.

Os temas que são abordados como fazendo parte do universo feminino aparecem com frequência na descrição dos perfis das blogueiras, bem como na descrição do que se trata o blog. Eles são frequentemente assumidos pelo locutor como uma paixão ou um vício que justificam assim a produção do blog, além de, em alguns casos, reforçar a autoridade do locutor para falar sobre este tema, uma vez que devido a sua paixão ele conhece bem o que fala. Podemos ver este funcionamento nos seguintes recortes:

(21) Este espaço foi criado com todo amor e carinho, para você que adora tudo que está relacionado a Beleza & Moda Feminina, claro com o foco sempre voltado para maquiagem que realmente é a minha obsessão. (BF1)

(22) Uma estudante goiana que ama produtinhos de beleza, adora ir atrás de novidades, curiosa e exagerada que gosta de aprender novas coisas e conhecer novas pessoas. (BF3)

(23) X, Potiguar, Cicloativista, estudante de Psicologia e Enfermagem, apaixonada por moda, aprendiz de estilista, muito curiosa, observadora e blogueira viciada. (BF2)

(24) Todas as idéias aqui vem de uma pequena menina mulher de 21 anos, viciada em salto, maquiagem, roupas e cosméticos em geral. (BF6)

(25) Jornalista, balzaquiana, otimista incorrigível, comilona, de choro fácil, riso também, apaixonada pelo casamento, por São Paulo, por cachorros e, agora, pela maternidade. (BF40)

Através destes recortes, podemos observar que os temas a serem tratados nos blogs, em grande parte dos casos, não são enunciados apenas como “o assunto” do blog, mas como algo que realmente interessa e motiva a blogueira a escrever sobre. Essa motivação é expressa nestes recortes (e em muitos outros do corpus) através das palavras *obsessão*, *ama*, *apaixonada* e *viciada* que intensificam em um grau máximo o envolvimento da blogueira com o tema sobre o qual vai escrever, além de ser um modo de se dar a conhecer pelo leitor. Este “exagero” da motivação representado por um enunciador-individual que localiza o interesse do locutor em uma escala extraordinária pode ser relacionado também ao uso de *super*, seja ele um modificador sobrerrealizante ou um intensificador da modalização/força ilocucionária, já que nos dois casos *super* também mostra o engajamento do locutor com seu enunciado, colocando-o em uma escala extraordinária.

Voltando aos temas, são eles os objetos dessas paixões, amores, vícios e obsessões: *beleza*, *moda feminina*, *maquiagem*, *produtinhos de beleza*, *salto*, *roupas*, *cosméticos*, *casamento* e *maternidade*. No caso do último recorte, ao contrário dos outros casos, observamos que o tema do blog não diz respeito a qualquer assunto de moda e/ou beleza, mas em relação à maternidade (*e agora [apaixonada] pela maternidade*). Excetuando-se o recorte (21) em que não temos uma marcação explícita do locutor, nos outros quatro recortes, observamos que o locutor se representa como feminino, através das marcas linguísticas: *apaixonada*, *curiosa*, *observadora*, *blogueira*, *viciada*, *menina mulher*, *balzaquiana* e *comilona*.

Uma última questão observada através da análise dos perfis das blogueiras e seguidoras destes blogs foi a presença (ainda que implícita) da discussão sobre o lugar que tem este tema geral de “moda e beleza feminina” no espaço enunciativo da blogosfera, que pode nos mostrar que este tema não é tratado e recebido pelas mulheres de forma homogênea. O que observamos é uma tensão entre um discurso que defende a feminilidade como o exercício de práticas cujo objetivo é estar sempre bonita e aquele que defende que a feminilidade não é apenas isso ou ainda que a preocupação estética seria um sentimento fútil. É a eterna tensão entre beleza e inteligência que, como vimos, já apareceu em outros recortes anteriormente. Há dois perfis em que esta questão aparece de modo mais explícito:

(26) Sou uma mulher normal, e tenho dias de gatinha e dias de creuza. Eu adoro escrever, fru-frus de mulherzinha, estudar, ouvir Beatles, beber um bom vinho, viajar e, como vocês podem supor, sou vidrada com internet! (BF35)

(27) Designer de moda por formação, **criei o G. E. há 7 anos** em um surto criativo em uma madrugada de insônia. A intenção sempre foi dividir com as amigas as novidades de moda, beleza e celebridades, **sem ninguém que atrapalhasse dizendo que aquilo era tudo bobagem ou futilidade sabe?** É assunto de menininha? Sim! Então deixa a gente livre pra assumir o tal lado “stupid girl” sem ninguém encher o saco! Kkkk (BF36)

Em (26) observamos inicialmente uma oposição feita entre “dias de gatinha” e “dias de creuza”. Não conseguimos uma definição clara para a palavra *creuza*. No Dicionário informal *creuza* é definida como uma “gíria usada por gays para definir qualquer coisa sem marca, coisa ordinária”.⁹¹ Já, em alguns blogs encontramos definições mais positivas de *creuza* “como uma mulher que usa produtos bons e baratos”, por exemplo. Porém, pelo modo como o locutor constrói seu enunciado, podemos compreender que *creuza* parece atribuir uma qualidade negativa, uma vez que se opõe à *gatinha* que designa geralmente uma mulher bonita. Esta oposição sustenta o interesse do locutor em temas relacionados à beleza. Esse interesse é retomado como um dos elementos enumerados como objeto de apreciação do locutor através da expressão *fru-frus de mulherzinha* e é ela que nos interessa aqui.

Esta expressão é normalmente utilizada ou para desqualificar um homem diminuindo a sua masculinidade ou para fazer uma separação de práticas e comportamentos entre homens e mulheres. Além disso, *frufu* é também definido como *enfeite* ou *ornamento*, ou seja, algo que não é necessário, que cumpre a função apenas de tornar algo mais bonito ou bem arrumado.⁹² E a articulação desta palavra à *mulherzinha*, como uma

⁹¹ Dicionário informal. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/creuza/>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

⁹² “frufu: sm. 1. Pop. Aquilo que é infantilizado, ingênuo, típico de meninas. 2. Pop. Conjunto de enfeites, babadinhos etc. com que se ornam as roupas. 3. Rumor de folhas ou tecido, ger. de seda. [F.: Do

especificação do tipo de enfeite ou ornamento, estando essa palavra no diminutivo marca fortemente a ideia de inutilidade ou de futilidade que a expressão *frufu de mulherzinha* pode enunciar. Neste sentido, vemos aparecer aqui um enunciador-genérico que afirma que “existem práticas femininas consideradas fúteis”, entre elas os cuidados com a beleza que seriam assim superficiais, mero ornamento.

Esta relação fica mais clara na descrição que aparece em (27) em que o locutor anuncia o assunto do blog através da enumeração “novidades de moda, beleza e celebridade” e depois a retoma pelos termos totalizadores *bobagem* e *futilidade*. Nesta enunciação, o locutor traz para a cena o enunciador-genérico que afirma o memorável já descrito acima de que a preocupação com a beleza é uma preocupação fútil, assumindo-o como uma característica que não o preocupa. Ele mostra que conhece este memorável, mas que não concorda com aqueles que o enxergam como um problema, pois mesmo reconhecendo o caráter fútil das práticas que exerce, o locutor afirma que criou o blog justamente para poder exercer essas práticas, sem que houvesse julgamento sobre elas.

Assim, temos um enunciador-individual que reconhece o memorável que traz o enunciador-genérico, mas que apesar de não contestá-lo, discorda do desdobramento avaliativo que ele impõe, inclusive destacando isso no texto através do uso do negrito. Entretanto, observamos uma concessão nesta postura do locutor ao utilizar a expressão “lado stupid girl”, pois ela pressupõe que a futilidade é apenas uma das características dessas mulheres, mas que não a definem e não compromete suas outras características. Ou seja, o que diz aqui o locutor é que ele sabe que o assunto sobre o qual vai falar é fútil, mas que em alguns momentos não há problema algum em falar de coisas fúteis, pois este seria apenas um dos interesses que uma mulher pode ter e que não quer dizer necessariamente que ela só se interesse por assuntos fúteis ou superficiais, por exemplo.

A expressão que aí aparece “assunto de menininha” funciona também na mesma direção de “frufu de mulherzinha”, pois nos dois casos os especificadores *menina* e *mulher* estão no diminutivo com sentido depreciativo. E nos dois casos, o locutor reconhece o memorável trazido pelo enunciador-genérico, porém não concorda com o julgamento

fr. *froufrou*.]”. (IDICIONÁRIO AULETE. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/frufu>>. Acesso em: 28 jan. 2014).

negativo que ele faz sobre esta característica e, dessa forma, assume-a como uma característica através de um enunciador-individual. O mesmo memorável aparece na descrição de outro blog: “O blog foi criado afim de ser um meio de comunicação sobre utilidades femininas”. Neste caso, o locutor retoma o enunciador-genérico para se opor a ele, através da expressão comumente utilizada para designar os assuntos tratados por estes blogs *futilidades femininas*, utilizando o termo *utilidades*.

Através dos recortes acima analisados, podemos perceber que o locutor se marca no espaço de enunciação em que circulam estes blogs como um locutor que fala do lugar social de mulher jovem, com especificações em alguns momentos, como *mulher jovem profissional*, *mulher jovem mãe* e *mulher jovem esposa*. Este locutor, como foi possível perceber, estabelece como alocutário privilegiado também a mulher jovem, sendo que em alguns casos este alocutário é explicitado por marcas linguísticas no gênero feminino, interditando assim um alocutário-homem jovem. Através do modo como se enunciam em seus perfis, as blogueiras que escrevem sobre temas ligados ao universo feminino criam um espaço de interlocução entre mulheres, para que elas troquem ideias e experiências a partir de um processo de identificação de interesses comuns.

Além disso, vemos aparecer em algumas destas enunciações certos memoráveis que circulam sobre as mulheres e que são retomados por um enunciador-individual para se contrapor a eles. Vemos aparecer o memorável de que a mulher não pode ser feliz hoje sendo apenas mãe/esposa/dona de casa sem uma profissão, o memorável de que a mulher não pode exercer sua sexualidade como mulher ao mesmo tempo em que desempenha seus papéis sociais de mãe/esposa/profissional, o memorável de que a mulher gosta de fazer fofoca e, por fim, o memorável de que a preocupação com a beleza é um assunto exclusivamente feminino e de caráter fútil. Em todos os casos, os memoráveis são trazidos pelo locutor para a cena enunciativa para mostrar que o locutor tem conhecimento deles e que discorda do julgamento que eles impõem.

Por fim, podemos dizer que este locutor que enuncia do lugar social de mulher jovem é predicado também por um engajamento emocional forte, representado por um enunciador-individual, através de expressões como *amar*, *adorar*, *ser apaixonada por*, etc. que sobrerrealizam o engajamento do locutor e conferem autoridade para que ele enuncie

sobre o tema que ama/adora. Em conjunto com essas expressões, a forma *super* pode também ser considerada como uma marca que produz este efeito de engajamento emocional forte, tanto em seu funcionamento como sobrerrealizante, como em seu funcionamento como modalizador.

Neste sentido, podemos dizer que a forma *super* é uma das marcas linguísticas que caracterizam um *modo de dizer a intensificação*, capaz de produzir uma identificação de gênero. Esta identificação se dá como uma identificação ao gênero feminino, uma vez que ocorre majoritariamente em um espaço de enunciação que é a blogosfera dividida como um espaço feminino, no qual circulam os blogs que falam sobre moda, beleza e maternidade. Não queremos dizer com isso que ele não possa ocorrer em outros espaços de enunciação, uma vez que temos observado a sua ocorrência também em outros contextos, ainda que em menor número, mas que o fato dele ocorrer majoritariamente nesse tipo de blog mostra que ele é tomado como uma marca típica de um modo de dizer feminino.

Retomando as questões analisadas até aqui, podemos dizer que a blogosfera é um espaço enunciativo e como tal é atravessada pelo político. Nele observamos certas divisões que marcam a nossa sociedade, tais como a divisão entre escrita e oralidade, entre o português e o inglês e a divisão de gênero. Em relação a esta última divisão, pudemos perceber que ela se dá tanto no que diz respeito ao direito ao dizer, quanto aos modos de dizer, pois na blogosfera, assim como em outros espaços enunciativos, o direito a falar sobre determinados temas é concedido ora a homens, ora a mulheres, a depender se este tema é considerado como do universo masculino ou feminino. E essa divisão pode ser marcada linguisticamente pelos modos de dizer, como, por exemplo, através da diferença na produção da intensificação. Dessa forma, observamos que neste espaço dividido, a ocorrência de *super* como MS ou como modalizador marca um modo de dizer representado como feminino na blogosfera.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo descrever e analisar o funcionamento de *super* como forma livre na enunciação, especialmente na sua relação com o verbo, partindo da observação de que este funcionamento se diferenciaria daquele de *super-* prefixo. Para compreender essa diferença de funcionamento, procuramos no capítulo 1 mostrar como a unidade prefixal tem sido tratada na Lexicologia, retomando os critérios que a caracterizam, tais como dependência da base, posição e função. Comparando alguns enunciados com as ocorrências de *super* (forma livre) e de *super-* (prefixo), foi possível observar várias diferenças em relação ao funcionamento dessas duas formas, entre elas o fato de que a primeira, diferentemente da segunda, não ocorre presa à base, não obedece necessariamente à posição de anterioridade em relação à palavra que modifica e não tem como função formar uma nova palavra.

Essas diferenças são importantes e mostram que temos na ocorrência de *super* (forma livre) um funcionamento diferente daquele do prefixo, no entanto, a principal diferença observada diz respeito aos sentidos que estas formas expressam no enunciado. Enquanto *super-* (prefixo) ao se ligar a um verbo expressa o sentido de *excesso* ou *abundância*, a forma livre *super* expressa sentidos diferentes destes, ainda que guarde uma noção geral de intensificação, podendo ser um equivalente do modificador *muito*, do advérbio *sempre* ou ainda dos marcadores asseverativos *mesmo*, *com certeza*, *sem dúvida*, etc. Neste sentido, observamos que uma forte característica de *super* como forma livre é a sua polissemia, o que explica por sua vez a sua mobilidade sintática, bem como a sua pluralidade de funções no enunciado, além de marcar sua diferença em relação ao seu correspondente *super-* (prefixo) que teria um sentido e um funcionamento mais limitados.

Além de procurarmos compreender a diferença entre o funcionamento de *super* (forma livre) e de *super-* (prefixo), nos preocupamos também em compreender a relação desta forma com o verbo sobre o qual incide, visto que tínhamos como ideia inicial que *super* seria um modificador intensificador do verbo. Assim, partindo da observação de que poderia haver incompatibilidade semântica entre a modificação graduadora de *super* e certos verbos, procuramos verificar se algumas das propriedades semânticas do predicado

verbal poderiam restringir a incidência de *super*. Para isso, utilizamos o conceito de acionalidade, tal como é trabalhado por Ilari e Basso (2008), bem como os testes que estes autores propõem para verificar certas propriedades semânticas dos predicados verbais, classificando-os assim de acordo com a sua acionalidade.

Através dessas ferramentas, fizemos uma distinção entre os predicados verbais apenas em relação ao seu caráter de duração ou não duração, procurando observar se esta propriedade poderia influenciar a ocorrência de *super* com estes verbos. De fato, tivemos como resultado uma grande diferença de ocorrência entre estes dois grupos, pois observamos que *super* ocorre com mais frequência com predicados durativos do que com predicados não durativos. Além da diferença em relação à frequência, observamos também diferença em relação à função que *super* desempenha nestes predicados: enquanto entre os durativos ele funciona como um modificador intensificador, com os não durativos ele funciona como um elemento modalizador.

Essas duas diferenças que encontramos podem ser explicadas pela polissemia que marca os modificadores graduadores do português que ora podem funcionar como quantificadores, ora como intensificadores, devido à própria dificuldade que se tem em delimitar o que seria a intensificação. Neste sentido, observamos que os predicados não durativos costumam privilegiar uma leitura quantificadora desses modificadores e, neste caso, *super*, por não estar quantificando o predicado nos enunciados que analisamos, estaria funcionando como um elemento que modaliza o enunciado. Já os predicados durativos privilegiam uma leitura intensificadora e, nestes casos, *super* funciona como um intensificador do predicado verbal.

Como exceção a essas regularidades, encontramos um grande número de ocorrências de *super* com os verbos não durativos *recomendar* e *indicar*, que se explica pelo fato destes serem verbos performativos e, nestes casos, *super* estaria intensificando a força ilocucionária com a qual o locutor realiza o enunciado performativo. Encontramos também algumas ocorrências em que *super* intensifica não a ação expressa pelo verbo, mas a repetição dessa ação (a iteratividade), especialmente no caso dos verbos não durativos que aparecem no presente.

Assim, entendemos que a análise do capítulo 2 nos permitiu observar duas grandes funções de *super* no enunciado. Por um lado, *super* pode funcionar como um **intensificador** (do predicado verbal, da iteratividade e da força ilocucionária) e, por outro, como um **modalizador** (do enunciado e da enunciação) ou ainda como um modificador da modalização, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 1 - Funcionamentos encontrados para “super” (forma livre)			
INTENSIFICAÇÃO	Intensificador do predicado	Predicados durativos	Eu super gosto dos produtos da marca. (<i>Eu gosto intensamente</i>)
	Intensificador da iteratividade	Predicados não durativos	Eu super faço esses enxertos na minha unha. (<i>Eu sempre faço esses enxertos</i>)
		Verbos performativos (não durativos)	Eu super recomendo um corretivo mais pro laranja, tipo um tom pêssego ou salmão. (<i>Eu recomendo sempre esse corretivo</i>)
	Intensificador da força ilocucionária	Verbos performativos e perífrases de futuro (predicados durativos e não durativos)	Nossa eu super vou fazer essa receita. (<i>Com certeza/Prometo que eu vou fazer essa receita</i>)
MODALIZAÇÃO	Modalizador do enunciado	Predicados não durativos	Essa menina super nasceu pra câmera. (<i>Ela com certeza nasceu pra câmera</i>)
	Modalizador da enunciação	Verbos performativos (não durativos)	Hoje eu trago pra vocês algumas lojas virtuais que super indico para comprar maquiagem. (<i>Eu indico fortemente essas lojas</i>)
	Modificador da modalização	Verbos modalizadores (durativos)	Eu super acho que foi um esbarrão do destino. (<i>Eu não só acho, como eu tenho certeza de que foi um esbarrão do destino</i>)

Diante da pluralidade de funcionamentos que encontramos, procuramos no capítulo 3 explorar o funcionamento semântico-enunciativo de *super*. Para isso, trabalhamos com o conceito de MS, utilizando os testes de identificação deste modificador, propostos por García Negroni (1995, 1999). Através destes testes, foi possível perceber que eles parecem funcionar bem quando *super* está intensificando o predicado verbal, sendo possível nestes

casos, a sua substituição por *muito* (ainda que estes dois modificadores expressem graus diferentes), mas que não funcionam quando *super* desempenha outras funções no enunciado. Essas outras funções dizem respeito à modalização do enunciado, bem como à intensificação da força ilocucionária, sendo que no primeiro caso observamos que *super* pode tanto modalizar o enunciado, como modificar a modalização já produzida pelo verbo, especialmente nos casos dos marcadores evidenciais (verbos *ver* e *achar*).

Neste sentido, nossa análise mostrou que *super* pode ser considerado um elemento intensificador, mas que não se restringe à predicação, uma vez que atua sobre categorias enunciativas como a modalização e a performatividade dos enunciados. Isto nos levou a considerar *super* como um ponto importante de observação da relação do locutor com seu enunciado, mostrando assim a necessidade de compreendermos esta forma como uma marca enunciativa, e não apenas como um modificador do verbo. Assim, consideramos *super* como um modificador sobrerrealizante, no sentido de que ele expressa um grau extraordinário, mas entendemos que esta sobrerrealização não se restringe à predicação, funcionando como um elemento que marca um forte engajamento do locutor com sua enunciação, através da produção/intensificação da modalização ou da força ilocucionária.

Por fim, diante dos resultados que encontramos nas análises e da forte característica do nosso corpus constituído por enunciados retirados de blogs com temática considerada “feminina”, procuramos observar o espaço de enunciação em que *super* ocorre, a fim de expandir a análise desta forma como uma marca enunciativa através da qual o locutor se representa no enunciado. Utilizando alguns conceitos trabalhados pela Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2005), fizemos a descrição da blogosfera como um espaço enunciativo que, enquanto tal, é marcado por divisões determinadas politicamente. Entre essas divisões está aquela determinada pelas relações de gênero, como pudemos observar em nosso corpus.

Essa divisão se dá, entre outras maneiras, através da distribuição do direito ao dizer, bem como da diferenciação nos modos de dizer. Em relação ao direito ao dizer, observamos que a blogosfera é marcada por uma separação dos temas entre femininos e masculinos, determinada por um memorável machista que divide as atividades sociais entre atividades tipicamente femininas e atividades tipicamente masculinas, dividindo assim os direitos para

falar sobre estes temas. Já os modos de dizer podem ser caracterizados a partir da relação do locutor com seu enunciado, podendo ser marcados por certas formas linguísticas. No caso do nosso corpus, *super* é uma das formas mobilizadas pelo locutor para marcar seu engajamento emocional forte com a enunciação. É neste sentido que compreendemos a forma *super* como uma das marcas características de um modo de dizer feminino.

Retomando então os pontos através dos quais procuramos descrever o funcionamento de *super* como forma livre, podemos dizer que esta forma diferencia-se de *super-* (prefixo) não apenas por critérios morfossintáticos, mas principalmente pelo significado que ela assume e as funções que desempenha nos enunciados em que ocorre. Neste sentido, entendemos que *super* (forma livre) pode ser considerado como um modificador que pode atuar ora sobre a predicação (intensificando-a), ora sobre a enunciação, modalizando o enunciado (ou modificando a modalização) e intensificando um ato ilocucionário, mostrando assim seu caráter polissêmico na enunciação. Além disso, entendemos que *super* constitui-se como uma marca de um modo de dizer feminino, capaz de nos mostrar como o locutor se relaciona com a sua enunciação e com seu interlocutor.

Dessa forma, procuramos neste trabalho descrever e explicar um fenômeno linguístico que tem nos chamado atenção e que parece ser bastante produtivo na língua. Ainda que tenhamos realizado certos recortes para desenvolvermos essa pesquisa, acreditamos que conseguimos abarcar funcionamentos diversos de *super* como forma livre, procurando explicar os funcionamentos que encontramos nos enunciados por nós analisados. Essa análise fez surgir outras questões que não pudemos desenvolver aqui, mas que constituem um material de análise interessante para futuros trabalhos sobre o tema. Por fim, acreditamos que nosso trabalho pode contribuir para os estudos da significação, especialmente no que diz respeito à descrição e análise das formas linguísticas a partir das quais é possível compreender como o sujeito se inscreve na língua e se subjetiva, contribuindo assim para os estudos sobre a relação entre a língua e a enunciação.

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios, 191).
- ANSCOMBRE, J.-C. De l'argumentation dans la langue à la théorie des topoï. In: ANSCOMBRE, J.-C. (Org.). **Théorie des topoï**. Paris: Éditions Kimé, 1995. Chap. 1, p. 11-48.
- _____. La nature des topoï. In: ANSCOMBRE, J.-C. (Org.). **Théorie des topoï**. Paris: Éditions Kimé, 1995. Chap. 2, p. 49-84.
- AUSTIN, J. L. [1962, 1975] **Quando dizer é fazer: palavras em ação**. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BASÍLIO, M. **Teoria lexical**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007. (Série Princípios, 88).
- BORBA, F. S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. (Coord.). São Paulo: Editora UNESP, 1990.
- BRAGA, D. B. A constituição híbrida da escrita na internet: a linguagem nas salas de bate-papo e na construção dos hipertextos. In: **Leitura: teoria e prática**, Campinas, Mercado de Letras, n. 34, 1999, p. 23-29.
- CASTILHO, A. T. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. 1968. 126 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Marília, 1968.
- _____. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010. P. 551-570.
- CASTILHO, A. T.; ILARI, R. Advérbios predicadores. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M.; CASTILHO, A. T. (Orgs.) **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. Parte 1, p. 413-456. Vol. 2: Classes de palavras e processos de construção.
- CASTILHO, A. T.; MORAES DE CASTILHO, C.M. Advérbios modalizadores. In: **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. Cap. 10, p. 199-248. Volume II: Níveis de análise linguística.
- CAVALCANTI, R. F. **Um estudo sobre alguns prefixos de origem latina numa abordagem gerativa**. 1980. 2v. 471f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.

CHIERCHIA, G. Eventos. In: CHIERCHIA, G. **Semântica**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. Cap. 9, p. 489-539.

CORÔA, M. L. M. S. **O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

DUARTE, P. M. T. **A formação de palavras com prefixos latinos e vernáculos**. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1995.

DUBOIS, J. (1973) **Dicionário de Linguística**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

DUCROT, O. (1973) As escalas argumentativas. In: DUCROT, O. **Provar e dizer**. São Paulo: Global, 1981. Cap. XIII, p. 178-228.

_____. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987. Cap. VIII, p. 161-222.

_____. Argumentação e “topoi” argumentativos. In: GUIMARÃES, E. (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989. P. 13-38.

_____. Les modificateurs déréalisans. **Journal of Pragmatics**, n. 24, p. 145-165, 1995a.

_____. Topoi et formes topiques. In: ANSCOMBRE, J.-C. (Org.). **Théorie des topoi**. Paris: Éditions Kimé, 1995b. Chap. 3, p. 85-100.

_____. Conferencia 1: Introducción. In: **La semántica argumentativa: una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos**. Ducrot, O.; Carel, M. Edición literária a cargo de GARCÍA NEGRONI, M. M., LESCANO, A. M. Buenos Aires: Colihue, 2005. P. 9-26.

GALVÃO, V. C. C. Uma análise sincrônica do processo de mudança desenvolvido pela forma *achar*. In: _____. **O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização**. 1999. 170 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Cap. IV, p. 65-102.

GARCÍA NEGRONI, M. M. Scalarité et réinterprétation: les modificateurs surréalisants. In: ANSCOMBRE, J.-C. (Org.). **Théorie des topoi**. Paris: Éditions Kimé, 1995. Chap. 4, p. 101-144.

_____. Las expresiones de alto grado. Su lugar en una Semántica Argumentativa. **Revista Brasileira de Letras**, São Carlos, Editora da Universidade de São Carlos, v.1, n.1, p.13-18, 1999.

_____. Acerca de los fenómenos de relectura y reinterpretación en el discurso. **Revista Discurso y Sociedad**. Barcelona, Gedisa Editorial, v. 2, n.4, p. 89-108, 2000.

GARCÍA NEGRONI, M. M.; TORDESILLAS, M. La modalidad. In: GARCÍA NEGRONI, M. M.; TORDESILLAS, M. **La enunciación en la lengua : de la dêixis a la polifonia**. Madrid: GREDOS – Biblioteca Românica Hispânica, 2001. Cap. 4, p. 92-113.

GONÇALVES, S. C. L. Abordagem funcional da modalidade epistêmica e da evidencialidade. In: **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil**. 2003. 260 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Cap. II, p. 51-94.

GOULART, P. V. S. *Super* se gramaticalizando: o movimento de gramaticalização do ‘super’ em blogs de revistas para adolescentes. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, XV, 2011. Rio de Janeiro. **Cadernos do CNFL**, v. XV, nº 5, t. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Pp. 2507-2525. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_3/215.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2013.

GUIMARÃES, E. (1987) As regularidades linguísticas: texto e recorte. In: GUIMARÃES, E. **Texto e argumentação**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2001. Cap. I, p. 11-18.

_____. (2002) **Semântica do acontecimento**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.51, n.1, p. 49-68, Jan./Jun. 2009.

_____. (2005) Sentido e ação. In: GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2010. Cap. VI, p. 37-43.

_____. Fundamentos. In: GUIMARÃES, E. **Análise de texto: procedimentos, análises, ensino**. Campinas: RG Editores, 2011. Parte I, p. 17-30.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M.; CASTILHO, A. T. (Orgs.) **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. Cap. 3, p. 163-365. Vol. 2: Classes de palavras e processos de construção.

KOVALESKI, N.V.J.; TORTATO, C. S. B.; DE CARVALHO, M. G. Gênero: Flashes de uma construção. In: CASAGRANDE, L. S.; DE CARVALHO, M. G.; DA LUZ, N. S. (Orgs.). **Igualdade de gênero: enfrentando o sexismo e a homofobia**. Curitiba: Ed. UTPFR, 2011. P. 47-68.

LIMA, A. F. DE. Desgramaticalização de {-inho}. **Signum: Estudos da linguagem**, Londrina, UEL, v. 12, n.2, p. 205-224, dez. 2009.

MARCUSCHI, L. A. O Hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, UCPel, v. 4, n.1, p. 79-112, 2001.

_____. Oralidade e escrita. **Signótica**, Goiânia, UFG, v.9, p. 119-145, 1997.

MOURA NEVES, M. H. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (Org.) **Gramática do Português Falado**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. Cap. 5, p. 171-208. Vol. VI: Desenvolvimentos.

PISCITELLI, A. Gênero em perspectiva. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 141-155, 1998.

RIBEIRO, T. da S. A Internet e as novas construções com o prefixo super-. **Revista Palimpsesto**, UERJ, v. 05, p. 136-152, 2006. Disponível em: <<http://www.uerj.br/institutodeletras/palimpsesto>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

RUIZ, E. M. S. D. Kd o portugues dk gnt??? :-D. O blog, a gramática e o professor. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 05, n. 01, p. 115-133, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v5n1/07.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

SANDMANN, A. J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scientia et Labor/Ícone, 1989.

_____. Tipos comuns de formação de palavras. In: SANDMANN, A. J. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1992. Cap. 3, p. 32-50.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. Uberlândia: Gráfica da UFU, 1981.

ZOPPI FONTANA, M. G. A Arte do Detalhe. In: **Web Revista Discursividade**, ed. 9, Jan-Maio 2012. Disponível em: <<http://www.discursividade.cepad.net.br/atual/Arquivos/zopi.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2013.

**APÊNDICE - TESTES PARA CLASSIFICAÇÃO ACIONAL DOS PREDICADOS
ANALISADOS NO CAPÍTULO 2 EM RELAÇÃO À DURAÇÃO**

(1) Eu super vi que vc fugiu do buquê tá...

Eu super vi que você fugiu do buquê por algum tempo. X (leitura iterativa) - **NÃO DURATIVO**

(2) ...fiquei super honrada com o contato e no primeiro momento eu super falei SIM.

Eu super falei sim por uma semana. X (leitura iterativa) - **NÃO DURATIVO**

(3) Flor eu super faço esses “enxertos” na minha unha.

Eu super faço esses enxertos por meia hora. X (leitura iterativa) - **NÃO DURATIVO**

(4) Eu super como bombom de café!!!

Eu super como bombom de café há anos/há meses/por alguns minutos. X (leitura iterativa) - **NÃO DURATIVO**

(5) Eu super recomendo um corretivo mais pro laranja, tipo um tom pêssego ou salmão.

Eu super recomendo um corretivo em tom laranja há dois anos. X (iterativo) - **NÃO DURATIVO**

(6) Hoje eu trago pra vocês algumas lojas virtuais que super indico para comprar maquiagem.

Eu super indico esta loja há alguns meses. X (iterativo) - **NÃO DURATIVO**

(7) Eu super vivi a crise dos 5 meses, vislumbrando o fim do aleitamento exclusivo.

Eu super vivi a crise dos 5 meses por uma semana. OK - **DURATIVO**

(8) Ahhh eu super gostei do gloss!

Eu super gostei do gloss por algum tempo. OK - **DURATIVO**

(9) Eu super gosto das maiorias dos produtos da marca [...].

Há algum tempo eu super gosto da maioria dos produtos da marca. OK - **DURATIVO**

(10) Aloka dos esmaltes, eu super quis.

Eu super quis os esmaltes por algum tempo. OK - **DURATIVO**

(11) Também amei essa paleta! Super quero!!!

Super quero essa paleta há meses! OK - **DURATIVO**

(12) SUPER quero que ela venha pro Brasil!

Há meses eu super quero que ela venha pro Brasil. OK - **DURATIVO**

(13) Eu super amo o filme meninas malvadas.

Eu super amo esse filme há anos. OK - **DURATIVO**

(14) Eu super acho que tem que ser a Alexis Bledel [...].

Há algum tempo eu super acho que tem que ser a Alexis Bledel. OK - **DURATIVO**

(15) Eu super apoio a iniciativa e por isso toda semana irei postar algum esmalte rosa.

Eu super apoio a iniciativa há algumas semanas. OK - **DURATIVO**

(16) E eu super lembrei do meu tempo de pirralha [...].

Por algumas horas eu super lembrei do meu tempo de pirralha. OK - **DURATIVO**

(17) Eu super lembro dessa febre da corsário [...].

Há algum tempo eu super lembro dessa febre. OK - **DURATIVO**

(18) Como achei o trabalho maravilhoso, pedi permissão para fotografar e super quis compartilhar com vocês.

Por algum tempo quis compartilhar o trabalho com vocês. OK - **DURATIVO**

(19) E super soube combinar as cores.

Por alguns meses ele super soube combinar as cores. OK - **DURATIVO**

- (20) Nossa eu super vou fazer essa receita!
Eu super vou fazer essa receita por algum tempo. X (leitura iterativa) - **NÃO DURATIVO**
- (21) ... esses lápis que você mostrou são perfeitos, super vou comprar!
Super vou comprar esses lápis por algum tempo. X (leitura iterativa) - **NÃO DURATIVO**
- (22) aaain, acho que super vou gostar.
Acho que super vou gostar por algum tempo. OK - **DURATIVO**
- (23) Eu super vou querer ver esse post sobre a tão misteriosa mãe!
Por alguns dias eu super vou querer ver esse post. OK - **DURATIVO**
- (24) Amei essa menina! Super nasceu pra câmera.
Essa menina super nasceu pra câmera por algum tempo. X - **NÃO DURATIVO**
- (25) Adoreeeeeei as makes dela da postagem, super dá pra fazer!
Super dá pra fazer essas makes por 15 minutos. X (leitura iterativa) - **NÃO DURATIVO**
- (26) Ela dá uma super hidratada nas unhas [...].
Ela dá uma super hidratada nas unhas por algum tempo. OK - **DURATIVO**
- (27) Eu super tenho vontade de ler esta série [...].
Há algum tempo eu super tenho vontade de ler esta série. OK - **DURATIVO**
- (28) Super morro de rir só de lembrar das cenas hilárias...
Super morro de rir por alguns minutos só de lembrar das cenas. OK - **DURATIVO**
- (29) Eu super sou igualzinha a vc!
Há anos super sou igualzinha a você. OK - **DURATIVO**
- (30) Nossa, Loma, super estou nessa vibe!
Há meses eu super estou nessa vibe! OK - **DURATIVO**

ANEXO I - FONTES DOS ENUNCIADOS ANALISADOS NO CAPÍTULO 1

- (1) Exemplo retirado do DICIONÁRIO DE USOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL, 2002, p. 1504.
- (2) Exemplo retirado do DICIONÁRIO DE USOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL, 2002, p. 1503.
- (3) Disponível em: <<http://www.didissertando.com/2013/01/o-destino-finalmente.html>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (4) Disponível em: <<http://leiturancas.wordpress.com/2013/01/31/gabriel-garcia-marquez-e-meu-pai-seus-lindos-%E2%99%A5/>>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- (5) Disponível em: <<http://ajuda.forumeiros.com/forum>>. Acesso em: 27 jul. 2011.
- (6) Disponível em: <<http://modices.com.br/moda/amando-cara-delevingne-a-modelo-cheia-de-atitude/>>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- (7) Sem referência.
- (8) Disponível em: <<http://oficinadeestilo.com.br/2009/03/24/as-leggings-das-leitoras-e-os-jeitos-de-usar/>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (9) Disponível em: <<http://faleidiario.blogspot.com.br/2013/01/vou-de-colirio-em-malhacao.html>>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- (10) Disponível em: <<http://www.euvouderimel.com/2013/01/lipsticks-dream-box-mkup-cosmetics.html>>. Acesso em: 30 jan. 2013.
- (11) Disponível em: <<http://www.supercaprichada.com.br/2012/12/inspire-se-em-cabelos-da-demi-lovato.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (12) Disponível em: <<http://aimeudeuseuoucasar.blogspot.com.br/2013/01/esse-cara-sou-eu-parte-2.html>>. Acesso em: 30 jan. 2013.
- (13) Disponível em: <<http://www.decaronanamoda.com/2012/12/mascara-de-cilios-doll-eyes-da-nyx.html>>. Acesso em: 29 jan. 2013.
- (14) Disponível em: <<http://aveccharme.com/2013/01/31/make-de-carnaval/>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (15) Disponível em: <<http://lovesbooksandcupcakes.blogspot.com.br/2013/01/resenha-o-segredo-de-emma-corrigan.html>>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- (16) Disponível em: <<http://www.omundodejess.com/2013/01/dica-como-eu-pinto-meu-cabelo.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (17) Disponível em: <<http://interruptedreamer.blogspot.com.br/2013/01/resenha-anjo-mecanico-de-cassandra-clare.html>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

ANEXO II - FONTES DOS ENUNCIADOS ANALISADOS NO CAPÍTULO 2

- (1) Comentário ao post “Meu Gordinho casou!”. Disponível em: <<http://www.2beauty.com.br/blog/2012/05/07/meu-gordinho-casou/>>. Acesso em: 29 jan. 2013.
- (2) Post “o primeiro anúncio em revista a gente nunca esquece”. Disponível em: <<http://dianabenchimol.com/2012/10/06/o-primeiro-anuncio-em-revista-a-gente-nunca-esquece-%E2%99%A5/>>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- (3) Post “E aê sumido?”. Disponível em: <http://sonhodeumadirectioner.blogspot.com.br/2013/01/because-everything-happens-to-me_26.html>. Acesso em 30 jan. 2013.
- (4) Post “Eu super como”. Disponível em: <<http://ogtem.blogspot.com.br/2012/08/eu-super-como.html>>. Acesso em: 30 jan. 2013.
- (5) Post “Maquiagem masculina pra continuar com cara de homem”. Disponível em: <<http://www.acordeilinda.com/2013/01/maquiagem-masculina-pra-continuar-com.html>>. Acesso em: 30 jan. 2013.
- (6) Post “Dicas de lojas virtuais para comprar maquiagem!”. Disponível em: <<http://www.umpoucodetudomarinacoelho.com/2012/11/dicas-de-lojas-virtuais-para-comprar.html>>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- (7) Post “Pensamentos rápidos sobre peito e amor”. Disponível em: <<http://www.carolesuasbabybobeiras.com/2011/10/pensamentos-rapidos-sobre-peito-e-amor.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (8) Comentário ao post “BOCÃO DA JANA, WATER SHINE EXTRA VOLUME DA MAYBELLINE!”. Disponível em: <<http://www.janainabarroso.com.br/2012/03/bocao-da-vez-water-shine-extra-volume.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (9) Post “Blush Avon – Cor Pêssego”. Disponível em: <<http://luzinhaprincess.blogspot.com.br/2013/01/blush-avon-cor-pessego.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (10) Comentário ao post “Hits – Hello Kitty”. Disponível em: <<http://www.esmaltadamente.com/2012/11/hits-hello-kitty.html>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (11) Comentário da própria autora ao post “URBAN DECAY – “BOOK OF SHADOWS” ALICE IN WONDERLAND”. Disponível em: <<http://www.makeuphoney.com/2010/01/urban-decay-book-of-shadows-alice-in.html>>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- (12) Comentário ao post “Entrevista – Cassandra Clare”. Disponível em: <<http://www.lendoecomentando.com/2010/09/entrevista-cassandra-clare.html>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (13) Comentário ao post “Indicação: 3 páginas do facebook”. Disponível em: <<http://www.placestyle.com/2012/11/indicacao-3-paginas-do-facebook.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (14) Comentário ao post “Look da Semana: Emma Watson”. Disponível em: <<http://www.fashionismo.com.br/2012/09/look-da-semana-emma-watson-3/>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (15) Post “Relembrando – Esmaltes Rosas”. Disponível em: <<http://www.vidrinhosencantadores.com.br/2012/10/relembrando-esmaltes-rosas.html>>. Acesso em: 29 jan. 2013.
- (16) Post “Gravação de Amor e Sexo”. Disponível em: <<http://arquitetamaquiada.blogspot.com.br/2011/03/gravacao-de-amor-sexo.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (17) Comentário ao post “A volta da calça corsário!”. Disponível em: <<http://www.fashionismo.com.br/2012/09/a-volta-da-corsario/>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (18) Post “Me in japan: Exposição bonequinhos japonesas”. Disponível em: <<http://www.diariosdeumpiquenique.com/2013/01/me-in-japan-exposicao-bonequinhos.html>>. Acesso em: 01 fev. 2013.

- (19) Comentário ao post “Color blocking again!”. Disponível em: <<http://www.milipavan.com.br/2011/03/color-blocking-again.html>>. Acesso em 31 mar. 2013.
- (20) Comentário ao post “[RECEITA] SCOONES“. Disponível em: <<http://www.two-bee.com/>>. Acesso em: 30 jan. 2013.
- (21) Comentário ao post “Kit de 12 mini-lápis de olho“. Disponível em: <<http://www.horadamake.com/2011/10/kit-de-12-mini-lapis-de-olho.html>>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- (22) Comentário ao post “Gungor, indicação musical da semana!”. Disponível em: <<http://www.passarelaestreita.com/2012/12/gungor-indicacao-musical-da-semana.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (23) Comentário ao post “Fala série! – Top Tem 2012“. Disponível em: <<http://www.cafecomblablabla.com.br/2012/12/28/fala-serie-top-ten-2012/>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (24) Comentário ao post “AMANDO CARA DELEVINGNE, A MODELO CHEIA DE ATITUDE“. Disponível em: <<http://modices.com.br/moda/amando-cara-delevingne-a-modelo-cheia-de-atitude/>>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- (25) Comentário ao post “Inspiração da Semana: Scarlett Johansson“. Disponível em: <<http://www.embuscadamakeperfeita.com/2012/09/inspiracao-da-semana-scarlett-johansson.html>>. Acesso em: 29 jan. 2013.
- (26) Post “Cuidado com as unhas e cutículas“. Disponível em: <<http://www.rotinadeboneca.com.br/2012/09/cuidados-com-as-unhas-e-cuticulas.html>>. Acesso em: 29 jan. 2013.
- (27) Comentário ao post “[Resenha] Uma Loba cheia de estilo (Monster High #3) – Lisi Harrison“. Disponível em: <<http://www.detudoumpouquinho.com/2012/05/resenha-uma-loba-cheia-de-estilo.html>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (28) Comentário ao post “#Resenha – O Segredo de Emma Corrigan – Sophie Kinsella“. Disponível em: <<http://lovesbooksandcupcakes.blogspot.com.br/2013/01/resenha-o-segredo-de-emma-corrigan.html>>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- (29) Comentário ao post “Hey ho, lets go!“ Disponível em: <<http://www.doce-vestido.com.br/2011/05/hey-ho-lets-go.html>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (30) Comentário ao post “MURAL DE INSPIRAÇÕES 2013“. Disponível em: <<http://sernaiotto.com/2013/01/13/mural-de-inspiracoes-da-lominha/>>. Acesso em: 02 fev. 2013.

ANEXO III - DADOS ENCONTRADOS NA BUSCA DIRECIONADA QUE NÃO FORAM ANALISADOS

- (1) *É, nesse dia eu super dei sorte, era o único do meu tamanho, rsrs!!* Comentário ao post “Look do Dia: Leather and Max Colar!”. Disponível em: <<http://www.puroglamour.com/2012/06/look-do-dia-leather-and-max-colar.html>>. Acesso em: 28 jan. 2013.
- (2) *Pra quem nasceu desprovida de cílios como eu, achei que ela super dá uma levantada no olhar.* Post “Máscara de cílios Doll Eyes da NYX”. Disponível em: <<http://www.decaronanamoda.com/2012/12/mascara-de-cilios-doll-eyes-da-nyx.html>>. Acesso em: 29 jan. 2013.
- (3) *a Linda da Ju super dá dicas pra lá de atuais para as plus size.* Post “Look da Semana”. Disponível em: <http://www.blogqueroserryca.com/2013/01/look-da-semana_14.html>. Acesso em: 29 jan. 2013.
- (4) *Gente, ela super faz pose que nem modelo!!!* Comentário ao post “A Gisele do futuro”. Disponível em: <<http://www.pimentanoteuerefresco.com.br/2011/03/gisele-do-futuro.html>>. Acesso em: 30 jan. 2013.
- (5) – *Passei no McDonalds e comprei comida pra gente~sorriu./- Ah, pra Alice tbém./Eu: Ela super vai comer.* Post “E aê sumido?”. Disponível em: <http://sonhodeumadirectioner.blogspot.com.br/2013/01/because-everything-happens-to-me_26.html>. Acesso em: 30 jan. 2013.
- (6) *EU super faço isso!!!* Comentário ao post “Faça você mesmo: Umidificador de cachos caseiro (ou leave in líquido)”. Disponível em: <<http://www.maxibolsa.com.br/2012/11/faca-voce-mesmo-umidificador-de-cachos.html#axzz2JUyUI9Ki>>. Acesso em: 30 jan. 2013.
- (7) *Eu não super comprei maquiagem porque, arrumando minha penteadeira por esses dias (depois ponho fotos) me liguei que acho que não preciso de mais absolutamente nada...* Comentário ao post “Vem nimir, Panvel!”. Disponível em: <<http://www.vendenaofarmacia.com/2012/01/vem-nimir-panvel.html>>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- (8) *Super vou comprar um pra mim.* Post “Conhecendo a Miucha Calçados“. Disponível em: <<http://www.janasabrina.net/2010/10/conhecendo-miucha-calcados.html>>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- (9) *Super quero Viva para contar só to esperando que fique barato.* Comentário ao post “[VIDEO] Retrospectiva Literária 2012”. Disponível em: <<http://www.book-addict.com/2012/12/retrospectiva-literaria-2012.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (10) *Super quero um desse kkkkkk será que tem de platina?* Comentário ao post “Nooooossa! Eu sempre quis isto!”. Disponível em: <<http://www.bettys.com.br/dicas/noooooossa-eu-empres-quis-isto/>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (11) *eu quero uma com o ombro caído com estampa de um leão, super quero.* Comentário ao post “Camisetas com estampa de bicho!”. Disponível em: <<http://www.blogqueroserryca.com/2012/11/camisetas-com-estampa-de-bicho.html>>. Acesso em: 01 fev. 2013.

- (12) *yey...esse eu super quero!!* Comentário ao post “TODA MANEIRA DE AMOR VALE A PENA”. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/11/toda-maneira-de-amor-vale-pena.html>>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- (13) *Super Quero!!* Comentário ao post “Concorra a kit exclusivo da El Cabriton, com camisetas, carteira e chaveiro à sua escolha”. Disponível em: <<http://movethatjukebox.com/concorra-a-kit-exclusivo-da-el-cabriton-com-camisetas-carteira-e-chaveiro-a-sua-escolha/>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (14) *Super quero P.S Eu te Amo!!!* Comentário ao post “Notícias, notícias e mais notícias!”. Disponível em: <<http://www.nouniversodaliteratura.com/2012/07/noticias-noticias-e-mais-noticias.html>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (15) *Acho bacana demais... super quero tb.* Comentário ao post “Moldura no ensaio – Eu quero!”. Disponível em: <<http://www.umalindapromessa.com/2012/10/moldura-no-ensaio-eu-quero.html>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (16) *Eu Super Quero Liquidação Triagem.* Título do post. Disponível em: <<http://www.triagemjeans.com.br/blog/promocoes-moda/eu-super-quero-liquidacao-triagem/>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (17) *Meninas(os) e o que dizer de Extraordinário? Super quero!* Post “LANÇAMENTOS”. Disponível em: <http://www.meninadabahia.com.br/2013/01/lancamentos_26.html>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (18) *Eu super quero investir em um posietint em tamanho normal, amei muiiito ele!!* Post “Benetint x Posietint – Benefit”. Disponível em: <<http://www.makeuphoney.com/2012/09/benetint-x-posietint-benefit.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (19) *Super quero ganhar!* Comentário ao post “Buffet japonês Mariposa + Sorteio“. Disponível em: <<http://www.comerrezando.com/2012/10/buffet-japones-sorteio.html>>. Acesso em: 30 jan. 2013.
- (20) *Super quero participar!* Comentário ao post “Buffet japonês Mariposa + Sorteio“. Disponível em: <<http://www.comerrezando.com/2012/10/buffet-japones-sorteio.html>>. Acesso em: 30 jan. 2013.
- (21) *Super amei e super quero comprar TUDO!!!* Comentário ao post “Cuidado com as unhas e cutículas”. Disponível em: <<http://www.rotinadeboneca.com.br/2012/09/cuidados-com-as-unhas-e-cuticulas.html>>. Acesso em: 31 jan. 2011.
- (22) *Eu super quero encontrar esse kit prata!!* Post “Super Pérola: Kit Nail Blade”. Disponível em: <<http://www.coisasdaporoli.com/2013/01/super-perola-kit-nail-blade.html>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (23) *Eu super quero um dia desenhar assim, são todos encantadores!* Comentário ao post “Ilustração da Semana: Jana Magalhães”. Disponível em: <<http://www.omundodejess.com/2012/09/ilustracao-da-semana-jana-magalhaes.html>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (24) *Niall: - NOSSA, O CARA QUASE QUEBRA O MEU NARIZ E TU AINDA QUER NAMORAR COM ELE./ EU: - Super quero.* Fanfic Niall Horan-Capítulo 14. Disponível em:

- <<http://sonhodeumadirectioner.blogspot.com.br/2013/01/fanfic-niall-horan-capitulo-14.html>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (25) *Taí outra série que eu super quero ler!* Comentário ao post “A ascensão dos nove, Pittacus Lore”. Disponível em: <<http://www.concentrofoba.com.br/2012/12/a-ascensao-dos-nove-pittacus-lore.html>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (26) *Amigaaaaaaa eu super quero ser ela [...]*. Post “Hoje a Kim vai assim”. Disponível em: <<http://www.quersefashion.com/2010/11/hoje-kim-vai-assim.html>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (27) *[...] bati o olho em alguns modelitos que super vou querer para o inverno.* Post “VEM CHEGANDO O... INVERNO!”. Disponível em: <<http://www.sanduichedealgodao.com.br/2013/01/vem-chegando-o-inverno/>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (28) *[...] super vou querer ver todas...* Comentário ao post “Desafio 12 meses 12 esmaltes”. Disponível em: <<http://dicaspoderosas.blogspot.com.br/2013/01/desafio-12-meses-12-esmaltes.html>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (29) *Meu namorado super vai querer assistir, né??? Rsrsr.* Comentário ao post “Filme- Os Mercenários”. Disponível em: <<http://www.gatoquepesca.com/2010/08/filme-os-mercenarios.html>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (30) *Alguns desses lugares eu super tenho vontade de conhecer [...]*. Comentário ao post “Lugares que quero conhecer antes de morrer”. Disponível em: <<http://www.literalmentefalando.com.br/2013/01/lugares-que-quero-conhecer-antes-de-morrer.html>>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- (31) *[...] mas gora que tu disse 5 dilmas eu super tenho que ir na 25 [...]*. Comentário ao post “Swatch Kit Sombra 3D Jasmyne”. Disponível em: <<http://www.brunapazini.com/2013/01/swatch-kit-sombra-3d-jasmyne.html>>. Acesso em: 01 fev. 2013.
- (32) *[...] e eu super gostei desse suporte dela [...]*. Post “Apresentando Annie Rose”. Disponível em: <<http://www.dosetripla.com/2013/01/apresentando-annie-rose.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (33) *O legal da brincadeira é que eu super gostei das perguntas [...]*. Post “Meme: 7 Coisas”. Disponível em: <<http://luuhkawaii.blogspot.com.br/2013/01/meme-7-coisas.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (34) *Nossa, eu não conhecia, super gostei!* Comentário ao post “3 MINUTE MIRACLE AUSSIE”. Disponível em: <<http://www.madamelilica.com/2012/12/3-minute-miracle-aussie.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (35) *Nossa, eu quero! Super gostei!* Comentário ao post “Amici Per Amici”. Disponível em: <<http://www.amiciperamici.com.br/2012/04/calca-de-plush.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (36) *Eu super gostei da cor do blush e das listrinhas tbm!* Comentário ao post “loveen: make teen da @DermageBrasil”. Disponível em: <<http://www.annemakeup.com.br/2010/01/loveen-make-teen-da-dermagebrasil.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.

- (37) *Amiga, eu super gosto*. Comentário ao post “Risque Cobertura Craquelada”. Disponível em: <<http://www.maribelezapura.com/2012/05/risque-cobertura-craquelada.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (38) *Super gosto dessa pegada metalizada...* Comentário ao post “Metal fever: brilhe ainda mais!”. Disponível em: <<http://www.fashionjacket.com.br/2012/10/metal-fever-brilhe-ainda-mais.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (39) *Eu super achei maravilhoso a Supernova [...]*. Post “Delineador com Glitter Yes Cosmetics!”. Disponível em: <<http://www.ogostonaosediscute.com/2013/01/delineador-com-glitter-yes-cosmetics.html>>. Acesso em: 29 jan. 2013.
- (40) [...] *eu super achei que tinha um dedinho de Deus para que você pudesse aproveitar suas qualidades [...]*. Trecho de comentário ao post “Novo layout (e funcionalidades)”. Disponível em: <<http://www.2beauty.com.br/blog/2013/01/07/novo-layout-e-funcionalidades/>>. Acesso em: 29 jan. 2013.
- (41) [...] *mas eu super achei que daria, e deu!* Post “Novo Layout”. Disponível em: <<http://enxergarsemver.blogspot.com.br/2013/01/novo-layout.html>>. Acesso em: 29 jan. 2013.
- (42) *Eu super achei que fosse uma HQ ou coisa do tipo...* Comentário ao post “Parece, mas não é #53”. Disponível em: <<http://www.minhavidaliteraria.com.br/2012/09/parece-mas-nao-e-53.html>>. Acesso em: 29 jan. 2013.
- (43) *Sabe que as vezes eu super me acho super fora do aquário?* Comentário ao post “Será que eu nasci na época errada?”. Disponível em: <<http://semcorteseseemedicao.blogspot.com.br/2010/11/sera-que-eu-nasci-na-epoca-errada.html>>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- (44) *E você acha que foi um esbarrão do destino? Eu super acho [...]*. Post “Quem é esse?”. Disponível em: <<http://achadoseperdi-dos.blogspot.com.br/2013/01/quem-e-esse.html>>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- (45) *Eu super vivo isso!* Post “Onde você guarda seus brincos?”. Disponível em: <<http://maryabout.blogspot.com.br/2012/12/onde-voce-guarda-seus-brincos.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (46) [...] *aliás eu super lembrei de você quando comprei!* Comentário ao post “Reviwe: Perfume Valentina do Valentino!”. Disponível em: <<http://www.fashionismo.com.br/2013/01/review-perfume-valentina-do-valentino/>>. Acesso em: 31 jan. 2013.
- (47) [...] *super lembrei de você agora!* Comentário ao post “Dica de sexta: Mini Donuts!”. Disponível em: <<http://www.tammyreis.com/2011/09/dica-de-sexta-mini-donuts.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (48) [...] *eu super lembrei de Like a prayer quando vi*. Post “As músicas que mais ouvi em 2010”. Disponível em: <<http://blogdabarbrinha.wordpress.com/2010/12/18/as-musicas-que-eu-mais-ouvi-em-2010/>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (49) [...] *e eu super lembrei de vc, e de mim [...]*. Comentário ao post “Pissaladière”. Disponível em: <<http://www.diariosem lactose.com/2011/06/pissaladiere.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.

- (50) [...] e **super lembrei de você** [...]. Comentário ao post “Look no EXTRA”. Disponível em: <<http://www.procurandoeuachei.com/2011/09/look-no-extra.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (51) **Menina super lembrei de você quando passei nas unhas** [...]. Comentário ao post “Os esmaltes usados pelas Empreguetes!!!”. Disponível em: <<http://www.coisasdaporoli.com/2012/09/os-esmaltes-usados-pelas-empreguetes.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (52) **Eu super lembrei da tua quando tava fazendo o post** [...]. Comentário ao post “Pés brilhantes”. Disponível em: <<http://mundoblush.com/2011/09/07/pes-brilhantes/>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (53) **Eu tbm super lembrei da música Bee**. Comentário ao post “Menina Veneno – Jade”. Disponível em: <<http://leverniss.wordpress.com/2012/06/19/menina-veneno-jade/>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (54) **Nossa, super lembro dessa moda** [...]. Comentário ao post “Você apostaria na volta da rasteira estilo Birken? A Schutz tá apostando”. Disponível em: <<http://www.f-utilidades.com/2013/01/23/voce-apostaria-na-volta-da-rasteira-estilo-birken-a-schutz-ta-apostando/>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (55) **eu super lembro que eu só ia pra escola de mocassim** [...]. Comentário ao post “AMOR NOVO: MOCASSIM!”. Disponível em: <<http://www.chatadegalocha.com/2010/09/amor-novo-mocassim/>>. Acesso em: 02/03/2013.
- (56) [...] **o modelito super lembrou os babados gigantes da coleção spring/13 da Balenciaga!** Post “Ivete no Festival de Verão de SSA!”. Disponível em: <<http://www.garotasestupidas.com/ivete-no-festival-de-verao-de-ssa/>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (57) **Eu super fico com os dois pés atrás quando querem cortar meu cabelo** [...]. Comentário ao post “Que toma as decisões por você...”. Disponível em: <<http://www.maxibolsa.com.br/2011/03/quem-toma-as-decisoes-por-voce.html#axzz2a4LJFB2N>>. Acesso em: 02 fev. 2013.
- (58) **Queria super ficar mais dias em Paris** [...]. Post “PASSAGENS COMPRADAS!”. Disponível em: <<http://www.hey-london.net/2013/01/passagens-compradas.html>>. Acesso em: 02 fev. 2013.